

RAMIRO OLIVEIRA

# HISTÓRIA DO KARATE NA BAHIA

Copyright, 2002, by: Ramiro Oliveira  
Direitos reservados a **Ramiro Antonio Moreira Oliveira**  
Telefone: (77) 3261-1689  
Av. Rosa Ricahão, 72, Vila Riachão  
CEP 45700-000  
Itapetinga, Bahia, Brasil  
e-mail: ramiroitapetinga@yahoo.com.br

Coordenação Editorial: Ramiro Antonio Moreira Oliveira  
Capa: Marco Monteiro

Correção Gramatical: Professora Mônica Cristina Coutinho Sampaio  
Revisão Gramatical: Professor Mário Dias  
Revisão Geral: Professora Elzi Carvalho

Agradecimentos:

Agradeço ao Senhor do Bonfim por ter me dado a oportunidade de fazer a 2ª edição desta obra.

Dedico essa 2ª edição a todos aqueles que lutam pelo engrandecimento do karate no mundo.

## SUMÁRIO

Apresentação .....	05
Esclarecimento do Autor .....	06
Capítulo I	
Origem do Karate .....	07
Capítulo II	
Origem dos Estilos de Karate .....	10
Capítulo III	
A Introdução do Karate na Bahia .....	13
Capítulo IV	
Os Pioneiros .....	20
Capítulo V	
Primeiros Clubes .....	28
Capítulo VI	
A Mulher e o Karate .....	32
Capítulo VII	
Expansão do Karate na Capital Baiana .....	34
Capítulo VIII	
Federação Bahiana de Pugilismo – FBP .....	38
Capítulo IX	
Federação Bahiana de Karate .....	42
Capítulo X	
Estilos Praticados na Bahia .....	46
Capítulo XI	
As Divisões do Karate .....	49
Capítulo XII	
As Novas Federações .....	51
Capítulo XIII	
O Karatê Na Minha Vida .....	63
Capítulo XIV	
Estágio Atual .....	74
Bibliografia .....	76

## APRESENTAÇÃO

O karatê surgiu na Bahia na década de 60. Como está fielmente narrado nesta obra, cresceu e desenvolveu-se com muitas dificuldades. Para que os karatecas baianos atin-gissem o nível técnico que ostentam hoje, foi necessário que seus pioneiros sofressem para transpor os obstáculos que lhes surgiram no caminho.

Cito nesta apresentação apenas o nome do saudoso Mestre Denilson Caribé de Castro (In memorian) por todos os benefícios que os seus sacrifícios trouxeram para o nosso ka-ratê, desde a sua origem, até o seu falecimento em 1985.

Vários praticantes daquela época se tornaram excelentes professores e transmitiram aos seus discípulos de forma brilhante as técnicas aprendidas e aprimoradas, bem como apli-caram todo o conteúdo filosófico e educacional que constituem a essência do karatê. Os alunos destes Mestres (2ª Geração do Karatê Baiano), ao absorverem tais conhecimen-tos, sentiram que tinham assumido um compromisso de dar continuidade ao trabalho im-plantado anteriormente e contribuíram decisivamente para que o Karatê Baiano ocupe posição de destaque neste desporto, tanto pelo nível técnico dos seus professores, atle-tas e árbitros, quanto pela postura destes, que são apontados em toda parte como exem-plos a serem seguidos.

A trajetória do Karatê na Bahia é gloriosa e, portanto digna de ser amplamente divulgada. Desta forma, a obra inédita do escritor Ramiro Antônio Moreira Oliveira veio no momento oportuno para tornar público os principais fatos históricos a respeito desta Arte-Desporto. Tenho certeza de que todos os praticantes e simpatizantes que tiverem a oportunidade de ler “A História do Karatê na Bahia” viajarão por um passado recente e continuarão a con-tribuir para que o Karatê Baiano seja cada vez mais respeitado.

Senti-me honrado com o convite para apresentar esta narrativa histórica, parabenido o autor pela feliz iniciativa e desejo uma convivência de paz, respeito e harmonia entre to-dos os verdadeiros karatecas.

Professor Eckener Cardoso

## ESCLARECIMENTO DO AUTOR

Como em qualquer contexto, a história mundial, onde se faz alusão a Cristo no intuito de dividir os acontecimentos históricos em Antes de Cristo (AC) e Depois de Cristo (DC), a história do karatê na Bahia também apresenta uma referência: O japonês Eisuhi Oishi. Portanto, a história do karatê na Bahia deverá ser contada Antes e Depois de Oishi. Nesta obra procurei seguir essa linha divisória, porque foram feitas várias citações a esse fato, pois foi Oishi que deu o passo inicial para que o karatê da Bahia fosse o que é hoje e, uma vez que estamos retratando aqui a verdadeira história do karatê na Bahia, não poderia deixar de seguir a linha de raciocínio de algumas pessoas mais idosas que fizeram essa observação ou referência, não só pela falta de respeito para com elas, mas também para não criar um erro na nossa história, já que foram essas pessoas que fizeram a HISTÓRIA DO KARATÊ NA BAHIA. E se algumas delas ficaram sem uma citação nessa obra, quero registrar aqui que não foi por omissão minha, mas sim por falta de informações, pois fui em vários locais, várias cidades, incomodei muitas pessoas várias vezes, seja por telefone ou pessoalmente, marquei várias entrevistas e às vezes de última hora adiaava, porque teria que cumprir um outro compromisso às pressas, já que tinha uma pessoa em tal lugar ou cidade que tinha algumas informações, mas só dispunha de tempo para a entrevista naquele momento. Não medi esforços para fazer esta obra. Por isso, peço a todas as pessoas com quem marquei um compromisso e não pude comparecer, que me perdoem.

Muito obrigado a todos que me apoiaram, confiaram em mim, receberam-me em suas casas, nos locais de trabalho, sem ao menos me conhecerem. Simplesmente, porque queriam, juntamente comigo, fazer esta obra, que, aliás, não é minha, mas de todos aqueles que lutaram e lutam pelo engrandecimento do karatê na Bahia.

OSS!

## CAPITULO I

### ORIGEM DO KARATÊ

Por mais pesquisas que se façam, é imensa a dificuldade de falarmos sobre uma época de 1200 anos atrás, pois sabemos que a literatura e os meios de informações a respeito do karatê são escassos em função do sistema de ensinamento, de professor para aluno em “círculos fechados”.

Foi no Oriente, outrora misterioso, onde apareceram da mescla de estilos de lutas dos persas, indianos, chineses etc., as lutas sem armas. O karatê de nossos dias, sem dúvida guarda a mesma origem. Os registros mais conhecidos sobre esses estilos de luta são: Tibet, Índia, China, Okinawa, Japão e, finalmente, o mundo ocidental.

Uma das versões mais aceita remontam a centenas de anos, quando monges budistas viajaram da Índia ao templo Shaolim, ao sul da China Central, e lá fundaram o Zen-Budismo. Para fortalecer seus seguidores, desenvolveram o Shirinji-Kempo, um estilo da externa do boxe chinês. Esse estilo, juntamente com o Wa-tang da interna do boxe Chinês, alcançou Okinawa antes do século XV, local onde surgiu o Karatê.

Para compreender a evolução do karatê, é necessário estudar a história de Okinawa, a maior ilha da cadeia Ryu-Kyu, situada a leste da China e ao norte do Japão. Palco de inúmeras guerras civis e tribais. Okinawa foi também centro de várias rotas comerciais, onde se permutavam ricos e exóticos carregamentos originários de diversos pontos do oriente. Isso fez de Okinawa um ponto de encontro de povos, culturas e artes marciais asiáticas.

Quando Wag-ti ou Wan-shu chegou em Okinawa, em 1683, como comissário da China, ele esperava fazer sentir sua influência, impressionando o povo das ilhas com sua notável habilidade. Wan-shu preparou o povo para o estabelecimento da arte de lutar Tomari-te. Setenta e três anos mais tarde, outro comissário Chinês chegava a Okinawa trazendo novas contribuições históricas. Esse comissário era Kong-Shang, conhecido pelos moradores da ilha do Kushanku.

Em meados do século XV, os governantes da Ilha proclamaram um edital (ordem judicial). Para se precaverem de uma revolta, as autoridades proibiram o uso de armas e também os treinamentos marciais. Foi assim que se deu o nascimento das artes do ‘TE’ (mão) e seu desenvolvimento como um sistema de luta.

Devido às constantes invasões, os residentes de Okinawa eram obrigados a se defender de adversários armados. Isto os levou a procurar métodos rápidos e decisivos para que pudessem deter o oponente. Os habitantes da Ilha, proibidos de treinar, viram-se obrigados a praticar a sós e secretamente (essa é a razão pela qual o karatê enfatiza o kata).

Os katas já apresentavam as características das aldeias de Nara, Shuri e Tomari. Tornaram-se então pontos de convergência para o desenvolvimento do Pré-karatê. Surgiram vários estilos, porém em torno de 1830, destacaram-se grandes mestres: Ioshimine, Ta-wata, Ktyuna, Kuwax, Yasutsune Asato (Anko Asato) e outros grandes lutadores.

Desde então o karatê vem inovando e conquistando espaços cada vez maiores. O karatê já existia em estado embrionário. Sua vida, no entanto, dependia da organização de um líder na sua estruturação. Isto ocorreu com o nascimento de Gichin Funakoshi, em Okinawa, no ano de 1869. Funakoshi, após inteirar-se das formas de luta da região, começa sua missão de iluminado, deixando um grande legado à posteridade.

O karatê moderno, todavia, é tido por muitos como uma forma de combate originário da ilha de Okinawa devido à promulgação de um edital que proibia o uso de armas.

Segundo a versão propagada por certos historiadores, foi Gichin Funakoshi (nascido em 1869 e falecido em 26 de abril de 1957) que, instruído desde a mais terna idade nos princípios do boxe da região, o “Okinawa-Te”, parecia mais bem designado a representar esta arte no Japão, a qual aliara toda uma erudição especial: “Foi Gichin Funakoshi o Criador do Karatê”.

Seu primeiro professor foi Yasutsune Asato (Anko Asato) que lhe ensinou a usar braços e pernas como espadas, enquanto Yasutsune Itossu (Anko Itossu) ensinou-lhe a suportar duras pancadas. O mestre Funakoshi aceitou ambos os pontos de vista, dando ênfase aos aspectos espirituais. Porém, isso teve um fim e a trilha seguida pelo karatê mudou em 1902, quando Funakoshi e seus alunos fizeram sua primeira demonstração formal para Shintaro Ozawa, comissário das Escolas da prefeitura de Kagoshina. Em torno de 1906, Funakoshi, que praticava os estilos Shuri-Te e Tomari-Te, deu uma grande demonstração em Okinawa. Nos anos seguintes, ocorreram várias demonstrações, pois acabou o sigilo do karatê.

Em Kyoto, no ano de 1916, no Botokuden, que era o centro oficial de todas as artes marciais, Funakoshi, depois de estudar os métodos de combate da Ilha, fez sua primeira demonstração oficial em Kyoto. Depois de uma apresentação, foi convidado por Shintaro Ozawa, comissário da prefeitura de Kagoshina (o mesmo que havia presenciado sua demonstração em 1902) a fazer uma apresentação de sua arte em Tóquio. Posteriormente em 1922, Funakoshi voltou ao Japão a pedido do Ministro da Educação para apresentar sua arte na “Primeira Exibição Nacional Atlética de Tóquio”. Funakoshi e seu To-De obtiveram um êxito tão grande que Gigoro Kano (fundador do Judô), impressionado com o valor de suas demonstrações, convidou-o ao Kodokan (templo do Judô), na presença dos mais notáveis mestres da época. A comunidade de artes marciais e educacionais ficou tão impressionada e ansiosa em aprender essa nova técnica, que Funakoshi foi convidado a ficar. Após a demonstração em Tóquio, já consagrada por seus atributos na arte do karatê, Funakoshi faz turnê pelas universidades do Japão ensinando uma arte de lutar com as mãos vazias, visando o condicionamento físico e o desenvolvimento do caráter. Foram também os japoneses que nos anos 30 formalizaram o To-De, emprestando-lhe o sistema de graduação de faixas Kyu-Dans do Judô, assim conhecido como quimono branco. Mas aquela prática era ainda muito restrita e confidencial. Em 1932, na ocasião da guerra sino-japonesa que devastava a Mandichuria, era exatamente a época em que o “sensei” Funakoshi mudava o velho termo To-De (técnicas chinesas de mão vazias) para karatê (técnicas japonesas de mão vazias) e modificava os antigos nomes de kata, transcrevendo-os do idioma da china e Okinawa para o japonês (Kushanku-Kanku, Chinto-Gankaku etc).

Funakoshi foi convidado pelo governo para ministrar aulas e difundir sua arte ensinando-as nas universidades. Em 1936, fundou o Shoto-Kan em Tóquio (Shoto: apelido de Funakoshi quando criança e Kan: casa de Shoto).

Após vários debates, em Okinawa Kentsu Yaby, Chojun Miyagi, Choshin Chiban, Gichin Funakoshi e outros, juntamente com o diretor Ota, do Jornal Ryo Ryo Shimpō, resolveram alterar a antiga designação popular do To-De (mão chinesa) para o Karatê-Do (caminho em direção ao vazio, ou caminho de mãos vazias). Todos os mestres presentes eram inquestionavelmente eficientes, porém Funakoshi era de todos o mais culto. Instruído, falava corretamente o idioma japonês, ele estava familiarizado com os costumes japoneses, condições que outros mestres de Okinawa não possuíam.

É mérito também de Funakoshi a transformação do Karatê-Dô (Do: caminho, meio de vida), implicando na transformação de uma simples técnica de combate de um Budo (Bu:

guerreiro; Do: caminho), prática através da qual o homem pode encontrar seu caminho. Funakoshi enfatizava a verdade filosófica. Ele era dotado de uma imensa força interior. Seus golpes e seus bloqueios eram tão fortes e violentos que poucos treinavam com ele. Foi quem primeiro aplicou o estilo de treinamento moderno.

Com o afastamento de Funakoshi, quem assume seu lugar é o filho Yoshitaka. Dono de uma técnica sem precedentes foi o criador do Yoko-geri, Mawashi-geri, Ura-mawashi, Fumikomi (todos golpes de pés) e aperfeiçoamento de técnicas.

Lembramos ainda que é Funakoshi a quem devemos a palavra “karatê”, os métodos modernos de treinamento e a divulgação mundial. O karatê até o estágio atual agregou, como toda arte, técnicas e movimentos de inúmeros estilos. Entretanto, hoje sua importância e universalidade são notórias e seu estilo inconfundível.

O karatê é, sobretudo uma arte marcial que põe a prova o caráter, a personalidade, a alma e o organismo de quem o pratica, fazendo com que exista uma luta interna, levando o praticante a desafiar e a vencer a si mesmo.

O espírito do Karatê é como uma poderosa essência que penetra todas as coisas, mas permanece apenas naquelas que conseguem esvaziar-se para recebê-lo.

“Kara” - o vazio, o universo, o céu, a neutralidade ou luz. É uma substância na prática da arte. “Te” - mão, nessa transição havendo um caminho: “DO”.

Durante séculos, há mais de 1200 anos, o processo através do qual emergiu-se, expandiu a arte e depois o esporte do Karatê-Do.

## CAPITULO II

### ORIGEM DOS ESTILOS DE KARATÊ

O karatê começou na verdade com três estilos diferentes, na ilha de Okinawa. E mesmo esses três estilos foram desenvolvidos de uma metodologia conhecida simplesmente como “TE” (que significa “mão”).

Conquanto a maioria das derivações do “Te” tenha ocorrido em Okinawa mesmo, outras foram criadas no Japão por indivíduos que viajaram até a China a fim de aperfeiçoar seu treinamento.

TE - um dos primeiros sistemas de luta reconhecidos em Okinawa. É uma arte marcial conhecida simplesmente como “Te”. Originou-se, no século XVI, da necessidade de se criar um método de defesa a mãos nuas devido à proibição imposta pelos governantes japoneses da ilha, ao uso de qualquer tipo de arma.

Um dos primeiros mestres reconhecidos dessa forma de luta a mão vazia, foi Shungo Sakugawa (1733-1815) que, por sua vez, obteve grande parte de sua formação de um monge chamado Peichin Takahara.

Sakugawa teria ensinado seu estilo a Soken Matsumura – um dos maiores artistas marciais de que se tem notícia ter existido.

Conquanto a conexão Sakugawa / Matsumura tenha sido a raiz do maior dos estilos de karatê desenvolvidos em Okinawa e mais tarde no Japão, muito outros sistemas foram criados sem qualquer influência de Matsumura ou Sakugawa.

Três principais centros de treinamento cresceram em Okinawa no decorrer do século 18. Um deles situava-se na antiga capital Shuri onde a realeza e os nobres viviam; outro em Naha – porto da ilha e o último em Tomari. A partir de então, cada uma dessas cidades passou a desenvolver seu próprio estilo – distinto dos demais.

SHURI-TE – Por ensinar na cidade Shuri, o estilo “Te” de Sakugawa ficou conhecido como Shuri-te. Sakugawa tinha quase 70 anos, quando um jovem chamado Soken Matsumura começou a treinar com ele. Matsumura revelou-se o melhor aluno que Sakugawa já produzira e, depois da morte deste, tornou-se um dos mais proeminentes instrutores de Shuri-te. Foi sua influência que deu ensejo ao surgimento da maioria dos diferentes estilos de karatê praticados hoje.

TOMARI-TE – Tomari localizava-se próximo à pequena aldeia de Kumessura (cidade Kume) habitada por militares que possuíam habilidade em várias artes de combate. Entre essas habilidades incluíam-se as artes “externas” advindas do templo Shaolim, e os sistemas “internos” que traçavam sua origem de outros locais.

Enquanto o shuri-te foi influenciado quase que exclusivamente pelo estilo mais duro shaolim externo, o Tomari incluía uma mistura de sistemas internos e externos.

Um dos primeiros mestres reconhecidos em Tomari-te foi Kosaku Matsumora que ensinou o estilo com o máximo de sigilo. Assim, somente uns poucos alunos de Matsumora conseguiram se tornar proeminentes o suficiente para passar o estilo adiante.

Outro importante instrutor de Tomari-te foi Kokan Oyadomari, cujo motivo para a fama foi o de ter sido o primeiro instrutor do grande Chotoku-Kyan.

NAHA-TE – Dos três principais estilos de Okinawa da época, o Naha-te foi o que maior influência recebeu dos sistemas internos da china e o que menor contato teve com a tradição externa shaolim.

O maior mestre de Naha-te foi Kanryo Higashionna. Há evidências de que Higashionna tivesse obtido lição de Matsumura (estilo Shuri-te), mas por curto período de tempo. Higashionna era ainda bem jovem quando se mudou para a China, onde permaneceu muitos anos. Quando retornou a Naha, abriu uma escola que enfatizava técnica respiratória dos estilos internos chineses. Higashionna teve muitos alunos que acabaram por se tornar famosos por seus próprios esforços e méritos: Chojin Miyagi e Kenwa Mabuni foram dois deles.

### ESTILO WADO-RYU

WADO-RYU – Nas muitas demonstrações que dava, Funakoshi fazia-se acompanhar de alguns de seus melhores alunos. E o aluno que assistia mais freqüentemente era Hironori Otsuka. Nos anos trinta Otsuka – que começara a treinar com Funakoshi em 1926 – era tido como um dos melhores praticantes de karatê do Japão.

O curioso é que, quando Otsuka juntou-se à escola de Funakoshi, ele já era um mestre de Shindo Yoshin Ryu Jujitsu, mas abandonara aquele estilo para seguir Funakoshi.

Depois de treinar com Funakoshi por cerca de 10 anos, Otsuka partiu novamente e passou a estudar outros estilos de karatê por breves períodos de tempo. Há evidência de que chegou a treinar com Choki Motobu antes de seguir seu próprio caminho.

Em 1939, Otsuka fundou o karatê Wado-Ryu (“Wa” significando “harmonia” e “Do”, “caminho”). Otsuka combinou o karatê que aprendera de Funakoshi com sua própria excelência em Shindo Yoshin-Ryu Jujitsu para desenvolver um sistema bem mais suave que a maioria dos demais, enfatizando a perfeição técnica. Assim surgiu o Wado-Ryu que se tornaria um estilo popular em todo o mundo.

### ESTILO SHORIN-RYU

SHORIN-RYU – O shuri-te e o Tomari-te evoluíram num estilo chamado Shorin-Ryu - que reconhece a influência do Templo Shaolim (“Shorin” é a palavra japonesa para “Shaolim”). Foi por volta da era Matsumura que as duas formas de artes mesclaram-se em um só estilo. Um dos maiores expoentes do recém formado estilo foi Yatsutsume (Anko) Itosu que foi também um dos melhores alunos de Matsumura.

### ESTILO GOJU-RYU

GOJU-RYU – O Naha-te que Higashionna ensinou, evoluiu até o Shorei-Ryu e começou a se assemelhar com estilos cujas origens se desenvolveram no Templo Shaolim. O estilo original de Higashionna foi influenciado pelo sistema de luta que existia na china antes da tradição Shaolim e se situava em um plano mais suave do que o Shorin-Ryu. O aluno de Higashionna, Chojun Miyagi, queria ensinar um estilo similar ao ensinado por seu instrutor. Assim, por sugestão de Higashionna, Miyagi viajou até a china para complementar seu treinamento, concentrando-se nas técnicas respiratórias e nos vários sistemas internos.

Miyagi voltou depois a Naha e, após poucos anos, viajou ao Japão para ensinar na antiga capital de Kyoto. A arte de Miyagi evoluiu do Naha-te de Higashionna ao que em 1929, Miyagi chamou Goju-Ryu (“Go” com o significado de “duro” e “ju” de “suave”). Foi essa combinação filosófica entre o duro e suave que fez o estilo Goju-Ryu ser um dos mais populares estilos de karatê de hoje. Um dos maiores alunos de Miyagi foi o falecido Gogem Yamaguchi.

## ESTILO SHOTOKAN

SHOTOKAN – O fundador do Karatê Shotokan, Gichin Funakoshi, foi aluno tanto de Yasutsume Itosu quanto do bom amigo deste, Yasutsume Azato. Itosu aprendeu seu estilo de karatê de Soken Matsumura e Azato foi treinado no Tomari-te por Kosaku Matsumura. Funakoshi, por conseguinte, teve extensivo treinamento Shorin – Ryu (ou Shuri-te) e um resquício do Shorei-Ryu. Por sua associação com esses grandes instrutores, Funakoshi pôde treinar também com uma variedade de outros mestres.

Foi na época em que vivia em Tóquio, nos anos 30, que Funakoshi fundou o Shotokan. “Shotokan” significa “Casa de Shoto” (O apelido “Shoto” tinha origem de sua profissão: “Desenhista”).

Funakoshi esteve na vanguarda de uma era na qual a diversidade de estilos de karatê se tornara preponderante. Conquanto não fosse um defensor dos estilos “especializados” de karatê, Funakoshi causou uma influência que concorreu para causar tais divergências.

## ESTILO KYOKUSHINKAI

KYOKUSHINKAI – O Kyokushin é um dos mais rijos estilos de karatê que existe hoje. Seu fundador Matsutatsu Oyama começou o treinamento no karatê Shotokan, em escola militar, aos 14 anos de idade. Oyama era na verdade um coreano chamado Yee Hyung tendo mudado de nome quando chegou ao Japão.

“Mas” Oyama foi convocado para a Armada Imperial em 1941, depois de apenas alguns anos de treinamento com Ginchin Funakoshi. Pós-guerra, Oyama começou a treinar com Chojun Miyagi, porém mais tarde decidiu entrar em reclusão viajando para Kiyosami, onde permaneceu isolado por cerca de um ano e meio. Quando finalmente retornou à civilização, Oyama tentou dar início a seu próprio estilo de Karatê, porém para encontrar moderado êxito.

Foram as tentativas de Oyama em matar bois com um único golpe que lhe granjeou fama suficiente e lhe abriu algumas portas. Em 1952, Oyama fez uma turnê pelos Estados Unidos numa tentativa de popularizar o seu estilo. Aceitou desafios, enfrentou todos que se propuseram a lutar com ele e nunca perdeu uma competição, acabando com a maioria dos adversários por nocaute. Quando ele voltou ao Japão, Oyama fundou a Kyokushinkai – uma escola de estilo tremendamente forte.

O kyokushin enfatiza pesado contato corporal para ajudar os alunos a sobrepujarem o medo. Os competidores da Kyokushinkai não usavam equipamento protetor nos torneios e a maioria dessas competições eram vencidas por nocaute.

Outros aspectos muito enfatizados pelo estilo são as habilidades de quebra – o tameshū-ari. Para receberem a faixa preta, os alunos têm que, além de ser aprovados em combate, demonstrar a habilidade de quebrar um certo número de telhas ou tijolos.

## CAPITULO III

### A INTRODUÇÃO DO KARATÊ NA BAHIA

#### ANTES DE OISHI

Era um dia lindo, o sol estava brilhando como um pedaço de ouro reluzente e no porto da cidade de Tóquio, muitos japoneses se despediam dos familiares, pois iriam viajar para o Brasil; alguns eram engenheiros, outros médicos (quase todos mestres em alguma arte marcial). Todos vinham para o Brasil com intenção de fazer fortuna e fama, nas suas profissões. Porém o destino reservou para muitos um futuro brilhante, um futuro de fama e fortuna, não na profissão que eles escolheram, mas como mestres de judô e karatê. Dentre estes japoneses que embarcaram no navio “América”, estava o mestre Koji Takamatsu, Engenheiro Agrônomo formado pela Universidade de Tóquio, natural da cidade de Kakogawa, província de Hyogo, 5º Dan de karatê estilo Wado-Ryu e 2º Dan de judô, vinha para o Brasil para trabalhar na agricultura. Em outro navio, o Brasil Maru, partia do Japão em direção ao Brasil, o mestre Masahiro Saito, Engenheiro Civil, formado pela Universidade de Waseda, natural de Tóquio, 2º Dan de judô. Os navios partiam em direção ao Brasil, trazendo muitos japoneses que deixaram os seus corações no Japão. Eles estavam indo na direção de um país desconhecido, sem nenhuma certeza do que poderia lhes acontecer, somente tinham a esperança no coração e a certeza de viver em uma pátria distante. Estávamos no ano de 1956 e o navio deslizava sobre as águas do mar, trazendo um povo para uma nação desconhecida, chamada Brasil. Um gigante que precisava da tecnologia dos japoneses, principalmente da engenharia. Depois de longos dias de viagem, finalmente o navio Brasil Maru aportou em terras brasileiras para reabastecimento, justamente no Estado da Bahia.

Na Bahia as artes marciais já eram conhecidas, tínhamos a capoeira, o judô, o jiu-jitsu e a luta livre. Os praticantes de judô da Academia Spartan Gym, souberam da chegada do navio Brasil Maru e resolveram ir ao porto procurar algum mestre de judô que tivesse interesse em ficar na Bahia. O Dr. Geraldo Blandi Mota juntamente com os Srs. Anis Cheams, Moacir de Souza Cintra, Costa e Antonio Oliveira Monteiro, todos faixas-pretas em judô, foram até o navio e conseguiram autorização para entrar e conversar com os japoneses. Eles entraram em contato com o mestre Masahiro Saito e pediram para ele ficar na Bahia lecionando judô. O mestre Saito disse que tinha se comprometido com um pessoal de São Paulo e teria que ir para lá, pois dera a sua palavra e não poderia deixar de cumprí-la.

O navio seguiu viagem e aportou em Santos. Para o mestre Saito, São Paulo parecia que era o Japão.

“Tinha muito japonês lá. Parecia que eu estava no Japão. Então resolvi escrever uma carta para Dr. Geraldo Mota pedindo que me arranjasse serviço.” – Comenta o mestre Masahiro Saito.

O Dr. Geraldo Mota arranhou um emprego para o mestre Saito em uma empresa de implementos rurais. À noite ele ensinava judô na Academia Spartan Gym. Algum tempo, nos fins de semana, o mestre Saito fazia apresentações de judô, no Iate Clube, no Bahiano de Tênis etc.

Em 1958, o mestre Saito deixou o emprego e foi trabalhar na Fazenda Santa Bárbara, de propriedade do Sr. José Sisnando, no distrito de Santa Bárbara, município de Feira de Santana. O Sr. Sisnando gostou do trabalho do mestre Saito e pediu a ele que escrevesse

se para os conter-râneos que estavam em São Paulo pedindo para virem trabalhar na fazenda Santa Bárbara.

“Então, resolvi escrever para alguns amigos, dentre eles, o Koji” – Comenta o mestre Masahiro Saito.

O mestre Saito enviou algumas cartas para o mestre Koji Takamatsu que estava em São Paulo e para alguns amigos, convidando-os para virem trabalhar na Bahia. Vieram os mestres Koji Takamatsu (karatê), o Shibata (aikido) e um mestre de kendô. O mestre Koji Takamatsu veio para a Bahia em janeiro de 1958. O mestre Koji Takamatsu, atualmente é 9º Dan de karatê Wado-Ryu, mora em São Paulo e possui uma academia no bairro da Lapa, na Rua Luiz Martins, 127. O mestre Koji Takamatsu ensinava judô e defesa pessoal no clube Feira Tennis Clube, em Feira de Santana e fazia demonstrações de karatê nos finais de semana na Fazenda Santa Bárbara, tendo sido convidado para fazer uma demonstração de karatê no late Clube da Bahia, na festa da PETROBRÁS, em 1958.

“Ao chegar no late Clube da Bahia, assinei o meu nome e escrevi um agradecimento, escrito na língua japonesa, no livro que pessoas honrosas e importantes assinam”.- Comenta o mestre Koji Takamatsu.

Certa feita, o Sr. José Sisnando convidou o Dr. Ângelo Decânio, “Saci”, “Acordeon” e “Ari”, todos colegas das aulas de capoeira para irem à fazenda assistir uma demonstração de judô e karatê.

“Foi a coisa mais linda que já vi em minha vida – comenta o Dr. Ângelo Decânio – parecia que o Koji Takamatsu flutuava no ar. Ele parecia uma borboleta. Foi a demonstração mais linda que já vi em minha vida”.

Paralelamente à chegada do mestre Koji Takamatsu, alguns japoneses que trabalhavam e moravam no Hospital Otávio Mangabeira praticavam o estilo Shorin-Ryu, no pátio do hospital. Eles trabalhavam com horta e criação de galinhas e no final da tarde treinavam judô e karatê Shorin-Ryu. Nesta época, o professor José Monteiro, tinha dez anos de idade e começou a treinar com eles. Esses japoneses tiveram uma briga com um boxeador e depois desse episódio mudaram para Mata de São João.

Devido à seca, o projeto do Sr. Sisnando não deu certo. Então o Dr. Geraldo Blandi Mota contratou o mestre Koji Takamatsu para ensinar defesa pessoal na Academia Spartan Gym. A defesa pessoal tinha alguns golpes de karatê. Os alunos do mestre Koji Takamatsu eram seguranças de pessoas importantes.

O mestre Koji Takamatsu ensinou os fundamentos de karatê e o primeiro kata para alguns alunos do Spartan Gym. Entre eles, Mario Conceição de Souza, Mestre Masahiro Saito. Ao mestre Saito ele até o 3º kata, do estilo Wado-Ryu. O mestre Koji Takamatsu retornou para São Paulo em 1960 e o mestre Masahiro Saito ficou em Salvador.

Os alunos de judô pediram ao mestre Masahiro Saito para ensinar o karatê a eles. O mestre Saito começou a ensinar o karatê para uma turma composta de cinco alunos, dentre eles, estava o Múcio Magalhães.

“Ensinei alguns fundamentos de karatê ao Múcio Magalhães” comenta o Mestre Masahiro Saito.

Algum tempo depois Masahiro Saito fundou um centro esportivo, só para univesitários, na Escola de Engenharia, no Bairro da Federação. Nesse clube, o Dr. Ângelo Decânio era um dos alunos. A turma era composta por alunos que cursavam engenharia, medicina, direito etc.

“Dois alunos meus, Humberto Carlos Noronha e Jayme Nunes Sarmiento, conseguiram um emprego para mim na PETROBRÁS”.- Diz o mestre Masahiro Saito – “Aí então deixei

de ensinar judô na Academia do Dr. Geraldo Mota e fui trabalhar na refinaria em Mataripe”.

Quando o mestre Masahiro Saito foi contratado pela PETROBRÁS, o Dr. Geraldo Blandi Mota foi a São Paulo e contratou um outro japonês, chamado Juniti Onoka, que era 2º DAN de judô, para ministrar aulas no Spartan Gym. Juniti estava no Brasil há um ano e meio e falava um pouco da língua portuguesa. O irmão mais novo de Juniti chamado Yoichiro Onoka, veio para o Brasil, para o estado de São Paulo, em 1960 e era faixa preta de karatê. Juniti então escreveu para ele pedindo para ele vir dar aulas de karatê na Bahia. O Yoichiro veio e ficou apenas três meses ensinado karatê na Bahia. O Yoichiro só teve alguns poucos alunos e preferiu voltar para São Paulo.

Na Academia Spartan Gym tinha-se aulas de Judô, karatê, luta livre, halterofilismo. Era uma academia completa. O Dr. Geraldo Blandi Mota era apaixonado por esporte, por arte marcial. Atualmente a Academia Spartan Gym passou a ser chamada de Spartan Judô Clube.

Depois que Yoichiro Onoka retornou para São Paulo, O múcio Magalhães assumiu as aulas de karatê na Academia Spartan Gym.

“Foi o Múcio Magalhães que manteve o karatê no Spartan Gym depois que Yoichiro foi embora e quando Oishi começou a ensinar no Ginásio Acrópole, ele passou os seus alunos para Oishi” comenta o Dr. Ângelo Decânio.

Em 1961, o professor de defesa pessoal, Mário Conceição, começou a comentar com os seus alunos, no Ginásio Acrópole sobre o karatê. Logo após o término da aula de defesa pessoal, ele falava sobre o karatê, pois aprendera alguns fundamentos e o primeiro kata com o mestre Koji Takamatsu. O professor Mário dizia para os alunos que o karatê não era o seu forte, porque exigia muita flexibilidade. O seu forte era jiu-jitsu e defesa pessoal. Depois de algum tempo ele resolveu ensinar o primeiro kata para os seus alunos, após a aula de defesa pessoal. Ele sempre falava que o karatê era um esporte perigoso, que vivia os pontos vitais do ser humano. Estas aulas levavam em média trinta minutos.

A sua pequena turma gostou e começou a treinar karatê. Muitas vezes o professor Mário pedia ao Sr. Walter Andrade, proprietário do Ginásio Acrópole, para contratar um japonês para ministrar aulas de karatê.

Denílson Caribé, devido a uma cirurgia feita no menisco, em decorrência do futebol, pois jogava na seleção da PETROBRAS, foi para o Acrópole fazer fisioterapia, porque lá era o único local onde se fazia a reabilitação. Os jogadores do Vitória, do Bahia, todos iam para lá para fazer a reabilitação.

Segundo o Sr. Walter Andrade: “Depois de três meses de treinamento, o Denílson viu um movimento defronte a sala de musculação e me perguntou”:

-Sr. Walter, eu posso treinar defesa pessoal ou alguma coisa parecida?

Denílson. - respondi - Se você pratica futebol que é muito violento, a defesa pessoal é moleza para você. - Ele riu e foi procurar o Mário Conceição.

Naquele momento ele conheceu o karatê e começou a treinar mostrando a aptidão que ele tinha para esse esporte. Antonio Amorim, Francisco Fortes, Álvaro Conceição e depois Carlos Alberto Costa foram os primeiros alunos de Mário Conceição. - Finaliza o Sr. Walter Andrade.

## DEPOIS DE OISHI

Eisuki Oishi veio para o Brasil porque queria conhecer o mundo e aprender outras línguas. Ele veio da cidade de Kyoto, no navio Argentina Maru e chegou em São Paulo em

meados de 1961. Depois de seis meses morando em São Paulo, ele encontrou o amigo Yoichiro Onoka que lhe falou sobre a beleza da Bahia, das praias e do povo. Oishi ficou encantado e veio conhecer a Bahia. Ao chegar aqui, no final de 1961, com dezenove anos de idade, foi morar na casa do mestre Masahiro Saito, que na época trabalhava na PETROBRAS, na refinaria de Mataripe. Oishi foi levado por Kazuo Yochida, mestre de judô que veio para a Bahia por intermédio do mestre Masahiro Saito, à casa do Dr. Ângelo Decânio para que este arranjasse um emprego para ele, como técnico em laboratório. O sonho de Oishi era estudar medicina e trabalhar como técnico em anatomia patológica ou histologia.

Oishi foi apresentado ao Dr. Ângelo Decânio em sua residência por Yochida. O Dr. Ângelo Decânio sugeriu então, de primeira, que ele aproveitasse o karatê como fonte de renda para ganhar dinheiro para estudar medicina. Ele não quis. Não queria ensinar karatê, porque achava que era muito violento e o brasileiro não era bom. Então preferiu trabalhar como técnico no Hospital Aristides Maltez, no gabinete de Anatomia Patológica Dr. Lúcio Gomes Filho. Alguns meses depois, ele procurou o Dr. Ângelo Decânio e pediu para reconsiderar, porque o dinheiro que ele ganhava no hospital era muito pouco e ele precisava ganhar um pouco mais.

Depois do pedido de reconsideração, o Dr. Ângelo Decânio, médico cirurgião, muito conhecido na Bahia, amante das artes marciais, resolveu apresentar o Eisuki Oishi ao Sr. Walter Andrade, proprietário do Ginásio Acrópole.

“De repente, vejo o Dr. Ângelo subindo as escadas com um japonês que aparentava dezoito a dezenove anos” – Comenta o Sr. Walter Andrade.

- Você não gostaria de contratá-lo para ensinar o karatê aqui? – Perguntou o Dr. Decânio.

- Sim. – Respondeu o Sr. Walter Andrade.

- O Oishi pretende morar na Bahia e fazer o vestibular para medicina. Com o dinheiro das aulas que ele der aqui, dá para comprar os livros e ele segue nos estudos.

O acordo foi feito e o Sr. Walter, para ajudar ao Oishi, resolveu que sessenta por cento do valor das mensalidades dos alunos de karatê seria do japonês.

Foi feito então uma reunião no gabinete do Sr. Fauzi Abdala, presidente da Federação Bahiana de Pugilismo, onde compareceram Walter Andrade, Dr. Ângelo Decânio, Denílson Caribé, Manoel Quadros, Fauzi Abdala, Kazuo Yochida e Eisuki Oishi. Fizeram um pacto de honra de que o judô e o karatê iam permanecer unidos sem competir pelo mercado de atletas e o Oishi ficaria ensinando com o Sr. Walter Andrade, no Acrópole e o Yochida ficaria com o judô.

Foi colocado anúncio no jornal A TARDE e apareceram alguns alunos e o grupo foi aumentando. O professor Mário Conceição passou a sua turma para o Oishi. A turma que Oishi ensinava era composta a princípio de poucos alunos, dentre eles, Denílson Caribé, Carlos Alberto Costa e Lázaro Gagliano. Os alunos ficaram espantados com a agilidade e velocidade do Professor Oishi, e com as variações dos golpes, isso deu um novo ânimo aos alunos para continuar com o aprendizado. Em alguns dias a notícia correu pela cidade e o Ginásio Acrópole se encheu de alunos. De repente a euforia acabou, pois o Professor Oishi deixou de dar aulas. Denílson Caribé, preocupado com as constantes faltas de Oishi, foi procurá-lo em um pensionato, na Vitória, onde Oishi morava. Oishi tinha pegado uma gripe e estava muito doente. Denílson Caribé ao vê-lo dirigiu-se a ele e vendo-o tremendo de frio, em um dia de muito calor, colocou a mão direita na testa de Oishi e constatou que ele estava com febre, pois havia dias que ele não se alimentava direito e não tinha a quem recorrer porque não falava bem a língua portuguesa.

Denílson Caribé pagou as contas de Oishi no pensionato. Pegou a bagagem dele e levou-o para a sua residência sem consultar os seus pais. Quando chegou em casa, deu a notícia a D. Valda Caribé de Castro, sua mãe. Explicou os motivos que o levaram a tomar tal atitude e, quando o pai dele, o Sr. Lourival Vieira de Castro, chegou para o jantar, viu o japonês em casa e pensou que era apenas uma visita rápida, mas logo ficou sabendo do ocorrido e deu o maior apoio ao filho.

Denílson Caribé quando levou o Oishi para a sua casa, deu-lhe moradia e cuidados médicos. Quando o Oishi se restabeleceu, Denílson Caribé pediu para que este lhe ensinasse o karatê e em troca, ele o ajudaria a melhorar o seu conhecimento da língua portuguesa.

“Eu já estava no Brasil há quase dois anos e falava razoavelmente a língua portuguesa. A mãe de Denilson me ensinou a falar corretamente” comenta Eisuke Oishi.

“Realmente fui eu quem ajudou Eisuke Oishi a falar o português mais corretamente, porque Denilson não tinha tempo” diz D. Valda Caribé.

Em 1962, quando as aulas de karate, no Ginásio Acrópole, se normalizaram, a notícia espalhou pela cidade e os alunos de karatê da Academia Spartan Gym se transferiram para o Ginásio Acrópole. Um desses alunos foi o professor Ivo Rangel. Em 1964 o professor Ivo Rangel abandonou o karatê e passou a treinar judô, com o mestre Kazuo Yochida. Denílson Caribé, depois de algum tempo, ficou tão amigo de Oishi que este passou a morar com ele em um apartamento no bairro da Vitória. Naquele tempo, o Denílson era solteiro e ele deu tudo dentro do possível ao japonês, porque ele sempre foi uma pessoa boa de coração. O trabalho foi aumentando, aos poucos foram chegando mais atletas como: Lázaro Gagliano, Ramiro Gandleman, Vilobaldo Moraes Pedreira e muitos outros.

O Professor Oishi praticava o estilo Wado-Ryu. Ele era muito rápido, aguerrido, chutava bem, e gostava muito de Jiu-Kumitê (luta, combate). Detentor de uma técnica apurada combinava bem golpes de mãos e de pernas, era veloz e arrojado. Em suas aulas predominava o kumitê, o que levava seus alunos a serem bem fortes nessas técnicas. Assim sendo, os “Fundamentos e Kata” eram deixados um pouco de lado. Dadas às limitações do próprio Oishi que, no Japão, era faixa branca, pois no Japão, segundo Oishi, só existiam as faixas: branca e preta. Porém, em Salvador, na condição de instrutor e para impor respeito, ele usava a faixa-preta.

Desde o princípio, alguns alunos se destacaram nas aulas de Oishi, sendo que, dentre eles, Denílson Caribé era o que mais chamava a atenção por sua perseverança, espírito aguerrido e liderança. Aos poucos, essas qualidades o levaram à posição de braço direito de Oishi. Havia ainda outros praticantes de valor, tais como: Carlos Alberto Costa, Renato Duarte, Lázaro Gagliano, Renato de Jesus Pereira e Cláudio de Carvalho Mascarenhas. Depois de dois anos de treinamentos, sentindo a necessidade de maior aprimoramento técnico e intercâmbio, em uma conversa Oishi revelaram a Denílson Caribé que já tinha ensinado tudo que sabia. Então eles decidiram viajar para São Paulo, para buscar novos conhecimentos.

Na época, Denílson Caribé trabalhava na PETROBRÁS, pediu uma folga e viajou para São Paulo com Oishi, pagando toda a despesa do seu próprio bolso. Isso foi em Janeiro de 1964. Ao chegarem em São Paulo, foram recebidos pelo Professor Akira Tanigushi (5º DAN, na época), praticante do estilo WADO-RYU, e dono da academia Mei-Bukan, onde passaram uma semana praticando e observando novas técnicas. Quando iam retornar para a Bahia, o mestre Akira Tanigushi, submeteu os dois ao exame de faixa, Denílson Caribé passou de faixa branca para faixa verde e Oishi foi confirmado na faixa preta; simplesmente ele legalizou a faixa que já vinha usando há muito tempo. De São Paulo eles trouxeram o estilo Goju-Ryu.

Após esse contato, a Bahia foi convidada, em 1965, para o Terceiro Torneio Interestadual de Karatê, em São Paulo, organizado pelo Professor Akira Tanigushi. O professor Ivo Rangel estava treinando judô e, como era bom lutador de karatê, o Eisuke Oishi pediu ao Lázaro Gagliano que fosse convidá-lo para participar do torneio de karatê, em São Paulo. A equipe baiana composta por Lázaro Gagliano, Carlos Alberto Costa, Renato de Jesus Pereira, Ivo Rangel e Renato Duarte Filho, todos faixa verde, além, naturalmente, de Denílson Caribé e Oishi. A Bahia sagrou-se campeã desse torneio histórico, voltando coberta de glória, trazendo novo incentivo para os alunos existentes e atraindo novos adeptos. Aquela vitória, entretanto, foi considerada fácil e trouxe a seguinte dúvida, tanto para Oishi quanto para Denílson Caribé: “Será que nós somos os melhores ou eles não estão se empenhando para treinar?”

“O estilo Goju-Ryu, na época, era muito fraco e a turma gostava de kumitê” – comenta o mestre Oishi – chegamos ao máximo que podíamos naquele estilo e descobrimos que tinha um grupo, bastante evoluído, que praticava o estilo Shotokan, no Rio de Janeiro: era o grupo de Tanaka.

Devido a essa dúvida, eles procuraram o mestre Kazuo Yoshida (o mais destacado mestre de judô do Norte-Nordeste), um dos responsáveis pelo desenvolvimento do karatê na Bahia. Foram relatados a ele os fatos a respeito da competição, as dúvidas com relação à fragilidade do karatê que encontraram nas academias que visitaram em São Paulo, e outras coisas mais. Com um sorriso, o Mestre Kazuo Yoshida ouviu tudo atentamente e depois foi até a escrivania, escreveu um bilhete, em japonês, e olhando para Denílson Caribé, com um sorriso, entregou o bilhete.

Denílson Caribé guardou o bilhete e em 1966, Oishi e Denílson Caribé viajaram para o Rio de Janeiro, mais uma vez Denílson Caribé pagando as despesas, à procura do mestre Yasutaka Tanaka, no bairro de Botafogo, em sua academia Kobukan. Nesse mesmo dia de chegada, Denílson Caribé e Oishi treinaram durante quatro horas e, diante do que viram, chegaram à conclusão de que o que sabiam era nada mais que superficial e primitivo, que ainda precisavam aprender muito.

No segundo dia, ocorreu um pequeno incidente quando treinavam jiu-kumitê (luta): sem intenção Oishi não controlou o golpe e acertou o Professor Inoki, este ficou por alguns segundos desacordado. Isso provocou uma reação de solidariedade entre seus colegas, Tanaka, Lirton Monassa, e dois alunos mais graduados. Oishi foi duramente repreendido, na língua japonesa, por não ter controlado o golpe.

No dia seguinte, não sentindo mais clima para treinar com Tanaka, Oishi viajou para São Paulo e deixou Denílson Caribé sozinho no Rio de Janeiro. Nos treinos, Denílson Caribé enfrentou uma verdadeira guerra, pois todos queriam vingar o acontecido com Inoki. Para Denílson Caribé essa vingança foi muito boa, pois ele aprendeu e se aperfeiçoou ainda mais no jiu-kumitê.

De volta à Bahia, Oishi e Denílson Caribé repassaram as novas técnicas que aprenderam com os professores Tanaka, Lirton, Inoki e Uriu.

Como resultado dessas novas experiências, foi iniciada uma nova fase do karatê na Bahia, com a troca do estilo Wado-Ryu para o SHOTOKAN e além de Denílson Caribé, Ivo Rangel, Lázaro Gagliano, Carlos Alberto Costa e Vilobaldo Moraes, também fizeram viagens periódicas ao Rio de Janeiro, para adquirir novos conhecimentos. Penosas e dispendiosas viagens eram realizadas em grupos de dois ou três, ou até individualmente, pelos alunos. Na época, poucos ainda estudantes, outros funcionários de algumas empresas, tinham dificuldades em conseguir dinheiro para as passagens, alimentação e

hospedagem, não sendo raro às vezes em que dormiam no chão, com o quimono servindo de travesseiro, em academias de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Denílson Caribé e Oishi procuraram o presidente da FBP – Federação Bahiana de Pugilismo, Sr. Fauzi Abdala João, para legalizar o Karatê como esporte amador, perante a CBP – Confederação Brasileira de Pugilismo, que controlava a prática de alguns esportes, de acordo com as Leis Desportivas em vigor.

“Eles foram me procurar para legalizar o karatê”. – Comentou o Sr. Fauzi Abdala.

No dia da audiência, Denílson Caribé compareceu acompanhado de Oishi e do Mestre Yoshida, momento em que foram informados a respeito das normas da CBP/FBP para a organização e funcionamento dentro da legalidade como esporte amador. O Sr. Fauzi Abdala João teve participação na formação das regras e procedimentos para a implantação e consolidação da arte do karatê na Bahia.

Em março de 1967, Oishi resolve deixar a Bahia. Ele procurou os dirigentes da NIHON KARATÊ KIOKAY no Brasil e pediu para que eles designassem alguém para assumir o karatê na Bahia. Os dirigentes da NIHON KARATÊ KIOKAY, designaram Denílson Caribé, que na condição de aluno mais graduado, ficou no encargo de coordenar uma comissão para assumir o comando e a responsabilidade pelo ensino do karatê na Bahia. A comissão era composta pelos alunos mais graduados à época: Denílson Caribé, Vilobaldo Moraes Pedreira e Carlos Alberto Costa. Essa comissão teve validada sua atuação através de documentos da NIHON KARATÊ KIOKAY, Associação Japonesa de Karatê para o estilo SHOTOKAN, e assinado por seu representante, no Brasil, o Professor Yasutaka Tanaka.

“Após deixar a Bahia, viajei para o Paraguai, Argentina, Chile, Bolívia, Peru, Equador e Panamá. Do Panamá fui para o Japão, depois Portugal e Espanha. Gosto de viajar e conhecer o mundo” – Finaliza o mestre Eisuki Oishi.

Com a viagem de Oishi, a NIHON KARATÊ KIOKAY enviava periodicamente um japonês para supervisionar o karatê na Bahia. As visitas periódicas dos mestres de karatê do Rio de Janeiro terminaram em 1968, quando Denílson Caribé conseguiu junto ao Professor Tanaka, a vinda em definitivo do Professor Uriu, 4º DAN na época, para ministrar aulas na Bahia e aprimorar as técnicas dos alunos. Na época Uriu era representante da Associação de Karatê do Japão e aluno do grande mestre Nakayama. Sadamu Uriu era sócio da Academia Shidokan, juntamente com o professor Sohaku Bastos (baiano de nascimento e radicado no Rio de Janeiro). O professor Sohaku foi um dos instrutores de Denílson Caribé no Rio de Janeiro.

Quando Uriu voltou para o Rio de Janeiro em 1970, Denílson Caribé trouxe para a Bahia o professor YOSHIZO MACHIDA, que viveu alguns anos aqui na Bahia.

CAPÍTULO IV  
OS PIONEIROS  
ANTES DE OISHI

Koji Takamatsu (Academia Spartan Gym);  
Masahiro Saito (Academia Spartan Gim);  
Dr. Geraldo Blandi Mota, proprietário da Academia Spartan Gim;  
Tanaka (Hospital Otávio Mangabeira);  
Yoichiro Onoka (Academia Spartan Gym);  
Múcio Magalhães (Academia Spartan Gym);  
Mário Conceição (Ginásio Acrópole);  
Walter Andrade (Proprietário do Ginásio Acrópole);

**KOJI TAKAMATSU** – engenheiro agrônomo, chegou à Bahia em 1958, a convite do mestre Masahiro Saito. Ele era 5º Dan em karate, no estilo Wado-Ryu e 2º Dan em judô, ministrou algumas aulas de karatê na Academia Spartan Gym e nos finais de semana fazia demonstrações na Fazenda Santa Bárbara.

**MASAHIRO SAITO** – engenheiro civil, trabalhou em Salvador em 1956 e em 1958 treinou com Koji Takamatsu. Ministrou aulas de judô na Academia Spartan Gym de 1956 a 1960 e em 1960 ministrou aulas de karatê na Academia Spartan Gym. Depois foi contratado pela PETROBRAS.

**TANAKA** – Foi um agricultor que trabalhava no Hospital Otávio Mangabeira, praticante do estilo SHORIN-RYU, que ensinou alguns fundamentos de karatê ao professor José Monteiro, no ano de 1958. Na época, o professor José Monteiro tinha dez anos de idade.

**YOICHIRO ONOKA** – 2º Dan em karatê, ministrou aulas de karatê no Spartan Gym, veio de São Paulo só para ensinar karatê e ficou apenas três meses na Bahia (1961).

**MÚCIO MAGALHÃES** – Foi aluno do mestre Masahiro Saito na Academia Spartan Gym. Posteriormente ensinou alguns fundamentos de karatê ao professor Ivo Rangel.

**MÁRIO CONCEIÇÃO** – Ensinou alguns fundamentos de karate e o primeiro kata aos Mestres Denílson Caribé e Vilobaldo Moraes Pedreira. Praticante de Defesa Pessoal e Jiu-Jitsu foi o introdutor do karatê no Ginásio Acrópole. Aprendeu os primeiros fundamentos de karatê e o primeiro kata com mestre Koji Takamatsu. Sempre que os japoneses, da Colônia de Mata de São João, permitiam, o mestre Mário Conceição ia até lá para aprender um pouco mais de karate.

“Apenas ensinei alguns fundamentos aos meus alunos de defesa pessoal, porém quem realmente fez o karatê da Bahia chegar ao que é hoje, foi sem dúvida alguma, o mestre Yochiso Machida” - comenta o mestre Mário Conceição.

## DEPOIS DE OISHI

No ano de 1967, Oishi deixou a Bahia. A NIHON KARATÊ KYOKAY, associação japonesa de karatê para o estilo SHOTOKAN, representada no Brasil pelos professores Yasutaka Tanaka e Sadamu Uriu, designou uma comissão encarregada de assumir o comando e a responsabilidade pelo ensino do karatê na Bahia. A comissão era composta por três atletas em conjunto. A comissão era formada pelos alunos: DENÍLSON CARIBÉ (faixa marrom), CARLOS ALBERTO COSTA (faixa roxa) e VILOBALDO MORAES PEDREIRA (faixa roxa).

O Denílson Caribé assumiu a ASKABA e o Vilobaldo Moraes Pedreira assumiu o Acrópole. Em uma aula de kumite, o Roberto Pereira acertou um golpe no rosto de Vilobaldo Moraes Pedreira que quebrou o malar e o maxilar, sendo operado pelo Dr. José Neiva. Por este motivo, Vilobaldo ficou proibido de treinar karate, por seis meses.

Diante desse fato, Denílson Caribé designou Ivo Rangel, na época faixa-verde, para assumir o Ginásio Acrópole. Quando Vilobaldo Moraes Pedreira retornou aos treinamentos, Denílson Caribé o levou para a ASKABA.

Alguns atletas que formaram a primeira geração do karatê na Bahia se destacaram mais que outros. Uns, em campeonatos, outros, como instrutores e administradores do karatê. Hoje eles ostentam os títulos de mestres do karatê na Bahia.

De acordo com os depoimentos de atletas, professores e pessoas ligadas ao karatê na Bahia, os primeiros mestres do karatê na Bahia são: DENILSON CARIBÉ (Falecido), IVO RANGEL DA SILVA, ANTÔNIO ALBERTO ALVES DA FONSECA, RAIMUNDO SANTANA VEIGA, MILTON MUCARZEL LEOVIGILDO e VILOBALDO MO-RAES PEDREIRA.

### **DENILSON CARIBÉ DE CASTRO**

O Mestre Denílson Caribé Nasceu em 15 de fevereiro de 1940, em Santo Amaro da Purificação, Bahia. Iniciou seus treinamentos em 1961, no ginásio Acrópole, tendo como primeiro professor Mário Conceição e depois Eisuke Oishi. Praticou capoeira, futebol, jiu-jitsu e se identificando mais com o karatê. Fez seu primeiro exame de faixa em janeiro de 1964, na academia Mei-bu-kan, em São Paulo, sendo examinado pelo professor Akira Taniguchi, passando de faixa branca para faixa verde. Neste mesmo ano, no mês de dezembro, foi promovido à faixa roxa e participou do I Torneio Nacional de Karatê. No ano seguinte, voltou a participar de outro torneio do estilo Goju-Ryu, sagrando-se campeão. Em 01 de maio de 1967, foi promovido para faixa marrom e participou de mais um torneio, desta vez na cidade do Rio de Janeiro. Em 23 de novembro de 1967, fundou a ASKABA - Associação de Karatê da Bahia. O seu exame para faixa preta foi feito em Salvador, com o professor Sadamu Uriu, porém este exame foi invalidado pelo Sr. Fauzi Abdala por considerar que Denílson Caribé teria que se submeter a uma banca examinadora e não a uma só pessoa.

Diante deste episódio, Caribé prestou novo exame no Rio de Janeiro, dessa vez com uma banca examinadora composta pelos professores Yasutaka Tanaka, Tetsuma Higachino e Juichi Sagara, obtendo notas superiores às que obteve no primeiro exame com Sadamu Uriu.

Em dezembro de 1969, quando disputou o Primeiro Campeonato Brasileiro Oficial de Karatê, sagrou-se vice-campeão em kumitê e kata. Em 1970, nos Primeiros Jogos de Brasília, foi campeão em kumitê por equipe e vice-campeão individual em kata e kumitê. Nesse mesmo ano conquistou mais um título: o de campeão brasileiro, por equipe. Em 1972,

ficou em 5º lugar no II Campeonato Mundial tendo que disputar a última luta com um braço deslocado.

Sua promoção para 4º Dan aconteceu no dia 02 de junho de 1978.

Ao longo de sua vida esportiva, Caribé freqüentou vários cursos de aperfeiçoamento com mestres famosos, como Yasutaka Tanaka, Lirton Monassa, Iroiasu Inoki, Sadamu Uriu, Juichi Sagara, Masathoshi Nakayama, Masahiko Tanaka e tantos outros. Além disso, o mestre Caribé foi fundador da Federação Bahiana de Karatê, instrutor chefe da Nihon Karatê Kiokay, na Bahia e idealizador da Confederação Brasileira de Karatê.

Paralelo à sua vida esportiva, Denílson dedicou-se à pecuária e cafeicultura. Tinha uma empresa de transportes e implantou em Salvador o primeiro restaurante macrobiótico, na Rua do Paraíso, onde existe até os dias de hoje. Também colaborou para que o professor de Yoga, De Rose viesse do Rio de Janeiro para a Bahia, na década de setenta. Em todos os setores de sua vida, o mestre Caribé era conceituado como um homem de qualidades excelentes.

Denílson Caribé não é só um dos pilares do karatê da Bahia, como também é um dos seus grandes representantes juntamente com os seus contemporâneos, pois ele se preocupou muito em interestadualizar o karatê, procurou as federações, as confederações, viajou muito e participou com muita intensidade de todo o processo desse karatê brasileiro. Participava da confederação, participou inclusive da fundação da Federação Baiana e nessa época, normalmente estava neste trabalho todos os seus alunos mais ativos. A equipe era formada por Denílson Caribé, Ivo Rangel, Alberto Fonseca, Lázaro Gagliano, Cláudio Mascarenhas, Luís Sérgio Souza, Jocelin Ribeiro dos Santos. Na realidade, Denílson Caribé liderou uma equipe que fez com que o karatê tivesse essa projeção que tem hoje. Independente desses tinham também os seus irmãos, como Dorival Caribé, um dos melhores lutadores do mundo na sua época e Dalmar Caribé que é muito técnico, passou uma temporada no Japão e é também uma pessoa muito ligada a filosofia. O falecimento de Denílson deixou uma lacuna muito grande no karatê da Bahia, porque ele tinha uma relação muito grande com os mestres, e era muito respeitado no Brasil inteiro.

Na Bahia não há como falar em karatê sem falar na ASKABA e na família Caribé. A partir do momento em que Denílson Caribé se empenhou na luta para engrandecer e divulgar o karatê baiano, sua família não ficou apática ao seu dinamismo, partindo dela seu maior incentivo para que ele alcançasse esse objetivo. Da família composta de doze irmãos, nove homens e três mulheres, cinco deles dedicaram-se ao karatê, atingiram a faixa preta e conseguiram levar o nome do Karatê da Bahia ao Brasil e ao exterior e até hoje esses nomes são lembrados com respeito por grandes mestres que tiveram oportunidade de conviver com eles em eventos nacionais e internacionais. São eles Denílson, Dorival, Dalmar, Décio e Djalma.

No dia 23 de outubro de 1985, perto da cidade de Vitória da Conquista, em um acidente de carro, ele nos deixou em matéria, porém permanece vivo até hoje em nossos corações.

Foi homenageado *post mortem* pela Confederação Brasileira de Karatê com o título de “Patrono do Karatê Brasileiro”, em reconhecimento ao importante trabalho por ele desenvolvido.

## **IVO RANGEL**

Em 1963, no Spartan Gym, conheceu o karatê através do instrutor Múcio Magalhães, aluno do engenheiro japonês Masahiro Saito radicado na Bahia. Nessa época, Ivo Rangel

trabalhava na PETROBRÁS como laboratorista de análises petrofísicas e estudava a noite.

Ivo Rangel começou a treinar karatê com Múcio Magalhães. Com a chegada do japonês Eisuke Oishi a Bahia, Múcio Magalhães resolveu levar Ivo Rangel para treinar no Acrópole com Oishi. Porém em 1964, jovem e insaciavelmente curioso, iniciou-se também no judô, comandado pelo competentíssimo Kazuo Yoshida. Em 1965, quando estava treinando judô, um dos seus companheiros do karatê, Lázaro Gagliano, foi chamá-lo a convite de Oishi, para participar do primeiro torneio nacional de karatê, que seria realizado no Estado de São Paulo, pois Oishi queria levar uma seleção forte. Esta nova motivação o trouxe de volta para o karatê de onde nunca mais se afastou.

No início do ano de 1968, o professor Sadamu Uriu veio residir na Bahia, tornando-se um bom amigo de Ivo Rangel. Naquela época a Bahia começou a brilhar nos campeonatos nacionais e as equipes eram formadas por cinco integrantes, sendo que até 1970, eram titulares absolutos da equipe de kata: Ivo Rangel, Denílson Caribé, Alberto Fonseca, Dalmar Caribé e Ivan Palma. No kumitê, até 1970, a equipe base era formada por Alberto Fonseca, Jocelin Ribeiro, Ivo Rangel, José Guilherme Sabonetão e os irmãos Caribé, Denílson, Dorival e Dalmar; todos de excelente qualidade técnica.

Após aquele campeonato (1970), o professor Sadamu Uriu decidiu voltar para o Rio de Janeiro e entregou a direção técnica do Acrópole e da Escola Superior de Arquitetura a Ivo Rangel.

Da Escola Superior de Arquitetura, emergiram dois competentíssimos atletas, dentre os principais pilares de sustentação do karatê baiano: Roberto Barreto Pereira e Antonio Souto Aderne. Este último, inclusive, foi por várias vezes capitão da Seleção Brasileira e campeão pan-americano.

No Acrópole, Ivo Rangel constituiu sua dinastia, sendo que dentre aqueles que as mais gloriosas vitórias trouxeram, encontravam-se: Zé Mendes, Valdomiro Santos, Nigro Santana, Rafael Ribeiro, Hormínio Santos Filho, Dorival Daniel, Carlos Rangel Junior, Ubirajara Rangel, Silvio Lopes, Pedro Rocha, Damiana Sales, Rita de Cássia, Diana Peixoto, Laudicea Oliveira, Noelia Brito, Claudia Cristina e Nohama Viana.

Foram vinte e um anos de Acrópole, cujos círculos se estendem até o interior, nas cidades de Jacobina, com Wilson Santos (Santo Antônio de Jesus), Geovani Mariel (Ibicaraí), Paulo Abrantes e mais além como Irecê, Xique-Xique, Itapetinga, Itarantim, Itamaraju, Eunapólis, Conquista, Jequié e tantas outras cidades, sendo que algumas delas, hoje, fazem parte da Federação de Karatê Interestilos. Outra tarefa memorável foi à criação da Confederação Brasileira de Karatê, na qual o Mestre Ivo Rangel representou alguns Estados do Nordeste, pois sua fama já se espalhava pelo Brasil e, em especial, nessa região. Considerado um dos mais intelectualizados do karatê brasileiro em atividade, inclusive com livros, de boa qualidade, escritos, artigos semanais em jornais e revistas de circulação nacional, o Mestre Ivo Rangel, paralelamente também concluía o curso de Direito, mas sem se descuidar do karatê. Assumiu assim, pelas conquistas estaduais, o comando da Seleção baiana, conquistando tantos títulos que seu nome faz-se necessário à Seleção Brasileira. Dessa experiência, vieram títulos para o Brasil, de campeão Sul-americano, Pan-americano e mundial, trazidos pelos atletas que integravam a seleção verde e amarela. Enumerar títulos é demorado e cansativo, mas o Mestre Ivo Rangel considera como memoráveis as campanhas de Fukuoka e quatro anos após, já como integrante da Confederação de Karatê Interestilos do Brasil, o de Yokohama, as participações em Luanda, na África, onde o Brasil sagrou-se campeão internacional e o 4º lugar em kumite por equipe, em Granada, no campeonato mundial realizado na Espanha.

Sobre sua passagem para o karatê Interestilos, inclusive criado e lançado no mundo pelo Brasil, relata que foi uma idéia que deu mais certo do que esperava, principalmente porque separava o “joio” do “trigo”.

Ivo Rangel da Silva, 7º DAN, atualmente é Diretor Técnico da Confederação Brasileira de Karatê Interestilos, fundador da Associação dos Faixas-Pretas de Karatê da Bahia, tendo sido o seu primeiro presidente. Delegado da Shoto-Kan Karatê International, na Bahia, Diretor Jurídico da Federação Bahiana de Pugilismo, ex-colaborador das colunas de Karatê dos Jornais A TARDE e Artes Marciais, do Jornal Bahia Hoje, além do Programa Bate Bola da TV Aratu, comandado por Eliseu Godoy.

Dentre os seus mais recentes trabalhos, destacam-se: A implantação do karate como disciplina da Escola Superior de Educação Física, na Universidade Católica do Salvador (UCSal) e também primeiro professor a ministrar aulas no karate universitário católico (UCSal). Introdutor da Karate Interestilos no JOCOPAR – Jogos das Escolas Particulares, unindo desta forma atletas de várias federações de karate nesta competição, anteriormente fechada a uma única federação.

Em 2001, através de ofício com exposição à Secretaria de Educação do estado da Bahia, fundamentando os benefícios do karate na formação disciplinar da juventude conseguiu a inclusão deste esporte, como matéria da área de Educação Física, sob Código 092, para os alunos do 1º e 2º graus das escolas da rede pública e particular de ensino, além da inclusão do karate nas Olimpíadas Baianas da Primavera, tendo sido designado pelo Secretário de Educação, o senhor Eraldo Tinoco, como coordenador desta modalidade. Atualmente, 2002, se transferiu para a Confederação de Karate Interestilos do Brasil – CBKI, filiada à WKC, pois esta entidade, proporciona melhores opções internacionais para os atletas baianos.

## **ALBERTO FONSECA**

Antônio Alberto Alves da Fonseca, faixa-preta 6º Dan, natural de Ilhéus, iniciou no karatê em 02 de fevereiro de 1965, formado em Educação Física pela Universidade Católica da Bahia. Praticou Capoeira antes de se dedicar ao karatê, o qual pratica há muitos anos. Por duas vezes foi campeão do torneio Nacional da Nihon karatê, na modalidade kata e obteve o 4º lugar em jyu kumitê no campeonato Brasileiro realizado na Bahia. Ele foi campeão brasileiro por equipe e várias vezes e campeão baiano de Jyu-Kumitê e kata. Faz parte do quadro de Examinadores da Federação Bahiana de karatê e é membro da sua banca examinadora da Confederação Brasileira de Karate.

## **RAIMUNDO VEIGA**

Raimundo Santana Veiga, 6º Dan, iniciou no karatê no dia 05 de março de 1965, no Ginásio Acrópole, membro efetivo do Conselho Técnico, do Quadro de Árbitros e do Quadro de Examinadores da Federação Bahiana de Karatê. Participou de várias delegações da FBK como delegado, foi vice-campeão do I Torneio/ASKABA no ano de 1968, e Campeão no II Torneio/ASKABA no ano de 1969, na categoria de adulto, modalidade “Kata”, destacou-se em vários campeonatos sempre na modalidade “Kata”, foi Diretor Técnico e também Vice-presidente da FBK. Fez diversos cursos de aperfeiçoamento tanto a nível nacional como internacional. Iniciou como “monitor” na ASKABA, desde a sua fundação e foi “instrutor” no período de 23/11/67 a 31/01/1976. Fundou o CLUBE DE KARATÊ DA PI-

TUBA, onde foi Instrutor Chefe. Pelas orientações do Professor Veiga já passaram mais de cinco mil alunos.

### **MILTON MUCARZEL LEOVIGILDO**

Milton Mucarzel Leovigildo, iniciou no karatê em 1964, 6º Dan é membro efetivo do Conselho Técnico, do Quadro de Árbitros e membro do Quadro de Examinadores da Federação Bahiana de Karatê e da Confederação Brasileira de Karate.

### **VILOBALDO MORAES**

Vilobaldo Moraes Pedreira, 6º Dan. Iniciou os seus treinamentos no ano de 1961, no Ginásio Acrópole. É membro efetivo do Conselho Técnico, do Quadro de Árbitros e do Quadro de Examinadores da Federação Bahiana de Karatê.

Foi terceiro colocado no primeiro torneio realizado em solo baiano, em 1967 no Clube Bahiano de Tenis. Vice-campeão do I Torneio/ASKABA no ano de 1968 e vice-campeão no II Torneio/ASKABA no ano de 1969, todos na modalidade Kunitê. Foi integrante da seleção baiana em vários campeonatos brasileiros, participou de inúmeras demonstrações. Seu primeiro professor foi Mário Conceição e posteriormente Denílson Caribé, Eisuke Oishi, Ysautaka Tanaka, Lirton Monassa e Yoshizo Machida. Fez diversos cursos de aperfeiçoamento de karatê. Lecionou no Clube Acrópole e na cidade de Feira de Santana no clube social Feira Karatê Clube, sendo um dos introdutores de karatê na região do Recôncavo Baiano.

### **SADAMU URIU**

Sadamu Uriu praticante do estilo SHOTOKAN, 4º Dan, na época, foi trazido para a Bahia por Denílson Caribé, com o apoio de Yasutaka Tanaka, em 1968, e ficou aqui até 1970.

### **YOSHIZO MACHIDA**

Yoshizo Machida, praticante do estilo SHOTOKAN, chegou ao Brasil no dia 05 de abril de 1968. Ficou residindo em Belém do Pará. Engenheiro civil veio como funcionário do governo japonês para desenvolver projetos de loteamentos e construções de pontes para a colônia japonesa que vivia na região da floresta Amazônica. Em 1969, saiu da empresa japonesa e foi lecionar karatê na Associação Paraense de Judô.

No ano de 1970, Machida veio para a Bahia atendendo a um convite de Denílson Caribé, para passar uns dias aqui. Gostou muito da Bahia e resolveu permanecer. Com sua presença, o karatê na Bahia desenvolveu bastante. Esse convite foi feito no Torneio Internacional da Nihon Karatê Kiokay, realizado em Brasília. Nessa competição Machida sagrou-se campeão em Kata e Kumite.

Machida e Denílson organizaram o karatê na Bahia e fundaram vinte e seis academias. Juntamente com Machida veio o professor Shimada, que ficou três meses na Bahia passando e depois, a convite de Watanabe, foi para o Rio Grande do Sul. Dez anos depois, Machida retornou ao Pará. Também vieram à Bahia para dar cursos os mestres japoneses: Yoshihaku Osaka, Masahiko Tanaka, Massatoshi Nakayama, Shimada, Tetsuiko Asai, Teruyuki Okasaki, Yokomichi e o nissei (brasileiro) Takashi Shimo, Juichi Sagara, Isutaka Tanaka, Iroiashi Inoki.

## MESTRES BAIANOS DA SEGUNDA E TERCEIRA GERAÇÃO DO KARATE

Adelmo Castro  
Almir Aleluia  
Álvaro Gonzaga  
Amanda Bacelar Pires  
Antônio Batista (falecido)  
Antônio Freitas (mão-de-ferro)  
Antônio Souto Aderne  
Aroldo Mulcino  
Arthur Rego  
Azer Fernandes  
Carlos Alber Fonseca  
Carlos Rangel Jr.  
Carlos Santana  
Catarino da Costa Oliveira  
Clecio Marback  
Dalmar Caribé  
Daniel Dorival  
Décio Caribe de Castro  
Djalma Caribé  
Derivaldo Oliveira dos Santos  
Dorival Caribé  
Dorival Daniel  
Eckener Cardoso  
Enobaldo Ataíde  
Evaldo Sucupira  
Gilmar Seixas Xavier  
Isaias Brito  
Jamil Araújo  
Joan Brito Lemos  
João Crispim Ramos  
João Gomes  
João Luís  
Jorge Contreiras  
José Alves dos Santos (Zé karate)  
José Mendes  
José Monteiro  
José Rebouças de Azevedo  
José Ubiratan Bezerra  
Jotaécio Gomes  
Júlio Gusmão  
Lindolfo Barbosa  
Luís Sérgio Souza  
Luiz Viana  
Manoel Pena Cal  
Marco Antônio de Carvalho Monteiro

Marcos Lourenço  
Marcos Menezes  
Mirlano Luís  
Moacir Aquino  
Nelson Daltro  
Otávio Gomes  
Paulo Barttiloti  
Pedro Rocha  
Renato Pereira  
Ricardo Augusto Freitas  
Roberto Ruy Bomfim  
Sérgio Bastos  
Sérgio Marinho  
Sérgio Matos  
Silvio Lopes  
Temístocles Saldanha  
Ubirajara Rangel  
Valmir de Lima Santana  
Vicente Puonzo  
Waldir Silva

## CAPITULO V

### PRIMEIROS CLUBES

Os primeiros clubes de karatê na Bahia foram o Acrópole, a ASKA-BA e a Associação Atlética da Bahia. Depois surgiram outros clubes como o SESC e ASDEB sob o comando do professor Alberto Fonseca, Clube de Karatê da Pituba do professor Raimundo Veiga.

### GINÁSIO ACRÓPOLE

Situado na Rua J.J. Seabra, na Baixa dos Sapateiros, em Salvador, Bahia, onde se praticavam o boxe, a capoeira e a luta livre. Em 1961, o karatê começou a ser também praticado no Acrópole tendo Mário Conceição como professor, lutador de Luta Livre, que tinha conhecimento da arte. Mais tarde chegou o professor Eisuke Oishi, seguido por Denílson Caribé, Sadamu Uriu e quando este foi embora da Bahia em 1970, assumiu o Acrópole o professor Ivo Rangel até 1990.

Desde a implantação do karatê, o Acrópole revelou grandes professores, a exemplo de Roberto Pereira, Dilson Soares, Dorival Daniel, Zé Mendes, José Bonfim, José Edmundo, Adelmo Castro, Eckener Cardoso, Nigro Santana, Temístocles Saldanha e muitos outros. A primeira equipe do Acrópole era formada por José Edmundo, José Firmino Bonfim, Nilton Guimarães, Nigro Santana e Rafael Ribeiro.

Com a COPA ACRÓPOLE, a partir de 1972, começaram a surgir muitos campeões.

A primeira campeã de luta da Copa Acrópole foi Diana Angélica Peixoto de Oliveira e a vice-campeã foi Damiana Sales dos Santos.

Em 1991, o Acrópole fundiu-se com uma nova instituição, o Clube Imperador, que dispondo de maior estrutura, absorveu cerca de noventa por cento dos antigos karatêcas. Em 1995, filiou-se à Federação de Karatê Interestilos da Bahia.

Segundo o professor Antônio Souto Aderne, “O Ginásio Acrópole é sinônimo de Ivo Rangel, pois foi ele quem fez o karatê crescer na cidade do Salvador. Foi ele quem levou o karatê aos bairros populares e ao subúrbio”.

Já o professor José Augusto Maciel Torres diz: “O Ivo Rangel tirou muita gente da ociosidade. Hoje, alguns deles poderiam ser pessoas afastadas da sociedade. Mas graças ao Ivo, muita gente hoje ostenta um “Status Quo”, que se não fosse o karatê não teriam. Sei que Ivo ajudou muita gente, deu conselhos e orientou muitos na vida, coisa que poucos fizeram. Portanto, afirmo com toda convicção que Ivo Rangel, é um dos, senão, o melhor técnico de karatê que conheci e também um grande homem de bem e humilde, que fez do karatê uma maneira de amor ao próximo”.

### ASKABA – ASSOCIAÇÃO DE KARATÊ DA BAHIA

Foi o segundo clube a ser fundado na Bahia em 23 de novembro de 1967, com a orientação e apoio do Sr. Fauzi Abdala João. A ASKABA foi a primeira entidade no Estado da Bahia a atender os padrões exigidos pela CBP (Confederação Brasileira de Pugilismo). A princípio, a ASKABA funcionou na Rua Caramuru, 34, Ladeira dos Gales, Brotas em Salvador, Bahia. O dojo era pequeno e havia no meio da sala, uma coluna de sustentação que dificultava o treinamento, além do piso ser desnivelado.

Não satisfeito com o espaço, Caribé procurou um outro local e finalmente após encontrá-lo convidou Antônio Aderne, que na época, era estudante de arquitetura e faixa-verde em

karatê, para ir até a Farmácia Caldas na Avenida Sete de Setembro, onde havia um grande terraço em cima dela, local escolhido por Caribé onde seria a ASKABA e Aderne teria a incumbência de fazer a planta. Entretanto, Aderne não chegou a concluir o projeto, pois precisou viajar para a Argentina e depois para o Chile, onde chegou a faixa preta. Quando retornou ao Brasil, a ASKABA já estava funcionando na Av. Sete de Setembro, 311, 5º andar.

Para construir a ASKABA, Denílson Caribé lançou sessenta títulos patrimoniais remidos na praça.

O jornalista Pedro Ivo Bacelar que era seu amigo e colega de trabalho na PETROBRAS, havia sido demitido e recebeu de indenização a quantia de duzentos e cinquenta milhões de cruzeiros. Empréstou cem milhões a Denílson Caribé, que bancou a obra e com a venda dos títulos, pagou, sem nenhum atraso, o dinheiro do Sr. Pedro Ivo Bacelar. A pessoa que ajudou a vender os títulos foi o Sr. Everaldo Rocha Sampaio. Com o dinheiro desses títulos foi, construída a ASKABA. O projeto foi feito pelo engenheiro e arquiteto, Fernando Victor Venero.

Com o surgimento da ASKABA, para ela se transferiu boa parte dos alunos mais graduados do Acrópole, alguns deles, atletas de competição.

A mudança da ASKABA para o centro da cidade proporcionou uma importante contribuição para o desenvolvimento esportivo do karatê, especialmente junto à comunidade baiana, que justificou o reconhecimento da ASKABA como entidade de Utilidade Pública, desde maio de 1972.

Antes da morte de Denílson Caribé a ASKABA passou a ser presidida por Dorismar Caribé, eleito em assembléia geral e em seguida (após a morte de Denilson Caribé) por Djalma Caribé. Findo o mandato de Djalma Caribé, foi reeleito o senhor Dorismar Caribé.

A ASKABA foi um dos clubes fundadores da Federação Bahiana de Karatê – FBK. Passou um certo tempo filiada à Federação de Karatê-Do Tradicional da Bahia e depois juntamente com outros clubes fundou a Federação de Karatê Shotokan do Estado da Bahia – FKSEB.

Atualmente é filiada à FBK, entidade vinculada à Confederação Brasileira de Karatê.

Atendendo a uma antiga reivindicação dos seus associados, face às dificuldades de acesso e estacionamento, a ASKABA transferiu suas instalações do centro da cidade, atitude que sempre evitou, preocupada em desfigurar a sua tradicional imagem, para o Bairro do STIEP e posteriormente para o antigo quartel da 14ª BIAA, no bairro de Amaralina. Fruto de um convênio firmado em maio de 1999 com a 6ª Região Militar, do Ministério do Exército, estabelecendo uma parceria mediante a cessão de uso de um espaço especialmente equipado para esse fim e atualmente (2002) funciona na Associação dos Empregados da COPENE no Bairro Costa Azul.

## A FAMÍLIA CARIBÉ

### DORIVAL CARIBÉ

Teve muitas participações nos campeonatos de karatê realizados no Brasil, destacando-se em todos eles, assim como nos internacionais, tendo participado dos Campeonatos Mundiais realizados na França em 1972 e no Japão em 1977. Foi o atleta de maior experiência em competições internacionais, já tendo disputado dois campeonatos Pan-Americanos, o primeiro no Rio de Janeiro (Brasil) e o segundo na cidade de Lima, no Pe-

ru. Dorival foi também um atleta que nunca conheceu o sabor da derrota em campeonatos internos.

### DALMAR CARIBÉ

Começou o seu treinamento em 1967 e, confirmando a garra dos Caribé, participou de inúmeros campeonatos sempre se destacando com brilhantismo e colecionando títulos de campeão e vice-campeão. Fez parte da equipe do professor Massaiko Tanaka, em 1975, no XXVII Campeonato Japonês de Karatê, e participou nesse mesmo ano, do curso especial para instrutores profissionais realizado pela Nihon Karatê Kyokai, no Japão.

### DJALMA CARIBÉ

A exemplo dos irmãos, também teve atuação bastante destacada devido a sua excelente performance técnica. Começou a treinar aos onze anos de idade e seu primeiro professor foi Vilobaldo Pedreira. Aos vinte anos de idade foi o mais novo faixa preta do Brasil. Djalma participou de campeonatos desde o ano de 1972. Sobressaiu-se principalmente disputando em 1978, o III Campeonato Pan-Americano de Karatê, realizado em Montreal, Canadá. Nessa competição, além de ter ganhado uma medalha de ouro por equipe, ganhou também a medalha de prata como vice-campeão individual em lutas e uma medalha de bronze pelo terceiro lugar em kata, títulos esses conquistados em sua primeira experiência em competições internacionais. Foi também campeão brasileiro, norte-nordeste e baiano. Participou de cursos de aperfeiçoamento com os maiores mestres do karatê Shotokan como: Masatoshi Nakayama, H. Nishiyama, T. Okasaki, T. Okuda, Massariko Tanaka, Y. Tanaka, G. Sagara, Y. Machida, Sadamu Uriu, G. Inoki e Sasaki. Fez curso profissionalizante de karatê com o prof. Taketo Okuda. Em 1997, Djalma trouxe para a Bahia o título de Campeão Brasileiro da categoria Máster na modalidade de kumite individual em campeonato realizado no Rio de Janeiro. Foi presidente da ASKABA, uma das mais conceituadas escolas de karatê Shotokan no Brasil.

### DÉCIO CARIBÉ

Ainda criança começou os seus treinamentos de karatê na cidade de Feira de Santana, transferindo-se em seguida para Salvador onde se destacou em competições regionais e nacionais. Difundiu essa arte durante muitos anos na cidade de Vitória da Conquista e atualmente ministra aulas de karatê na ASKABA.

### AAB - ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DA BAHIA

“Foi o primeiro clube social a abrir suas portas para o karatê, filiando-se em seguida à Federação Bahiana de Pugilismo, passando daí a participar dos trabalhos de organização e fundação da Federação Bahiana de Karatê”.

O primeiro instrutor da AAB foi o professor Yoshizo Machida e posteriormente, os seus treinamentos técnicos foram dirigidos pelo professor Ivo Rangel.

Mantendo a tradição dos outros pioneiros, também é um clube que possui um bom cartel de vitórias. Seus melhores momentos foram vividos na administração do então presidente Ademar Brito, grande desportista que proporcionou aos setores amadoristas do clube,

forte sustentação, colocando-o entre os mais destacados do Estado”. (Ivo Rangel, Estudos de Karatê, página 119, 4ª edição).

## CAPITULO VI

### A MULHER E O KARATÊ

Amanda Pires e Magaly Mary Fontes (afastada) foram as primeiras mulheres a se graduarem em faixa-preta na Bahia, no ano de 1979. Depois delas vieram outras como Maria Moreno Nogueira Lima e Hortência da Encarnação Batista.

Amanda Pires começou a praticar o karatê aos seis anos de idade, porém o seu primeiro exame de faixa foi realizado em 1972, aos nove anos de idade.

O primeiro clube de karatê em Salvador administrado por uma mulher foi o LYSESLÂNDIA CENTRO ESPORTIVO, administrado por D. Maria Rita Bacelar e tendo Jorge Contereiras como professor. Depois dele veio, o professor Randolfo Sampaio e em seguida o professor Gilmar Xavier. Posteriormente o nome do clube foi mudado para LYNCE KARATÊ CLUBE e ficou sendo administrado pelos filhos de D. Rita Bacelar sob a supervisão técnica da professora Amanda Pires.

Esclarece a professora Amanda Pires: “neste clube formei vinte e um faixas pretas, sendo três mulheres e dezoito homens. As mulheres foram: Denize Muniz, Lívia Ferreira e Ane Leandra. Lívia foi a minha primeira faixa-preta e também quebrou o meu record, fez exame para faixa preta aos doze anos de idade. Também dentro do Lynce Clube consegui fazer muitos campeões de kata e kumitê, tanto individual como por equipe. Houve uma época, em que tivemos quarenta atletas do sexo feminino dentro do Lynce, seguindo o exemplo de Dalmar Caribé, na cidade de Itapetinga que, segundo eu soube, teve mais de cinquenta atletas do sexo feminino. As meninas treinavam muito e eram boas atletas, fiz algumas campeãs.

Fui a primeira campeã baiana de kata, fui tetracampeã baiana, ganhei campeonato universitário de kata e kumitê, e também participei de campeonatos brasileiros. Nunca participei de campeonato internacional por motivos financeiros, tanto de minha parte como da federação, que não pôde arcar com as despesas. Sou a primeira árbitra baiana a participar de um campeonato internacional, o Pan-americano, realizado no Rio de Janeiro.

Quanto ao meu trabalho no Lynce, comecei como monitora, pois quem lecionava eram professores do sexo masculino. A primeira pessoa a reconhecer o meu trabalho em Brotas, no Lince, foi a D. Geni Jones Gradin. Ela tinha uma academia chamada “Jeito de Corpo” e me chamou para lecionar karatê. Na academia dela fiz os meus primeiros campeões, pois houve um torneio no Lynce, que proporcionou quinze medalhas. Os meus alunos foram convidados e ganhamos treze medalhas. Com o decorrer dos tempos, os professores foram saindo e então assumi as aulas do Lynce, onde fizemos muitos campeões de copas de clubes, bem como do campeonato baiano, tanto de kata como kumitê, apesar de não ser uma boa atleta de kumitê, porque não tive a oportunidade que as atletas têm hoje em dia.

No Lynce tive grandes atletas do sexo feminino como Lívia Ferreira, Denize Muniz, Ane Leandra, Tais Cruz, Tatiane Cruz e muitos do sexo masculino como Fábio Cruz, Fábio Cunha Santos, Marcelo Carneiro de Oliveira, Alex Velame, Clécio Marback, Celso Medina, essa era a minha equipe de adulto que foi campeã da seletiva da capital.”

Depois de Amanda Pires, veio uma nova geração que foi menos massacrada pelo machismo. Todavia, os atletas do sexo masculino ainda discriminavam alegando que as meninas iriam ficar com o “corpo e jeito de homem”. Com as competições e as mudanças que o karatê sofreu ao longo dos anos, essas opiniões estão sendo mudadas.

Afirma a professora Adriana Silva Oliveira, da Federação Baiana de Karatê Semi-Contato: “sofri com o machismo desde quando iniciei no karatê, como também, quando comecei a lecionar karatê. Mas depois de alguns anos, com a evolução do karatê se transformando mais em esporte, essa mentalidade machista está mudando”.

## CAPITULO VII

### EXPANSÃO DO KARATÊ NA CAPITAL BAIANA

No início do ano letivo de 1968, o karatê foi levado para a faculdade de engenharia e arquitetura da UFBA pelo acadêmico Roberto Barreto Pereira, e teve duas turmas, cada uma com sessenta alunos. Tendo como professores Denílson Caribé e Sadamu Uriu, que tiveram respectivamente como monitores Alberto Fonseca e Ivo Rangel e às vezes o próprio Roberto Barreto Pereira. No final desse mesmo ano, o curso foi encerrado por falta de alunos, pois devido às desistências, só ficaram duas pessoas treinando: Antônio Souto Aderne e Roberto Barreto Pereira. Porém, eles resolveram dar continuidade aos treinamentos e passaram a frequentar a ASKABA, que nessa época tinha sua sede na Ladeira dos Galés, em Brotas e, posteriormente estes chegaram a faixa preta.

Depois da experiência sem sucesso do karatê na UFBA, o Coronel do Exército Antônio Bião Martins Luna, levou o karatê para o quartel do Forte do Barbalho como uma atividade esportiva, e os instrutores eram Denílson Caribé e Machida.

Segundo o professor Antônio Souto Aderne, o karatê no Estado da Bahia teve como patrono, pela sua implantação, Denílson Caribé.

A expansão no interior do Estado começou com Vilobaldo Moraes Pedreira e consolidada pelos irmãos Caribé, em Salvador e pelo professor Ivo Rangel.

O motivo dessa consolidação na capital baiana ocorreu porque a ASKABA, se mudou para a Av. Sete de Setembro, centro comercial e passou a ser frequentada por pessoas de classe média em diante, enquanto que as pessoas de classes menos favorecidas frequentavam o Ginásio Acrópole, que ficava na Baixa dos Sapateiros. Quando essas pessoas menos favorecidas financeiramente chegavam a faixa preta viam o karatê como profissão e uma oportunidade de ganhar dinheiro.

Já na ASKABA, quando as pessoas atingiam o grau de faixa preta, não se preocupavam em ter o karatê como profissão, pois eram universitários ou empresários que tinham outros objetivos na vida e o karatê apenas como esporte. Por causa disso o esforço de Denílson Caribé para formar faixas pretas não teve o desdobramento que o professor Ivo Rangel conseguiu no Acrópole. Por isso a ASKABA não se expandiu.

O Acrópole tinha uma estrutura volumétrica e numérica maior que a ASKABA. Os alunos eram numericamente maiores por causa da liderança do professor Ivo Rangel, que formava o faixa-preta humilde e este abria em seguida uma academia, em um condomínio. Se uma academia convencional cobrava um valor X, ele cobrava um valor inferior e uma parte desse dinheiro ia para o Acrópole, que era responsável pelo curso. Dessa forma a estrutura do professor Ivo Rangel cresceu rapidamente, enquanto que a da ASKABA não. A ASKABA ficou muito pequena, com um Dojô, onde quem ministrava as aulas eram os irmãos Caribé auxiliados por outras pessoas, como os professores Yochiso Machida e Almir Aleluia. Portanto, na capital baiana o responsável pelo crescimento qualitativo do karatê foi o professor Ivo Rangel, conforme declarações do professor Antônio Souto Aderne.

### EXPANSÃO DO KARATÊ NO INTERIOR DA BAHIA

A interiorização do karatê no Estado da Bahia começou com os mestres Vilobaldo Moraes Pedreira e Carlos Alberto Costa, posteriormente, com os irmãos Caribé: Dorival e Dalmar.

O Mestre Vilobaldo Moraes Pedreira começou a ensinar karatê para um grupo de amigos na Rua Aurora, na Praça Dois de Julho, em Feira de Santana.

No ano de 1964, Carlos Alberto Costa propôs a Vilobaldo Moraes Pedreira a fundação de uma academia no fundo da residência do seu sogro, Sr. Manoel Brito, que morava na Praça Cruz da Mota. Após a sua fundação, esta passou a oferecer os serviços de ginástica, karatê e sauna. O nome da academia era “Karatê de Feira de Santana”. Atualmente ela se encontra em outro local e passou a ser chamada de “Feira Karatê Clube”.

Dorival Caribé morava em Feira de Santana e lecionava karatê em Cruz das Almas, Cachoeira, Muritiba, Campo Formoso e Senhor do Bonfim.

O professor Ivo Rangel, independente do trabalho na Capital, também teve participação na interiorização do karatê, pois ajudou a implantá-lo na região metropolitana.

Em Alagoinhas quem implantou o karatê foi Nilton Pimentel que lecionava de segunda a quinta-feira e, na sexta-feira, quem ministrava as aulas eram os professores Ivo Rangel e Denilson Caribé, que se revezavam.

Em Camaçari o introdutor do karatê estilo Shotokan foi o professor Arinaldo Araújo e o estilo Goju-Ryu foi o professor João Maria de Paula.

O introdutor do karatê na cidade de Irecê foi o faixa preta Fernando Raimundo Rocha dos Santos, em março de 1974.

Em Santo Amaro, o professor Milton Mucarzel, foi o precursor do karatê, fundando o Clube de Karatê de Santo Amaro e o seu aluno Reinaldo Antônio Portela de Souza fundou a Associação Santamarense de Karatê.

Em Santo Antônio de Jesus, o responsável pela introdução do karatê foi o professor Dilson Machado Carvalho (Dilson Madeira), juntamente com os seus colegas Gilvandro Borba e Luiz Augusto, que no ano de 1973, montaram uma academia. Na época, eles não podiam lecionar. Então convidaram o professor Francisco de Sales para ministrar as aulas no Santo Antônio Karatê Clube. Depois de graduado em faixa preta, Luiz Augusto levou o karatê para a cidade de Ipiaú, onde fundou o Okinawa Karatê Clube. Já em Nazaré das Farinhas, o introdutor do karatê foi o professor José Augusto Maciel Torres.

Em Itapetinga, o karatê começou no ano de 1969, com um jovem japonês chamado Kimura. Ele começou a ensinar karatê, estilo Shorin-Ryu, na quadra poliesportiva da Associação Cultural de Itapetinga – ACI. Juntamente com ele veio um sobrinho, que estudou no Educandário São José, de propriedade do Sr. Edirani Pacífico Góes. Depois de um mês de aulas, por motivos até hoje desconhecidos, ele simplesmente sumiu de Itapetinga, deixando uma turma com mais de sessenta alunos. Ele não deu o seu nome completo, era apenas tratado por Kimura. Disse que veio da Coréia e que era faixa preta. Segundo o Dr. Robert Lemos, Kimura era um japonês magro e tinha um bom nível técnico, muito rápido.

Em 1968, Antônio Lacroza, um estudante que morava em Itapetinga, foi para o Rio de Janeiro fazer o curso de medicina e lá começou a treinar karatê chegando à faixa verde do estilo Shorin-Ryu. Em 1970, nas férias, ele retornou a Itapetinga para visitar sua irmã, a professora de história Dalva Pereira. Nesse período ele ministrava aulas de karatê em uma sala no edifício onde tinha uma rádio comunitária chamada “A Voz do Povo”, onde hoje se localiza o escritório de contabilidade de Dante & Wellington. Os seus alunos eram: Joan Brito Lemos, Aderbal Duarte, Wilson Muniz e Robert Brito Lemos. Quando Antônio Lacroza começou a estagiar, deixou de vir em Itapetinga, mas os seus quatro alunos sob o comando de Joan Lemos continuaram os treinamentos.

Em 1972, Joan Lemos juntamente com Dalmar Caribé de Castro fundaram uma academia no clube social da Associação Cultural de Itapetinga – ACI, que foi o Clube de Karatê de

Itapetinga – Clukai. Joan Lemos começou na faixa branca, porque o estilo era outro, o Shotokan.

Dalmar foi o introdutor do karatê nas cidades de Itapetinga, Itororó, Vitória da Conquista, Itabuna, Brumado, Livramento do Brumado. O destaque maior foi em Itapetinga, onde o professor Dalmar Caribé tinha uma turma com sessenta alunas, ou seja, uma turma composta somente de mulheres. Esse feito só foi igualado pelo professor Wilson Santos nas cidades de Jacobina e Mundo Novo.

No ano de 1975, o professor Dalmar e o monitor Joan Lemos levaram trinta atletas do sexo feminino a Salvador para fazer uma demonstração no Ginásio Antônio Balbino, onde elas exibiram o primeiro e o segundo kata simultaneamente e foram aplaudidas de pé.

“Em Ilhéus o karatê foi introduzido em abril de 1972, por intermédio do então Faixa Roxa, Dr. Bernardo Souza Silva, que iniciou seu aprendizado em Salvador, quando, a ASKABA ainda era localizada na ladeira dos Galés. Com autorização do Sensei Caribé, Bernardo iniciou o ensinamento da Arte na sede da Academia Vigor, localizada no Estádio Mário Pessoa, com o apoio do Professor Nildo Batista. O primeiro praticante inscrito foi Antonio Orivaldo Nascimento. Além dele, fizeram parte da primeira turma de karatê em Ilhéus Euler Ázaro, Vitorino Palomo, Euler Ázaro Filho, Victor Palomo, Jorge Costa, Judson Rios, Josemir Dias Sobrinho, Luiz Carlos Barreto Figueiredo (Carlitão) e Belmiro Valverde, dentre outros”.

Em 1974, assumiu a direção técnica o Professor Dalmar Caribé, tendo a partir daí sido utilizado o Clube Social de Ilhéus como local de treinamento (Dojô), também sob a orientação e supervisão do Sensei Denilson Caribé. Em decorrência da ida do Professor Dalmar Caribé ao Japão para aperfeiçoamento técnico. Em função da distância entre Ilhéus e Salvador, por solicitação do Dr. Bernardo Silva e indicação do Sensei Denilson Caribé, em 1977 foi designado para assumir o karatê ilheense o Professor Júlio César Dórea Gusmão, que juntamente com membros da comunidade, em especial o Sr. Edmo de Brito Guanaes, fundou o Ilhéus Karatê Clube (IKC), em 1º de setembro de 1977, tendo sido o seu primeiro Presidente o Dr. Antonio Bezerra. À frente do IKC, o Professor Júlio Gusmão conquistou vários títulos, inclusive baiano, tendo solidificado a Arte em Ilhéus.

Por interesse particular, o Professor Júlio Gusmão deixou o IKC em dezembro de 1983 e retornou a Salvador. A partir de janeiro de 1984, com permissão do Sensei Denilson Caribé e da FBK, através do seu Presidente Sr. Fauzi Abdala João, o IKC retornou à atividade sob a responsabilidade do então Faixa Marrom Ubiratan Bezerra, tendo como Diretor Técnico o Professor Antonio Orivaldo e supervisão do Faixa Preta Artur Cardoso, tendo este posteriormente sido substituído, por solicitação do IKC, pelo Professor Álvaro Gonzaga, que muito contribuiu para o crescimento técnico do Clube”. (Ubiratan Bezerra, Karate-do Uma Introdução, págs. 34 e 35).

Dalmar Caribé viajou para o Japão, em 1975 e em Itapetinga, quem assumiu as aulas de karate foi Joan Brito Lemos.

No Japão Dalmar fez o curso de professor profissional na Nihon Karatê Kiokay, depois participou de um torneio onde se sagrou vice-campeão. Foi capitão da equipe de Masahiro Tanaka na disputa do campeonato nacional de Tóquio, com dois mil atletas. A equipe ficou em terceiro lugar. Para Dalmar Caribé, esse foi o título mais importante de sua carreira de karatêca.

O karate foi introduzido em Itarantim pelo professor Jurandir Carvalho Viana, que em 1991 fundou a Associação de Karatê Auto Reflexo. Alguns meses depois, ele implantou o karatê na cidade de Potiraguá, onde abriu uma filial do seu clube. Ainda hoje a Associação Auto Reflexo é filiada a FBK. Em 1998 a sede foi transferida para Itapetinga. Segundo

o professor Jurandir, alguns dos seus alunos já foram campeões brasileiros, baianos e também campeões do sul do estado, na Copa Cacau, tais como: Kalianne Esteves, campeã baiana, Flávio de Oliveira, campeão da Copa Cacau, Marly Pinto, vice-campeã baiana, categoria master, Joesley Nascimento, vice-campeão baiano e Fabiola de Souza que foi vice-campeã brasileira, em 1997, na categoria infanto-juvenil de kumitê. Cecília de Oliveira Matos, vice-campeã baiana e brasileira, em 2001, na categoria mirim. Na Copa Cacau os campeões foram: Wagner de Oliveira, Danilo Santos, Suely Dantas, Silvio Tenório e Alan Gonçalves.

Atualmente, 2002, o professor Jurandir Carvalho Viana é membro do Quadro de Árbitros da Federação Bahiana de Karate e da Confederação Brasileira de Karate.

Paulo Roberto Abrantes foi o introdutor do karatê na cidade de Ibicaraí, no sul da Bahia, em 20 de agosto de 1979, quando fundou a Academia Abrantes, que é filiada a FBK. Em 1985, a Academia Abrantes participou do campeonato baiano, sagrando-se campeã por equipe na categoria infantil e campeã individual na categoria juvenil. De Ibicaraí, o professor Abrantes expandiu o seu clube, levando o karatê para as cidades de Iguai, Ibicuí e também abriu um dojô em Itororó. Nas cidades onde o professor Abrantes possui dojôs, ele faz a supervisão a cada quinze dias, para verificar o nível dos trabalhos desenvolvidos pelos monitores. Na categoria feminina, Ibicaraí se destaca no interior baiano, pois algumas atletas já foram convocadas para integrar a seleção baiana e disputar o campeonato brasileiro.

Em 1997, o atleta Vitor de Brito, da Academia Abrantes, foi campeão brasileiro na categoria infantil, na disputa de kumite individual e o atleta Wesley Guimarães, categoria juvenil, foi terceiro colocado no Norte/Nordeste. Em 1997, 1998 e 1999, a Academia Abrantes foi campeã da Copa Cacau, ou seja, em 1999, ela foi tricampeã. A Copa Cacau agrega onze cidades do sul e sudoeste da Bahia, a saber: Ibicaraí, Itabuna, Ilhéus, Eunapólis, Porto Seguro, Teixeira de Freitas, Camacã, Itapetinga, Itarantim, Potiraguá e Itamaraju.

## CAPITULO VIII

### FEDERAÇÃO BAHIANA DE PUGILISMO - FBP

A FBP – Federação Bahiana de Pugilismo, vinculada à CBP – Confederação Brasileira de Pugilismo tinha sob sua égide os seguintes esportes: Boxe, Judô, Karatê, Capoeira, Tae Kwon Do. O seu presidente, nos anos setenta, era o Sr. Fauzi Abdala João, que juntamente com Denilson Caribé legalizou o karatê como esporte amador, criando o Departamento de Karate, cujo primeiro diretor foi o professor Milton Mucarzel Leovigildo. Os primeiros torneios e campeonatos estaduais, nacionais e internacionais, foram feitos sob a égide da Federação Bahiana de Pugilismo e da Confederação Brasileira de Pugilismo.

#### PRIMEIROS TORNEIOS BRASILEIROS

Os atletas viviam treinando em academias e um torneio nacional de karatê era uma necessidade. Em 1965, foi organizado um torneio interestadual de karatê. Participaram do certame as delegações da Bahia, Estado da Guanabara e São Paulo. O Torneio foi disputado na Escola de Polícia do Estado de São Paulo, contando com a assistência de cinco mil espectadores. A Bahia foi representada pelo Ginásio Acrópole, tendo no final conquistado 25 pontos, contra 09 de São Paulo que foi o segundo colocado. Os atletas que estiveram em São Paulo defendendo a Bahia foram: Eisuki Oishi, Denilson Caribé, Lázaro Gagliano, Renato de Jesus Pereira, Carlos Alberto Costa, Ivo Rangel e Renato Duarte Filho. Este foi o terceiro Torneio Interestadual de Karatê e o primeiro que a Bahia participou.

Em 1966, houve outro torneio, no Rio de Janeiro, porém a técnica do pessoal de lá era muito superior à da Bahia e esse campeonato ficou para o pessoal do Rio de Janeiro, apesar de alguns atletas da seleção baiana terem tido algum destaque. A seleção baiana foi representada pelo Técnico Eisuki Oishi e os atletas Denilson Caribé, Ivo Rangel, Vivaldo Moraes Pedreira, Carlos Alberto Costa, Lázaro Gagliano. Depois desse torneio, os atletas baianos aliaram-se ao pessoal do Rio de Janeiro, com a Kobukan, do professor Tanaka e ficaram vinculados a ele.

Em 1967 não houve torneio e em 1968, a Bahia participou do primeiro campeonato da Nihon Karatê Kiokai, no Rio de Janeiro, no bairro do Botafogo. Nesse campeonato a Bahia classificou-se em 2º lugar. A equipe da Bahia ganhou o título de campeã de kata, por equipe e vice-campeã de kumitê, também por equipe. A equipe era formada pelos seguintes atletas: Denilson Caribé, Cláudio Mascarenhas, Luís Sérgio Souza, Alberto Fonseca, Milton Mucarzel, Ivo Rangel, Lázaro Gagliano e Jocelin Ribeiro.

#### PRIMEIROS CAMPEONATOS BRASILEIROS

Em 1969, houve o I Campeonato Brasileiro de Karatê, realizado pela Confederação Brasileira de Pugilismo – CBP, no Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, no Ginásio de Esportes do Botafogo Football e Regatas (Ginásio do Mourisco), nos dias, 2 e 3 de dezembro. Naquele campeonato, Dorival Caribé foi campeão individual de kumitê, apesar de ser faixa roxa, na época, e Denilson Caribé foi o vice-campeão. Denilson foi também o vice-campeão de Kata por equipe. O Rio de Janeiro foi campeão de kata e a Bahia foi vice-

campeã. Em kumitê, por equipe, o Rio de Janeiro foi campeão e São Paulo foi vice-campeão. Dorival Caribé ponteu como campeão absoluto.

A Seleção Baiana era formada pelo técnico e delegado Sadamu Uriu e os atletas Denilson Caribé, Ivo Rangel, Antônio Alberto Fonseca, Lázaro Gagliano, Dorival Caribé, Dalmar Caribé, Álvaro Santos, Ivan Palma, Milton Mucarzel, Antônio Aderne e José Alves (Zé Karatê).

Em 1970, houve o II Campeonato Brasileiro de Karatê, nos dias 23 a 25 de outubro, realizado no Ginásio da Academia Nacional de Polícia, na cidade de Brasília. A Bahia foi campeã por equipe. A equipe era formada pelo técnico e delegado Denilson Caribé e os atletas Denilson Caribé, Milton Mucarzel, Ivo Rangel, Dalmar Caribé, Antônio Alberto Alves da Fonseca, Dorival Caribé e Jocelin Ribeiro. Nesse campeonato, Denilson Caribé acumulou as funções de técnico, delegado e atleta.

Ainda em 1970, a Bahia voltou a Brasília, para participar dos Primeiros Jogos de Brasília, quando foi realizado o segundo Torneio Internacional da Kihon Karatê Kiokay. A Bahia confirmou mais uma vez a supremacia com os títulos de campeões, primeiro lugar em kumitê por equipe, primeiro lugar em kata individual até faixa marrom, com Alberto Fonseca, ficando com Denilson os títulos de vice-campeão em kata e kumitê, pois o campeão de kata e kumitê foi Machida. A equipe era formada por Denilson Caribé, Antônio Alberto Alves da Fonseca, Ivo Rangel, Milton Mucarzel, Jocelin Ribeiro, Dalmar Caribé, Cláudio Mascarenhas e Luís Sérgio Souza.

O III Campeonato Brasileiro de Karatê foi realizado no Clube Municipal do Rio de Janeiro, nos dias 05 a 08 de novembro de 1971. A Bahia foi vice-campeã por equipe.

Nos dias 08 a 10 de dezembro de 1972 foi realizado no Ginásio do Clube Municipal, no Rio de Janeiro, o IV Campeonato Brasileiro. A Bahia foi campeã por equipe e Dorival Caribé foi o campeão individual de kumitê. A equipe baiana era constituída pelo delegado Fauzi Abdala João, pelo técnico Denilson Caribé; árbitro Ivo Rangel e os atletas Denilson Caribé, Dorival Caribé, Dalmar Caribé, Álvaro Almeida Santos, Herval Macedo Filho, Antônio Alberto Alves da Fonseca e Antônio Souto Aderne.

O V Campeonato Brasileiro de Karatê foi realizado na Bahia, do dia 31 de agosto a 03 de setembro de 1973. A Bahia foi vice-campeã por equipe e Antônio Aderne foi vice-campeão individual. A equipe da Bahia era assim constituída: Delegado Fauzi Abdala João, técnico, Denilson Caribé, árbitro, Ivo Rangel e os atletas: Denilson Caribé, Dorival Caribé, Dalmar Caribé, Herval Macedo Filho, Antônio Alberto Alves da Fonseca, Antônio Souto Aderne e Manoel Quadros Aguiar.

Em 1986, quando houve o XIV Campeonato Brasileiro, foi criado em paralelo, o Torneio Denilson Caribé, em homenagem póstuma a Denilson Caribé. Esse torneio foi disputado de acordo com o regulamento da WUKO - World Union Karatê Organization. Os técnicos da equipe baiana foram Ivo Rangel e Alberto Fonseca.

## PRIMEIROS TORNEIOS BAIANOS

O I Torneio Baiano de Karatê foi realizado em janeiro de 1968 com a participação de três clubes, todos vinculados à FBP – Federação Bahiana de Pugilismo, tendo como juizes Lirton Monassa, 2º DAN, na época, e Yasutaka Tanaka, sagrando-se vencedor Denilson Caribé de Castro nas modalidades de Kata e Kumitê; o vice campeão na modalidade kata

foi o professor Raimundo Veiga e o vice campeão na modalidade Kunitê foi o professor Vilobaldo Moraes Pedreira.

O torneio foi realizado na AABB – Associação Atlética Banco do Brasil. O Sr. Pedro Ivo Bacelar além de mesário elaborou a ata do Torneio e por ter contribuído com esse evento recebeu um diploma de participante dado pela FBP – Federação Bahiana de Pugilismo no dia 23 de novembro de 1968, assinado pelo presidente o Sr. Fauzi Abdala João e como secretário geral o Sr. Carlos Alberto Mendes.

II Torneio Baiano de Karatê foi realizado na AABB – Associação Atlética Banco do Brasil, em 1969. Nesse Torneio o Professor Raimundo Veiga foi campeão de Kata.

O I Torneio Baiano Feminino de Karatê foi realizado na ASKABA, em 1978 e a atleta Amanda Pires foi campeã individual de Kata e Kihon Ippon, pois não houve disputa de Kunitê.

O II Torneio Baiano Feminino de Karatê foi realizado na ASKABA, em 1979 e a atleta Amanda Pires foi novamente campeã individual de Kata e Kihon Ippon.

## PRIMEIROS CAMPEONATOS INTERNACIONAIS

Em 1972, o Brasil participou do II Campeonato Mundial de Karatê, realizado do dia 18 a 24 de abril de 1972, em Paris, na França, com a participação de 36 países.

Naquele campeonato ocorreu um fato interessante: quando a delegação brasileira saía do hotel para ir ao ginásio de esportes, um dos atletas da Iugoslávia leu o escudo de um dos atletas do Brasil, em voz alta, e em tom de deboche indagou aos colegas se o karatê já havia chegado ao Brasil, o que fez soar em coro uma tremenda gargalhada. Por ironia do destino, foi justamente contra a Iugoslávia que o Brasil obteve a classificação. A luta que definiu a classificação do Brasil foi entre Denílson Caribé, na época, 2º DAN e o atleta Septer, 4º DAN.

No momento em que o Brasil precisava de um empate para obter a classificação, Denílson estava perdendo a luta por meio ponto e, devido a um forte golpe deslocou o braço. A luta foi interrompida. O técnico da seleção brasileira Yasutaka Tanaka e os médicos presentes tentaram a todo custo colocar o braço de Denílson no lugar, mas não obtiveram êxito. O juiz central conversava com os juizes laterais, enquanto Denílson Caribé permanecia deitado. Os árbitros resolveram desclassificar o Denílson Caribé. Porém ele se levantou e disse que iria lutar. Então, ele colocou o braço para trás deixando-o imóvel, para que os juizes não percebessem. Quando faltavam 15 segundos para terminar a luta. Denílson Caribé aplicou um golpe com a perna, um mawashigeri, que foi considerado um golpe perfeito e valeu um Ippon (um ponto completo).

Nesse campeonato, Dorival Caribé foi convocado como reserva e alcançou o 5º lugar em kunitê individual. O campeão individual de kunitê foi o nipo-brasileiro Luís Tasuke Watanabe. A equipe do Brasil ficou em 5º lugar.

O I Campeonato Pan-Americano de Karatê foi realizado no Rio de Janeiro, em 1973. A equipe brasileira foi composta por Dorival Caribé, Dalmar Caribé, Denilson Caribé, Antônio Aderne, todos quatro da Bahia, Ugo Arrigoni, Luís Watanabe e Paulo Góes. A equipe tinha três irmãos Caribé e quatro baianos. Os Estados Unidos foram os campeões e o Brasil foi Vice-Campeão.

O II Campeonato Pan-Americano de Karatê foi realizado no Peru, em 1974. Da Bahia só foi convocado o professor Dorival Caribé. O Brasil foi Campeão e a Argentina foi Vice-Campeã.

O III Campeonato Pan-Americano de Karatê aconteceu em Montreal, no Canadá, em 1978. Na competição de Jyu Kunitê por equipes, o Brasil se sagrou campeão com uma vitória esmagadora sobre todos os adversários; 5x0 nos EUA, 3x0 no Canadá, 5x0 no Panamá e 3x1 em Porto Rico, que foi o vice-campeão.

Na competição individual de Jyu Kunitê, o Brasil ganhou a Medalha de Ouro através do atleta Ronaldo Carlos, Medalha de Prata para Djalma Caribé de Castro e a Medalha de Bronze foi para Antônio Gomes Martins.

Na modalidade Kata individual, o Brasil ficou em terceiro lugar com o atleta Djalma Caribé de Castro, que ganhou a Medalha de Bronze e na competição Kata por Equipe o Brasil ficou em quarto lugar.

A delegação brasileira foi constituída da seguinte maneira: Coronel Antônio Bião Martins Luna (Chefe-Delegado), Professor Lirton dos Reis Monassa (Técnico), Hiroyasu Inoki (Árbitro) e os atletas Ronaldo Carlos da Silva, Djalma Caribé de Castro, Antônio Fernando Pinto, Fernando Athayde Ferreira, José Ricardo Ortiz D'Elia, Antonio Gomes Martins e Flávio Ribeiro.

Segundo o Coronel Bião, esse campeonato levou o karatê do Brasil a um estágio de reconhecimento nas Américas.

#### PRIMEIRO EXAME PARA FAIXA PRETA

O primeiro exame de faixa preta oficialmente realizado na Bahia aconteceu na ASKABA, no ano de 1970 e, dos seis candidatos, dois foram aprovados: CLÁUDIO MASCARENHAS e IVO RANGEL.

## CAPITULO IX

### FEDERAÇÃO BAHIANA DE KARATÊ – FBK

Com o crescimento da prática do karatê, foi criada na Bahia, em 23 de outubro de 1972, a Federação Bahiana de Karatê – FBK, com o apoio dos três clubes mais antigos de Salvador: o Acrópole, a ASKABA e a AAB – Associação Atlética da Bahia. O Coronel Bião, na época Major, Denílson Caribé e Fauzi Abdala, juntamente com outros faixas pretas, tiveram a idéia de fundar a federação de karatê para que o esporte tivesse mais liberdade e pudesse crescer com mais rapidez. Os clubes existentes, naquela ocasião, reuniram-se e resolveram fazer uma chapa única.

Para dirigir a Federação Bahia de Karatê – FBK foram eleitos como presidente, o Major Antônio Bião Martins Luna, como vice-presidente, o Sr. Fauzi Abdala João e Denílson Caribé como Diretor Técnico Secretário o Sr. Zenas Miranda de Carvalho. A ata de fundação da FBK foi feita pelo Sr. Pedro Ivo Bacelar. A primeira sede da FBK foi na ASBAKA, na Avenida Sete de Setembro. Depois foi transferida para o Palácio dos Esportes e posteriormente para o subsolo da Fonte Nove, onde funcionavam todas as Federações. Tempos depois voltou para o Palácio dos Desportos Antônio Carlos Magalhães, na Praça Castro Alves, onde antigamente era o Teatro São João. Durante essa primeira gestão Denílson Caribé instituiu a Banca Examinadora Especial para graduações até Faixa-Marrom, composta pelos professores Denílson Caribé (presidente), Alberto Fonseca, Ivo Rangel e Aser Fernandes, os três últimos com graduação universitária em Educação Física. A partir desta data, apenas as graduações para faixa superiores continuaram a ser feitas por bancas compostas por professores indicados pela Nihon Kiokay Karatê - NKK, geralmente vindos do Rio de Janeiro.

Com essa providência, a Bahia, através de Denílson Caribé, desenvolveu um programa para exame de faixas, até faixa marrom, com estágios e carga horária estabelecidos, além do ordenamento dos quesitos para cada graduação, a ser cumprido por todos os clubes. Esse programa, mais tarde, foi adotado por outros estados brasileiros.

Administrativamente, o karatê na Bahia contou ainda com a inestimável colaboração da Sra. Maria Rita Bacelar, responsável pela organização dos arquivos da FBK, bem como do Sr. Horácio do Espírito Santo Menezes, secretário da FBK e do jornalista Pedro Ivo Bacelar, que muito contribuiu através de serviços de assessoria de imprensa e relações públicas.

O VIII CAMPEONATO BAIANO DE KARATÊ foi realizado no ano de 1976. Este foi o PRIMEIRO CAMPEONATO BAIANO DE KARATÊ sob a égide da Federação Bahiana de Karatê, ou seja, foi o primeiro campeonato da FBK. A ASKABA obteve o título de campeã baiana, enquanto o Clube Fantoche ficou com o título de vice-campeão. Na categoria infantil, modalidade “Kihon-ipon”, os campeões foram: George Alberto Reis Arleo, da ASKABA, faixa verde; José Carlos Santos Ribeiro, do Acrópole, faixa roxa; Benjamim Rejwic, do Acrópole, faixa marrom. Ainda na categoria infantil, modalidade “Kata” os campeões foram: Wilmar Rodrigues Cunha Filho, da ASKABA, faixa verde; José Carlos Santos Ribeiro, do Acrópole, faixa roxa e Márcio Fontes Barreto Dantas, da ASKABA, faixa marrom. Na categoria juvenil, modalidade “Kihon-Ipon” os campeões foram: Marcelo Mendonça Teixeira, do Fantoche, faixa verde; Antônio Eduardo Nogueira de Lima, de Alagoinhas, faixa roxa; David Salme Mazur, da ASKABA, faixa marrom e Marcelo Fontes Barreto Dantas, da ASKABA, faixa preta. Na categoria juvenil, modalidade “Kata” os campeões foram: Sérgio Luís Fonseca Bastos, do Fantoche, faixa verde; Manoel Macedo Júnior, da AS-

KABA, faixa roxa; David Salme Mazur, da ASKABA, faixa marrom e Carlos Eugênio Rangel Júnior, do Acrópole, faixa preta. Na categoria adulto, modalidade “Kata” os campeões foram: Luiz Silva Xavier, do Acrópole, faixa roxa; Jorge Luiz Contreiras Santos, da ASKABA, faixa marrom e Dajalma Caribé de Castro, da ASKABA, faixa preta. Na categoria adulto, modalidade “Jyu Kunitê” (Luta) os campeões foram: Álvaro Oliveira Souza, de Alagoinhas, faixa verde; Sérgio Antônio Matos do Nascimento, do Acrópole, faixa roxa; João Gomes dos Santos, da ASKABA, faixa-marrom e Almir Aleluia de Oliveira, da ASKABA, faixa preta.

No dia 05 de novembro de 1976, no Clube Fantoches, realizou-se a festa, na qual a Federação Bahiana de Karatê homenageou os campeões da temporada de 1976. O presidente da FBK, Coronel Antônio Bião Martins Luna, deu início aos trabalhos entregando os troféus, medalhas e diplomas aos campeões baianos, vice-campeões e terceiros colocados no campeonato. Depois tomou a palavra o Sr. Fauzi Abdala João, vice-presidente da FBK, para relatar aos presentes a campanha da Seleção Baiana, no Campeonato Brasileiro, onde os baianos conquistaram o título de Campeão Brasileiro.

O primeiro campeonato baiano disputado fora da capital, foi realizado na cidade de Ilhéus, no ano de 1977; o IX CAMPEONATO BAIANO DE KARATÊ foi o segundo realizado pela FBK. O Campeonato Baiano que reuniu atletas das categorias juvenil e adulto superou todas as expectativas, não só pela quantidade de atletas que se deslocaram de Salvador, Senhor do Bonfim, Irecê, como pela qualidade apresentada e pelo esforço da Comissão Organizadora que foi coroado de êxito total. O campeonato teve início às 16:30 horas, no Ginásio de Esportes Herval Soledade, com o Hino Nacional cantado pelos presentes, acompanhado pela Banda da Guarnição da Polícia local. A Mesa Diretora esteve constituída pelo Coronel Antônio Bião Martins Luna e pelos senhores Zenas Miranda de Carvalho, Estácio Moreira Pinto, o Sargento Bezerra, entre outros. A parte técnica foi comandada pelo professor Yoshizo Machida, assessorados pelos senhores Almir Aleluia de Oliveira, Raimundo Santana Veiga, Manoel Antônio Quadros Aguiar, Milton Mucarzel Leovogildo, Júlio César Dórea Gusmão, Ivo Rangel da Silva e Denílson Caribé de Castro. As equipes estavam formadas da seguinte maneira: Salvador com a Associação de Karatê da Bahia - ASKABA, Clube de Karatê Acrópole; Clube de Karatê de Ilhéus; Bonfim Karatê Clube e Irecê Karatê Clube.

ASKABA – Técnico Denilson Caribé de Castro; Atletas adultos: Adelmo Luiz Santos de Castro, Eládio Manoel de Aleluia, Edvaldo Santos Machado, João Gomes dos Santos, Aser Fernandes Macedo Neto, Wilson Martins Borges, Djalma Caribé de Castro e Jorge Luís Contreiras Santos. Juvenis: Marcos Fontes Barreto Dantas, Marcelo Fontes Barreto Dantas e Roberto Gibson Ferreira Costa.

ACRÓPOLE – Técnico Antônio Souto Aderne; Atletas adultos: Eckner Pereira Cardoso Sobrinho, José Carlos Mendes da Silva, Sérgio Antônio Matos Nascimento, José Firmino Bonfim, Jorge Luiz de Oliveira, Álvaro Raimundo Gonzaga de Menezes e Carlos Eugênio da Silva Júnior. Juvenis: Gilson Cortes, Ubirajara Rangel e José Carlos Ribeiro.

Clube de Karatê de Ilhéus – Técnico Júlio César Dórea Gusmão; Atletas adultos: Eduardo Damásio, Jorge Oliveira da Costa, Francisco Inajá Bezerra Oliveira, José Ubiratan Bezerra Oliveira, Giovani Costa Silveira Mota e Luiz Carlos Barreto Figueiredo. Juvenis: Euler de Medeiros Azaro Filho, Edmo Guanaes Filho e Carlos Alberto Assunção.

Bonfim Karatê Clube – Técnico Paulo Raimundo Martins Bartilotti; Atletas adultos: Amadeu Pereira dos Nascimento, Paulo Roberto Rodrigues da Silva, Cleuber Lima Borges e Antônio Augusto Gomes da Silva. Juvenis: Nadson Novaes de Almeida (faixa rôxa), Euler Silva Caribé (faixa rôxa) e Mauricio Gonçalves Menezes.

Irecê Karatê Clube - Técnico Fernando Raimundo Rocha dos Santos; Atletas adultos: Jorge Luiz, Renan Rocha Alves, Adalício da Rocha Pires de Almeida, Natan Fernandes Silva e Fernando Rocha.

Os campeões:

Kata por equipe adulto: ASKABA

Kata por equipe juvenil: ASKABA

Kumitê: ASKABA

Com esses resultados, a ASKABA, obteve o título inédito de ENEA-CAMPEÃ (nove vezes) em todas as modalidades que foram disputadas, justificando o favoritismo em que se viu envolvida desde a sua chegada a Ilhéus.

Em 1977, foi realizado, na Bahia, o primeiro exame para faixa-preta, sob a direção da FBK, o qual foi presidido pelo Coronel Antônio Bião Martins Luna, secundado pelos Diretores Fauzi Abdala João e Nigro Santana, enquanto a banca Examinadora constituiu-se dos Professores Denílson Caribé de Castro e Yoshizo Machida. Neste exame foram aprovados os seguintes atletas: ECKENER DE PEREIRA CARDOSO SOBRINHO, do Acrópole; ELIAS BORBA NETO, do Acrópole; ROBERTO GIBSON FERREIRA COSTA, da ASKABA; MÁRCIO FONTES BARRETO DANTAS (infanto-juvenil), da ASKABA e para 2º Dan, FERNANDO RAIMUNDO ROCHA DOS SANTOS, do Irecê Karatê Clube. O atleta Sérgio Antônio Mattos Nascimento, do Acrópole e, integrante da Seleção Baiana, submeteu-se e foi aprovado no exame de faixa roxa para faixa marrom.

O primeiro exame para faixa preta do sexo feminino foi realizado na Bahia pela FBK. As duas primeiras mulheres baianas a se graduarem foram: AMANDA RITA BACELAR PIRES, infanto juvenil, pela ASKABA e MAGALY MARY FONTES, adulta, pelo ACRÓPOLE, no dia 29 de julho de 1979. A banca examinadora foi composta por Denilson Caribé e Yoshizo Machida.

O Primeiro Campeonato Baiano de Karatê Feminino foi realizado no ano de 1980, sendo campeã de "Kata" e "Kihon Ipon" individual a atleta Amanda Pires.

O Segundo Campeonato Baiano de Karatê Feminino foi realizado no ano de 1981, sendo campeã de "Kata" e "Kihon Ipon" individual a atleta Amanda Pires.

Até o ano de 1981, somente o estilo SHOTOKAN era praticado oficialmente na Bahia. A partir de então, filiou-se a Federação Bahiana de Karatê – FBK o estilo SHORIN-RYU, coordenado pelo professor Renato Pereira e auxiliado pelo professor José Rebouças, na cidade de Feira de Santana.

O I CAMPEONATO BAIANO DE MASTER foi realizado no 10 de outubro de 1991, no Ginásio Antônio Balbino, em Salvador. Os atletas Dorival Caribé, Vilobaldo Pedreira, Álvaro Gonzaga, Manoel Pena Cal, Amadeu Nascimento e Dilson Soares foram alguns dos muitos atletas que resgataram na prática antigos valores, muitas vezes adormecidos, dando exemplo aos mais novos da lisura ética e camaradagem com que devem se manter a cada instante não só nas competições, mas em cada momento da vida; verdadeiros guerreiros podem chamar cada um desses lutadores. O resultado kata, categoria de 35 a 41 anos, campeão Paulo Bartilott, do Bonfim Karatê Clube, vice-campeão José Bispo Costa, do Clube Imperador e terceiro lugar Agnaldo Campos do Imperador. De 42 a 47 anos, campeão Álvaro Gonzaga Menezes, da AKAI, vice-campeão Manoel Pena Cal, do Centro Espanhol e terceiro Wilson Pontes de Melo da Associação Itabuna de Karatê. De 53 anos acima, campeão Vilobaldo Pedreira, do FECAB, vice-campeão Amadeu Nascimento do Clube Senhor do Bonfim e terceiro Dilson Soares do Imperador. Kumite, categoria de 35 a 41 anos, campeão José Theomes Sodré, da Associação de Karatê de Feira de Santana, vice-campeão José Bispo Costa, do Clube Imperador e terceiro lugar Paulo Fontes, Clube

Lusitano. De 42 a 47 anos, campeão Dorival Caribé de Castro, da AKFS, vice-campeão Manoel Pena Cal, do Centro Espanhol e o terceiro lugar para Teles bacelar, do Imperador. De 53 anos acima, campeão Vilobaldo Mores Pedreira, FECAB, vice Dilson Soares da Silva, do Imperador e terceiro Amadeu Nascimento, do Clube Senhor do Bonfim. Participaram como árbitros Dorival Daniel, Carlos Rangel Júnior, Irenio Santos Silva, Nilson Viana, Antônio Cezar, Augusto Mesquita, Noel Félix, Atanael Nery, Ruy Silva Alakija, Paulo Bonfim, Ruy Miranda, Alex Velame, Ubirajara Rangel, Crésicio Marback e Carlos Bevenuto Alakija.

Os principais atletas em 2000 eram Cleuber Carneiro Azevedo (Associação de Itaberaba), José Antônio Carneiro Azevedo (Associação de Itaberaba), Alessandra Moura Caribé (Associação Pedro Rocha), Patrícia Carvalho (Associação SHOBUKAN), Christiano Carvalho (Associação SHOBUKAN), Daniela Práia Nery Santana (Associação SHOBUKAN), Lenise Guedes dos Anjos (Associação PENAKAL), Érica Bárbara dos Santos Melo (Associação PENAKAL), Daniela dos Santos Melo (Associação PENAKAL), Jorge Eduardo Santos Menezes (Associação PENAKAL), Rosenilda Lima dos Santos (Clube Santo Amaro), Paulo Isidório Souza Soares (Condor Associação de Karatê), Patrícia Souza Soares (Condor Associação de Karatê), Genésio Conceição Bispo (Condor Associação de Karatê) e Augusto César Soares (Condor Associação de Karatê). No estilo Shorin-Ryu os principais atletas são: Arnóbio Rios de Almeida, Leones dos Santos Nascimento, Valmir Alves do Nascimento, José Carlos de Jesus Freitas, Moacir Pereira de Jesus, Roberto de Souza Cordeiro, Manoel de Jesus Borges, Emerson Falcão de Carvalho, Arilson Costa Cerqueira, Kleber Nascimento Rocha, Atanael Gonçalves dos Santos, Reginaldo Tadeu Amaral Cordeiro, Cléssio Cruz Santos e Renato Pereira Júnior.

A Federação Bahiana de Karatê – FBK tem clubes filiados em várias cidades do Estado.

## CAPITULO X

### ESTILOS PRATICADOS NA BAHIA

#### ESTILO WADO-RYU

O estilo WADO-RYU foi introduzido na Bahia pelo Mestre Koji Takamatsu, em 1958, na Fazenda Santa Bárbara e depois pelo Mestre Masahiro Saito na Academia Spartan Gim em 1960. Posteriormente por Eisuki Oishi (ginásio Acrópole) em 1962.

#### ESTILO SHORIN-RYU

O estilo SHORIN-RYU na Bahia começou no Hospital Otávio Mangabeira, em 1958, com um japonês chamado Tanaka, que ministrou aulas para os meninos do bairro Pau Miúdo. Dentre eles se encontrava José Monteiro, hoje, 5º DAN no estilo Goju-Ryu. Depois que Tanaka foi embora, no início da década de sessenta, o Shorin-Ryu retornou com o professor Ari Pina, na década de setenta, mais precisamente em 1973. Primeiramente, ele começou a ministrar aulas em Feira de Santana. Depois abriu uma filial em Salvador, na Calçada, na Academia de Judo e Jiu-Jítsu do professor Ari Dantas. Posteriormente se mudou para a Rua da Força, na Piedade, na Associação Shiozawa de Judô, onde Renato Pereira o ajudava a ministrar as aulas.

Mas, com o passar do tempo, as idas e vindas de Feira de Santana para Salvador tornaram-se cansativas, por este motivo, Ari Pina deixou de vir a Salvador e deixou a responsabilidade das aulas da Associação Shiozawa para Renato Pereira. Entretanto, ministrar aulas em Feira de Santana e Salvador ficou também inviável para o professor Renato Pereira. Sendo assim, ele resolveu deixar a academia Shiozawa e permanecer somente em Feira de Santana.

No ano de 1978, em Feira de Santana, o professor Ari Pina montou a sua sede e, algumas filiais nas cidades vizinhas como Itaberaba e Serrinha.

Naquela época havia divergências entre o professor Ari Pina e a Federação Bahiana de Karatê. Várias brigas aconteceram porque Ari Pina não era filiado a FBK. Uma delas foi parar na Delegacia da Polícia Federal. O delegado responsável não viu motivos para que a academia não funcionasse e aconselhou a FBK a filiação da academia de Ari Pina.

“-Foi dado entrada no processo em 1978, recebido pelo então secretário Milton Mucarzel Leovigildo, porém o Shorin-Ryu só foi aceito oficialmente no ano de 1981” - disse Renato Pereira.

Segundo o professor Eziro Vieira, “em 1979, o professor Ari Pina recebeu um convite da Federação de Karatê do Espírito Santo para ir ensinar karatê naquele estado. Ele aceitou o convite e se mudou para Cachoeiro do Itapemirim”.

Ao deixar a Bahia, o professor Ari Pina passou o comando do karatê Shorin-Ryu para Renato Pereira. Naquela época, o karatê Shorin-Ryu era um estilo pouco divulgado. Em Feira de Santana existia o Shorin-Ryu e o Shotokan, que era muito forte sob o comando dos professores Vilobaldo Pedreira e Dorival Caribé.

Após a filiação na FBK do Shorin-Ryu houve uma grande surpresa por parte dos praticantes do Shotokan, pois muitos professores não conheciam outro estilo de karatê. Por esse motivo Renato Pereira passou a explicar que Gichin Funakoshi, fundador da Shotokan, também praticava o estilo Shuri-te.

O Shorin, que hoje é Shorin-Ryu, o Shuri-te e Naha-te são os estilos mais velhos do mundo, todos os estilos saíram da Shorin-Ryu que era Shuri-te antigo e isso não era divulgado para os professores que faziam Shotokan.

Hoje o estilo mais praticado no Japão é o Goju-Ryu. O Shorin-Ryu vem em segundo e o Shotokan em terceiro lugar. Todavia na Europa e no mundo, o mais forte é o Shotokan. Com a legalização na FBK eles passaram a atuar também em outras cidades do interior baiano e, nos anos oitenta, começaram a competir de igual para igual com o Shotokan. Fizeram vários campeões. No ano de 2000, foram tricampeões em kata por equipe e individual. Atualmente (2002), o Shorin-Riy baiano está em destaque através do atleta Reginaldo Tadeu Amaral Cordeiro da Associação Atlética Feirense do professor Renato Pereira faz parte da seleção brasileira de karatê. Ele é campeão brasileiro, pentacampeão baiano na modalidade de kumitê individual e disputou também o campeonato mundial que aconteceu na África do Sul, ficando na quarta colocação. Nesse campeonato disputaram 160 países.

O Shorin-Ryu existe em várias cidades da Bahia a exemplo de Feira de Santana, Itaberaíba, Eunápolis, Nazaré, Santo Antônio de Jesus, Itamaraju, Barreiras, dentre outras.

## ESTILO GOJU-RYU

O estilo GOJU-RYU foi introduzido na Bahia, pelos mestres Eisuke Oishi e Denilson Caribé, mas não vingou porque foi considerado fraco, na época (1964). O professor João Maria de Paula, em janeiro de 1978, veio para a Bahia para trabalhar em uma firma que prestava serviços à PETROBRÁS. Ele era filiado à Associação Brasileira de Karatê, em São Paulo, na época presidida pelo professor Ryusu Watanabe, falecido em 1998. Chegando à Bahia, ele resolveu difundir o karatê GOJU-RYU, procurou a Federação Bahiana de Karatê cujo presidente era o Sr. Fauzi Abdala e conversaram sobre a implantação do GOJU-RYU na Bahia. O Professor João Maria de Paula se radicou em Candeias, onde abriu uma academia e começou a ensinar o estilo GOJU-RYU, posteriormente foi ensinar na academia Shiozawa, na Rua da Força, em Salvador. Nessa academia, um dos seus alunos foi José Monteiro, hoje 5º DAN. Naquela época, o professor João Maria desenvolvia o karatê GOJU-RYU vinculado à Associação Brasileira de Karatê em São Paulo, com o professor Ryuzu Watanabe. Em 1998, foi fundada na Bahia a Federação de Karatê Goju-Ryu da Bahia.

Segundo o professor João Maria de Paula, “quando comecei a ensinar o karatê estilo Goju-Ryu na Bahia, foi muito difícil, porque só existia o karatê estilo Shotokan, e a cabeça do pessoal, naquela época, não estava preparada para a entrada de outro estilo e com muita luta e empenho consegui implantar o estilo Goju-Ryu e manter vivo até os dias de hoje. Agora no final de 1999, o Goju-Ryu, está ficando forte, pois já temos uma federação e conseguimos realizar o nosso primeiro campeonato. Quanto aos exames para faixa preta era outro problema, pois tínhamos de deslocar o pessoal daqui da Bahia para São Paulo para serem examinados pelo professor Ryuzu Watanabe e posteriormente com o professor Ushiro pela Goju-Kai de São Paulo. Depois que implantamos a federação, fizemos o primeiro exame para faixa preta no dia 11 de dezembro de 1999 e foram aprovados três atletas, a saber: Valmir de Jesus dos Reis, Sandro da Paz Moreira e Eduardo Sullivan Santos Rocha. Estes são os primeiros faixas pretas do estilo Goju-Ryu formados na Bahia” – finaliza o professor João Maria.

## ESTILO SHOTOKAN

O estilo SHOTOKAN foi implantado na Bahia pelo Mestre Denilson Caribé e é praticado em quase todas as cidades do Estado da Bahia.

## ESTILO KYOKUNSHIN

No início dos anos oitenta um atleta chamado Domingos Silva, tentou implantar o estilo Kyokushin em Itabuna. Montou uma academia e como ele não era faixa preta, não teve condições de mantê-la. O professor Manoel Mascote, depois de passar por alguns estilos de karatê na Bahia soube do karatê de contato total que existia em São Paulo. Resolveu então ir para lá, para conhecer esse estilo. Ao começar a treinar com o mestre Seiji Isobe, introdutor do Kyokushin no Brasil, ele se identificou com esse estilo e depois de cinco longos anos chegou a faixa-preta. No ano de 1984, o professor Manoel Mascote retornou à sua terra natal (Itabuna-Ba) e implantou o karatê Kiokunshin na cidade de Eunapólis, mas não obteve êxito na sua empreitada. Então, ele resolveu implantar em Itabuna, na Academia Stilus, de sua propriedade, onde deu certo. Posteriormente o Kyokunshin foi implantado em Ilhéus, na Academia Essentio.

Atualmente a Bahia, representada pelas Academias Stilus e Essentio, é filiada à Confederação Brasileira de karatê Kyokunshin e a Federação Internacional de Karatê Kyokunkan e a Associação Brasileira de Karatê Kyokunshin. A Bahia não possui uma federação própria de Karatê Kyokunshin.

Em 1989, na cidade de Itabuna, houve um campeonato interestadual de karatê Kyokunshin, com a participação dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Bahia. O Estado de São Paulo sagrou-se campeão e Bahia foi vice-campeã.

Nos exames de faixa do estilo Kyokunshin, não são exigidos os katas e sim as lutas. Para mudar da faixa branca para a amarela, o atleta faz duas lutas. Da amarela para a azul, quatro lutas, ou seja, para cada faixa aumenta duas lutas. De marrom para preta são vinte lutas e tem que vencer, no mínimo, cinco lutas por nocaute. Nos campeonatos, não existem pontos e sim nocautes, as competições são vencidas por nocautes. Os atletas usam somente tornozereira ou joelheira e um protetor para os órgãos genitais, para evitar os chutes nesses órgãos. Nos campeonatos do Kyokunshin, só não é válidos soco no rosto e chute nos órgãos genitais. Os demais golpes são válidos em qualquer parte do corpo. A Academia Stilus é considerada a maior força do Norte e Nordeste do Brasil e o professor Manoel Mascoste está, atualmente, entre os dez melhores atletas do estilo Kyokunshin, no Brasil. Na Bahia existem mais de cem praticantes do estilo Kyokunshin, destacando-se como principais os atletas Juan Veloso, Emanuela Rose e Aroldo Araújo.

## CAPITULO XI

### AS DIVISÕES DO KARATÊ

Em 1946, Funakoshi perdeu seu filho Yoshitaka, minado pela tuberculose e, seu dojô, destruído pela guerra. Seus antigos alunos retomam contato com o mestre e o ajudam a reconstruir o seu Shotokan. Decidiram se organizar, tendo como meta uma grande e forte organização de karatê. Criam a “Escola de Karatê Shotokan”, em 1949. Devido a idade avançada de Funakoshi, ele assume o posto de instrutor honorário, ficando Obata como presidente e Masatoshi Nakayama, com 36 anos de idade, reconhecido pela excelente capacidade administrativa, encarregado da elaboração de programas técnicos e da organização da Associação Shotokan. Mais tarde, em conseqüência de fortes rivalidades e desentendimentos internos, alguns alunos mais antigos, como Obata, Egami e Kamata partem ou se demitem e, em 1954, Nakayama e Hidetaka Nishiyama mudam o nome da Escola para Nihon Karatê Kiokay, comumente chamada de JKA ou Associação Japonesa de Karatê. Nishiyama elabora seus estatutos. As graduações são, então, oficializadas. Com a morte de Funakoshi, em 26 de Abril de 1957, Nakayama organiza o primeiro torneio, o que ocorreu em Outubro de 1957, patrocinado e vencido por Kanazawa, no Ginásio Metropolitano de Tóquio. A partir de então, ocorreu o envio de instrutores aos quatro cantos do mundo. Em 1961, Nakayama eleva a oito, o número de Dans da Associação Japonesa de Karatê.

No intuito de tornar o karatê conhecido internacionalmente, a JKA ou Nihon Karatê Kiokay, instituiu um programa de treinamento visando ao desenvolvimento de instrutores com as seguintes características: Diploma universitário, 3º DAN; Conhecimentos (estudos) de Anatomia, Fisiologia, Psicologia, Física, História, Filosofia de Educação e Esporte e Administração de Empresas. Tal programa produziu alguns dos mais capazes karatêcas do mundo, sendo suas missões na vida expandir o karatê pelo mundo. No início de 1961, esses instrutores começaram a chegar nos Estados Unidos, como Teruyuki Okasaki, Takayashi Mikami, Hidetaka Nishiyama, Yutaka Yaguchi e outros. Na Europa, instrutores como Enoeda (Escócia), Shirai (Itália), Ochi (Alemanha), Sugimura (Suíça), Miyakasi (Bélgica), Kase (França) e Kanazawa, que criou o seu próprio grupo, o SKI fizeram com que o estilo Shotokan de karatê fosse cada vez mais respeitado e conhecido. Devido a desentendimentos políticos internos, duas organizações separadas foram formadas nos Estados Unidos: A International Shotokan Karatê Federation (ISKF), liderada por Okasaki e a American Amateur Karatê Federation (AAKF), liderada por Nishiyama, em 1968 e, apesar de independentes, âmbas continuaram filiadas à Nihon Karatê Kiokay.

No Brasil, chegam instrutores da JKA, como Yasutaka Tanaka, Sadamu Uriu, Higashino, Juichi Sagara, Okuda, Takeuchi, Yoshizo Machida e vários outros, instalando-se principalmente em São Paulo, devido à colônia japonesa.

Em 1972, o campeonato mundial foi na França e o campeão foi Luís Watanabe, um nipo-brasileiro. Nessa época, as divergências entre europeus e asiáticos eram imensas. Na Europa criaram uma organização chamada WUKO, que era para contestar a organização mundial de então, a IAKF, que era liderada por Nishiyama.

Na década de oitenta, o professor Nishiyama muda a sigla da sua organização para ITKF (International Traditional Karatê Federation), com a finalidade de preservar o Karatê Tradicional na sua origem, na sua essência, porque o esporte preocupava-se essencialmente com a vitória ou com a derrota. Já o verdadeiro karatê busca a essência do ser. Esse movimento de retorno às origens recebeu adesões do Japão, Europa, América do Norte, Á-

frica e América do Sul. Então ficaram existindo duas grandes organizações mundiais de karatê. A WUKO fazendo karatê esportivo visando as olimpíadas e a ITKF fazendo karatê tradicional.

Em todos os países começaram a existir duas organizações nacionais de karatê, uma sendo karatê esportivo e a outra sendo karatê tradicional.

No Brasil, o “Movimento Tradicional” foi liderado pelo sensei Yasutaka Tanaka, que em 1986 fundou a Federação Carioca de Karatê Tradicional, no Rio de Janeiro e atrás dele vieram os professores: Sasaki, Inoki, Watanabe e Machida.

## A DIVISÃO DO KARATÊ NA BAHIA

Na Bahia, o professor Aderne liderou o movimento de formação do karatê tradicional. Ele se desligou da Federação Bahiana de Karatê – FBK, que na época tinha vinte e cinco clubes, com dez clubes, o dele e mais nove. A FBK que tinha vinte e cinco ficou com quinze. Os outros dez fundaram a FKTB. Foi a primeira divisão do karatê na Bahia, em 1988. O professor Aderne permaneceu na FKTB de 1988 até 1992.

Segundo o Professor Aderne, em 1992, por motivos de ordem pessoal, “saí da FKTB e me juntei a outras pessoas, que em função da Lei Zico, estavam fundando uma outra Federação”. “Essas divergências dividem o karatê, mas não o enfraquecem. Pois quando se divide é para gerenciar melhor. Se uma organização tem duas correntes distintas, o melhor é separá-las, para que cada uma possa desenvolver o seu trabalho sem embaraço da outra. Então essa divisão do karatê no Brasil é uma boa solução, porque a sociedade como um todo poderá enxergar cada tendência e dizer:” A que eu quero é aquela “. Todavia, a sociedade está tão despreparada para enxergar tendências, que não vê diferenças entre uma federação e outra. Não enxerga a diferença e pensa que é só uma divisão de interesses ou de professores, quando na verdade, cada federação ou cada uma tendência de karatê deveria expor os seus pontos de vista teóricos para que a comunidade pudesse escolher aquela que mais lhe cabe, aquela que mais encaixa. Depois da FKTB, fui para a Federação Point e posteriormente para a Federação Baiana de Karatê Interestilos, onde fiz um regulamento. Escrevi o regulamento dela, agregando ao que”. Eu já tinha passado da Tradicional e da WUKO, um elemento a mais, que foram os protetores. Nós fizemos um regulamento eminentemente esportivo na Federação Baiana de Karatê Interestilos. Era esporte puro, deixei muito claro que o karatê esportivo é só uma parte do karate, tanto que a gente destinava uma parte do ano para fazer competição e o resto do ano não fazia competição para que a gente pudesse desenvolver o verdadeiro karatê”, finaliza o professor Antônio Aderne.

## CAPITULO XII

### AS NOVAS FEDERAÇÕES

#### FEDERAÇÃO DE KARATÊ-DO TRADICIONAL DA BAHIA

A Federação de Karatê-Do Tradicional da Bahia – FKTB foi fundada no dia 20 de fevereiro de 1988, às 20h e 30 min, com a participação de dez clubes recém-saídos da FBK. A primeira diretoria teve como presidente o Sr. José Ambrozi, vice-presidente o professor Antônio Aderne e como diretor técnico o professor Eckener de Pereira Cardoso Sobrinho. A Federação de Karatê-Do Tradicional da Bahia – FKTB, já nasceu forte, com dez clubes, a saber: Drakon Associação Desportiva, do professor Sérgio Bastos (Serginho); SESC-Serviço Social do Comércio, do professor Sérgio Bastos; Garra Karatê Clube, do professor Temístocles Saldanha; Associação Desportiva Esparta, do professor Eckener Cardoso; ACAL – Associação de karatê Arte e Luta, do professor Antônio Aderne; ASKARAM – Associação de Karatê Ramos, do professor João Ramos; Associação Desportiva Arte, do professor Jorge Contreiras; Associação Desportiva Reflexo, do professor Enobaldo Ataíde; Maragogipe Karatê Clube, do professor José Ambrozi e Associação de Karatê Olímpico, do professor Enobaldo Ataíde.

A Federação de Karatê-Do Tradicional da Bahia – FKTB foi fundada através de alvará de funcionamento do Conselho Regional de Desportos (CRD) e registro na Secretaria dos Esportes da Presidência da República. A legitimidade da Federação de Karatê-Do Tradicional da Bahia – FKTB está amparada na Lei n.º 8.672/93 (Lei Zico) e no Decreto Presidencial 981/93, onde é permitida a criação de entidades de organização esportiva em todo o território nacional.

A Federação de Karatê-Do Tradicional da Bahia – FKTB realizou o seu primeiro campeonato estadual em 1988 e participou do primeiro campeonato nacional, no Rio de Janeiro, em 1988, ficando com o 1º lugar em Kunitê com o atleta Álvaro de Paula, 1º lugar em Kata com o atleta Enobaldo Ataíde e 3º lugar em Kata Feminino com a atleta Mara Burak. Nos dez campeonatos seguintes, de 1989 a 1998, na classificação geral, a Bahia ficou três vezes no 3º lugar, uma vez no 2º lugar e seis vezes no 1º.

Os principais atletas veteranos da Federação de Karatê-Do Tradicional da Bahia – FKTB são: Sérgio Bastos, Enobaldo Ataíde, Álvaro de Paula, Mara Burak, Carlos Alberto Assunção (falecido), Luiz Eduardo Sena, Elias carvalho, Isac Andrade, Maria das Graças (AS-SAMACA), Tereza Batista (SESC), Valdir Silva, José Marcelo Pereira, Karine Conceição, Janete Ataíde, Ana Cláudia, Ricardo Sena, Temístocles Saldanha, Taciana Gomes, Sérgio Araújo, Paulo Roberto Oliveira, dentre outros.

A Federação de Karatê-Do Tradicional da Bahia – FKTB é filiada no Brasil à Confederação Brasileira de Karatê-Do Tradicional e filiada internacionalmente a ITKF – International Traditional Karatê Federation

A Federação de Karatê-Do Tradicional da Bahia – FKTB tem como filosofia o Karatê Tradicional, que é o Karatê Original que se desenvolveu no Japão como uma arte marcial embasado em uma filosofia originada do Budô. Em termos técnicos, o Karatê Tradicional se baseia no conceito técnico do golpe definitivo, o qual se define como a técnica suficiente para destruir um atacante em ofensiva.

Em harmonia com outras técnicas relacionadas, o golpe definitivo integra todo o poder do corpo para centralizá-lo em uma área determinada.

Nas competições do Karatê Tradicional tudo se baseia na arte da defesa pessoal. Só se reconhece a técnica do golpe definitivo para contar pontuação. Inclusive, de acordo com o princípio de que o golpe definitivo não oferece uma segunda oportunidade, os combates, dentro do Karatê Tradicional, valem um só ponto. Em se tratando de uma arte de defesa pessoal, o tamanho do adversário não é considerado, é, portanto, irrelevante. Os princípios de defesa pessoal exigem a preparação adequada para defender-se contra qualquer adversário, sem se importar com seu tamanho, qualquer que sejam as circunstâncias, daí não haver divisão de categorias por peso.

A Federação de Karatê-Do Tradicional da Bahia – FKTB tem clubes filiados nas principais cidades do Estado da Bahia.

### FEDERAÇÃO BAIANA DE KARATÊ POINT

No dia 29 de janeiro de 1991, surgiu em Monza, na Itália, a International Point Karatê Federation – IPKF, com o objetivo de agrupar organizações nacionais de Karatê Point existentes. Estas entidades não aceitavam os sistemas de Karatê da WUKO e da Tradicional. Queriam um sistema alternativo, daí nasceu o Point. Posteriormente devido a aceitação mundial do Karatê Point, a IPKF recebeu a denominação de World Karatê Federation, isto em 1992. Neste mesmo ano, no mês de outubro, aconteceu o I Campeonato Mundial de Karatê Point, em Veneza, Itália. Nesse campeonato, a equipe brasileira conquistou algumas medalhas. Na primeira diretoria da International Point Karatê Federation – IPKF foi eleito como vice-presidente o professor Antônio Flávio Testa (Brasil).

Ao se desligar da Federação de Karatê-Do Tradicional da Bahia – FKTB, o professor Antônio Souto Aderne fundou na Bahia, a Federação Baiana de Karatê Point – FBKP, no dia 12 de junho de 1993. A diretoria era formada pelos seguintes membros: Presidente, Catarina da Costa Oliveira; vice-presidente, José Augusto Maciel Torres; tesoureiro, Jamil Júnior; secretário, Otávio Gomes, diretor técnico, Antônio Souto Aderne e como diretor de divulgação, José Edmundo Sebastião dos Santos (falecido). No dia da fundação estavam presentes os representantes dos seguintes clubes: Kotobuki Karatê Clube, Shizentai Karatê Clube, Kihon Karatê Clube, Naja Karatê Clube e Acal-Budokai. O primeiro clube a se afastar da Federação Baiana de Karatê Point – FBKP foi o Acal-Budokai, do professor Antônio Souto Aderne.

O primeiro campeonato estadual foi realizado em Salvador, no Clube dos Oficiais da Polícia Militar, nos Dendezeiros, no dia 18 de dezembro de 1993.

A Bahia foi campeã do I Campeonato Norte e Nordeste Point, realizado em Pernambuco, na cidade do Recife em março de 1994. Neste mesmo ano, nos dias 06 e 07 de agosto, em Recife, a Bahia participou do Segundo Campeonato Brasileiro e ficou em 3º lugar. Já o Segundo Campeonato Norte e Nordeste foi realizado em Salvador, em 30 de junho de 1995, e a Bahia foi bi-campeã. Logo após este campeonato a Federação se desfez, pois o karatê Point não estava agradando os filiados baianos, pois não tinha a filosofia marcial dentro da Federação Baiana de Karatê Point – FBKP.

## FEDERAÇÃO NACIONAL DE ARTES MARCIAIS

A Federação Nacional de Artes Marciais – FNAME foi fundada em 24 de setembro de 1992, pelo professor Marco Antônio de Carvalho Monteiro. Teve como presidente provisório, o Dr. José Augusto Maciel Torres. Marco Monteiro ficou com o cargo de diretor técnico da entidade.

Da sua fundação participaram os seguintes clubes: Associação Alakija de Tae Kwon Do; Kime Karatê Clube, Associação Lung de Kung Fu; Associação Marco Monteiro de Artes Marciais, Associação Internacional de Tai Chi Chuan da Bahia e o Ryoton Karatê Clube. Atualmente existem clubes filiados dos seguintes estados: Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Goiás, São Paulo, Santa Catarina, Acre e Bahia.

-“A Federação Nacional de Artes Marciais – FNAME tem como filosofia promover seminários, palestras, cursos e simpósios. Fundamentei as normas da FNAME nas propostas dos Mestres japoneses Jigoro Kano (JUDÔ) e Gichin Funakoshi (KARATE) que, atendendo ao movimento cultural japonês, que aconteceu nos últimos anos do século XIX, onde a cultura a arte e a educação passavam por revolucionárias reformas humanistas no Japão. Diante do processo de desenvolvimento intelectual da cultura oriental, que aconteceu no final do século XIX, mais precisamente entre os anos de 1880 a 1889, para os japoneses da época, não havia mais sentido o emprego da prática das artes marciais como combate corporal entre seres civilizados.

Jigoro e Funakoshi, fortalecidos pelos propósitos de renovação de sua pátria, promoveram através do Judô e do Karate, uma nova e revolucionária mudança através da prática dessas modalidades recém criadas por eles. Substituir os golpes agressivos pela essência da pureza, do amor contemplativo e do respeito à vida era o objetivo deles.

Jigoro Kano e Funakoshi foram os responsáveis da IMPLANTAÇÃO DA ARTE MARCIAL MODERNA, fundamentada no ensino que, promovesse as características fidedignamente humanas aos alunos, de modo que, a violência dura e agressiva dos vários estilos de lutas fosse, aos poucos, desaparecendo e se desenvolvesse um novo modo verdadeiramente construtivo e significativo do emprego das artes marciais, que por certo, seria a utilização delas, simplesmente voltada para o aspecto do exercício físico. Então, influenciado pelos propósitos fidedignos dos Mestres Jigoro Kano e Gichin Funakoshi, quis imitá-los utilizando a FNAME para melhorar a qualidade didática marcial na Bahia. Como é de conhecimento geral, não consegui. Entretanto ninguém pode dizer que não tentei. O que está parecendo é que o mundo regrediu 150 anos. Voltamos ao argumento da força bruta. Só os superiores podem perceber isso-“, explicou Marco Monteiro.

Uma das grandes realizações da Federação Nacional de Artes Marciais – FNAME foi a foi o apoio total para o desenvolvimento do projeto “Karatê para Cegos”, realizado de 1992 a 1993 na Faculdade de Educação III da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Outra importante realização da FNAME foi ter apoiado o projeto de criação do Dia Municipal das Artes Marciais, DIA 28 DE AGOSTO, conforme Lei 4.960/94 de 08/11/1994, publicada no Diário Oficial do Município de Salvador, em 09/11/1994, na página 02, na gestão da Prefeita Lídice da Mata.

Este projeto foi enviado à Câmara de Vereadores pelo professor Marco Antônio de Carvalho Monteiro, através do vereador Javier Alfaya em atendimento à solicitação da FNAME. A FNAME é patrocinadora oficial dos encontros anuais comemorativos dessa data, juntamente com a Prefeitura Municipal do Salvador denominado de CAMINHADA DA INTEGRAÇÃO.

Nos anos de 1994 a 1996, realizou vários simpósios sobre Pedagogia, Psicologia da Educação e Educação Física, adaptados para as artes marciais, apoiado pela UNEB – Universidade Estadual da Bahia, sob a coordenação do presidente da FNAM, Professor Dilton Santos de Cerqueira, licenciado em Educação Física e vinculado à PROEX – Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários da UNEB. Dilton incentivou grandes trabalhos educacionais enquanto foi presidente da FENAM.

Nos anos de 1995 e 1996 a FNAM patrocinou o projeto “Karatê para Cegos”, no Instituto de Cegos da Bahia.

No ano de 1995, após a conclusão do Projeto de Pesquisa sobre Didática para Crianças e Adolescentes realizado na UFBA – Universidade Federal da Bahia, com apoio da FNAM, aconteceu uma revelação. Um dos 900 garotos participantes do projeto, Mário Cerqueira Souza Júnior foi considerado pelos técnicos como superdotado em psicomotricidade. Durante os três anos do trabalho ele foi alvo de constantes testes realizados por profissionais de Educação Física e Psicopedagogos. O estudo ao qual Mário foi submetido se baseou no tempo de treinamento hora/aula, que era realizado duas vezes semanalmente, uma hora por dia, sem cobranças de perfeição das técnicas do karate que lhe eram ensinadas.

Na conclusão do projeto, após três anos e sete meses, o garoto já havia aprendido todos os katas heian, os tekki e três katas de faixa preta.

O exame para faixa preta do garoto Mário Cerqueira de Souza Júnior foi público e aconteceu no clube ASBAC na Pituba. Na banca examinadora estavam os professores Dilton Santos de Cerqueira, 3º dan, Otávio Gomes, 3º dan, os professores de Educação Física Dr. Admilson Santos da UFBA, Cícero Mariano do Colégio Apoio e a Psicopedagoga e Mestre em Educação Especial Rita Meira Lessa da UFBA. Marco Monteiro comandou o exame.

Mário Cerqueira Souza Junior foi aprovado e teve seu diploma homologado pela FNAM aos oito anos e meio de idade e entrou para o livro dos records, Guines Book, no 1996, como o faixa preta mais jovem do Brasil.

O propósito desse estudo, segundo o professor Marco Monteiro, investigou três aspectos: a descoberta de uma didática adequada para o ensino de artes marciais para crianças e adolescentes; a carga de treinamento necessária para o desenvolvimento da técnica e do indivíduo e, a relação professor/aluno; aluno/aluno; professor/pais e pais/alunos.

Os resultados deste trabalho estão publicados em livro desde o ano de 1997.

## FEDERAÇÃO DE KARATÊ INTERESTILOS DA BAHIA

Foi fundada em 02 de julho de 1994, sendo o seu primeiro presidente o Advogado Aroldo Santos, o vice-presidente foi o professor Ivo Rangel, diretor-administrativo, o Arquiteto Roberto Pereira e como diretor-técnico o professor Dorival Daniel. Da sua fundação participaram os clubes Imperador, AAB – Associação Atlética da Bahia, Cajazeiras Karatê Clube, Esporte Clube Bahia, Associação Nokachi, Clube Ipon de Eunapólis, Shogun de Itabuna e Gankaku Karatê Clube de Irará.

O primeiro campeonato estadual foi realizado na cidade de Feira de Santana, no Feira Tênis Clube. A FKIBA participou de todos os campeonatos brasileiros desde 1994. Os primeiros campeonatos foram realizados no Rio de Janeiro (1994), São Paulo (1995), Bahia (1996), Sergipe (1997), Alagoas (1998) e Pará (1999), destes a FKIBA só não foi campeã no Pará, porque a delegação era composta de sete atletas. A FKIBA participou

dos campeonatos mundiais promovidos pela SKI no Japão (Yokohama), Granada, Fukuoka, Luanda na África e Mendonza na Argentina.

Além dos campeonatos estaduais, é a única do Estado a promover anualmente uma competição interestadual cobiçada pelos melhores atletas brasileiros, a COPA BAHIA.

Nela já disputaram atletas internacionalmente conhecidos, a exemplo de Altamiro “Didi” Cruz (DF), Antônio “Pré” Pinto (MG), Maximiliano Pagane (SP), Tereza Batista (RJ), Réti-clis Alves (AM), Rostan Lacerda (PB), Antônio Rocha (SE), José Felix (RN) Leandro (CE) Esdon (RS). Enfim, atletas de todo o Brasil.

Dentre os baianos, os mais laureados foram nas primeiras épocas, José Mendes e atualmente, Elivaldo Carvalho, considerado pelo professor Ivo Rangel, como o mais competitivo atleta contemporâneo.

A Federação de Karatê Interestilos da Bahia – FKIBA está filiada a SKI – Shotokan Karatê International, que tem a sede no Japão.

Os pontos em campeonatos são marcados por Shobu Ipon Han (um ponto e meio) existindo, entretanto, variações não oficiais denominadas Shobu Nihon (dois pontos).

A Federação de Karatê Interestilos da Bahia – FKIBA, tem como filosofia a democratização, respeito, auto proteção, sinceridade e pujança.

Democratização – Relacionar e participar de competições com qualquer Entidade Federada.

Qualidade – Apuro de aplicação técnica nos detalhes mais minuciosos possíveis.

Respeito – A hierarquia piramidal da entidade, onde o mais graduado deverá se autofiscalizar, para ser considerado digno de respeito daqueles que o seguem.

Auto Proteção – A integridade corporal jamais poderá ser tratada negligentemente. O corpo humano, quando da prática desportiva, deverá estar acautelado de toda a segurança, para evitar acidente. Por isso, a obrigatoriedade do uso de protetores para a cabeça, tronco, genitália, mãos e pés.

Sinceridade e Pujança – O karatê não pode perder o que tem de mais importante: a potência. Assim como não deve ser “luta de faz de contas” (sem contato), por isso a necessidade de protetores corporais.

Os principais atletas dos anos 2000 e 2001 da Federação de Karatê Interestilos da Bahia – FKIBA foram: Dilson Soares, Nigro Santana, Ricardo Azevedo, Elivaldo Carvalho, Wilson Santos, Dorival Daniel, Aroldo Santos, Carlos Assis, Ilton Moura, Zilto Jabotá, Rita de Cássia de Jesus, Tuane Grazielle, Elizangela Cajé, Débora de Jesus, Diana Peixoto, Fábria Freitas, Ana Paula Amparo e Simone Araújo.

A Federação de Karatê Interestilos da Bahia – FKIBA, possui clubes filiados nas cidades de Salvador, Feira de Santana, Itabuna, Vitória da Conquista, Xique Xique, Santa Maria, Correntina, Santana, Irará, Vera Cruz, Itaparica, São Sebastião do Passé, Berimbau, Alagoinhas, Eunapólis, Santo Antônio de Jesus, Valença, Nazaré, Jacobina, Jaguariri, Camaçari, Dias D’Ávila e Juazeiro.

Na Federação de Karatê Interestilos da Bahia – FKIBA além do estilo SHOTOKAN, existe o estilo Shorin-Ryu, desde 1994, na cidade de Eunapólis e Goju-Ryu, desde 1994, na cidade de Salvador.

A Federação de Karatê Interestilos da Bahia – FKIBA está filiada no Brasil à Confederação de Karatê Interestilos do Brasil – CKIB, que tem como supervisor técnico o “Kyoshi” – 7º Dan – Ivo Rangel e na presidência o “Shihan” – 6º Dan - Fernando Rocha, sendo vinculada internacionalmente à SKI – Shotokan Karatê International, que tem como supervisor técnico o “Kyoshi” – 7º DAN – Teruo Furusho, com sede central no Rio de Janeiro e

como delegado regional, na Região Nordeste do Brasil, com sede na Bahia, o “kyoshi” Ivo Rangel.

## FEDERAÇÃO BAIANA DE KARATÊ DE SEMI-CONTATO

A Federação Baiana de Karatê de Semi-Contato foi criada em 15 de janeiro 1996, com os dissidentes da Federação POINT, através dos Professores José Augusto Maciel Torres, Nelson Rios Daltro, Catarino da Costa Oliveira, dentre outros. Os clubes pioneiros foram: Kihon Karatê Clube, Shihan Karatê Clube, Yamabuchi, Kobudô e Hara-Kiri Karatê Clube. Nesse mesmo dia foi fundada a Confederação Brasileira de Karatê Semi-Contato, através da idéia do Professor José Augusto Maciel Torres. Essa Confederação foi fundada em Salvador-Ba, com o apoio de alguns clubes dos Estados da Região Nordeste.

A Federação Baiana de Karatê de Semi-Contato - FBKSC tem como objetivo a disciplina, a parte educacional, como ensinado antigamente.

As competições são baseadas em Nihon Ippon, ou seja, quatro wazaris ou dois ippons.

Nas competições são usados protetores bucais, luvas e coletes, no caso de crianças.

A Federação Baiana de Karatê Semi-Contato - FBKSC, possui vários clubes na capital e alguns no interior; a exemplo de Nazaré das Farinhas, Madre de Deus, Lauro de Freitas, Feira de Santana, Itapetinga e Senhor do Bonfim.

O I Campeonato Brasileiro de Karatê que a Federação Baiana de Karatê Semi-Contato - FBKSC participou, foi realizado no Rio de Janeiro, nos dias 25 e 26 de outubro de 1997, onde a Bahia foi vice-campeã. Em 1998, realizou-se o II Campeonato Brasileiro de Karatê no Estado da Bahia, no SESC – Aquidabã, onde a Bahia foi campeã e o III Campeonato Brasileiro de Karatê foi realizado em Minas Gerais, na cidade de Arcos, nos dias 30 e 31 de outubro de 1999, onde a Bahia ficou em segundo lugar, na classificação geral. Esse campeonato foi presidido pelo Grão Mestre e supervisor técnico Teruo Furucho – 7º DAN. O destaque da seleção baiana foi na categoria Senior (de 37 a 45 anos), onde se destacaram os atletas Nelson Daltro, campeão de Kata individual, José David Ferreira e Ramiro Oliveira, campeão e vice-campeão em kumitê individual.

Após a fundação da Federação Baiana de Karatê de Semi-Contato – FBKSC, foi eleito como primeiro presidente o Professor Catarino da Costa Oliveira, vice-presidente o Professor Nelson Rios Daltro e o Professor Vagneci Dias como diretor técnico.

O primeiro campeonato estadual foi realizado em 11 de maio de 1996, na Vila Militar do Bonfim, em Salvador. Nesse campeonato só participaram as categorias mirins, infantis e infante. Em 06 de dezembro de 1997, foi realizado em Lauro de Freitas, no CAIC, com apoio da prefeitura local, o I Campeonato Estadual da categoria juvenil e adulto, sob a direção do professor Nelson Daltro.

O primeiro exame de faixa preta realizado no interior do Estado da Bahia pela Federação Baiana de Karatê de Semi-Contato foi na cidade do Senhor do Bonfim, no dia 11 de novembro de 2001, onde os atletas Ramiro Antônio Moreira Oliveira, Raimundo Reis da Silva e Robeilton Mercês Almeida, foram aprovados para 2º dan e a banca examinadora foi composta pelos professores Catarino Oliveira, Paulo Barttiloti e Nelson Daltro, todos 5º dan.

Em 2002 os principais atletas eram: Carlos Ernanne, Erica Bianca, Michel Miranda, Eduardo Martins, Roberto Eduardo, Adriana Oliveira, Rejane Cruz, Franclin Roberto, Regilene Cruz, Wagnecy Dias, Wagnecy Filho, Luís Fernando, Jailson Mascarenha, Aislan Vidal, Talile, Daniel Alves, Lucas Lopes, Norrane Feliciano, Danilo Monteiro, Adriano Oliveira, André Oliveira, Andreia Oliveira, Anderson, Juracy, Henrique Luís, Marcelo, Sandoval,

Nilvacy Dias, Vera Lúcia, Edmundo Andrade, Silas, José David Ferreira, Nelson Daltro, Guilherme Costa de Jesus, Daniel Lessa, Raul Mello, Bruno Monteiro e Ramiro Oliveira.

## FEDERAÇÃO DE KARATÊ SHOTOKAN DO ESTADO DA BAHIA

Buscando a melhoria do nível técnico, cultural e esportivo do Karatê Shotokan praticado na Bahia, foi fundada a FKSBA - Federação de Karatê Shotokan do Estado da Bahia, pelo professor Oldac Araújo, na época 3º Dan, contando com o apoio de grandes líderes do karatê da comunidade baiana. A FKSBA, com sede em Feira de Santana, está filiada à CBKS - Confederação Brasileira de Karatê Shotokan e conta com alguns clubes filiados da cidade de Salvador, Feira de Santana, Paulo Afonso, Amélia Rodrigues, Cachoeira, Valente e Conceição do Jacuípe, num total de 11 academias, além de dojôs supervisionados em Cachoeira, Conceição da Feira, São Gonçalo dos Campos, Humildes, Conceição do Coité, Coração de Maria e Bessa, estes em pleno funcionamento e em preparação para serem transformados em clubes no seu devido tempo.

A FKSBA - Federação de Karatê Shotokan do Estado da Bahia foi fundada em 06 de fevereiro de 1996, com o apoio do Shihan Sadamu Uriu, que é o único representante da Associação Japonesa de Karatê no Brasil, e teve sua primeira diretoria assim formada: Presidente, Oldac Araújo, Vice-presidente, Denilson Caribé filho, Diretor Técnico, Dorival Caribé, Presidente do Conselho de Ética, Ruy Albuquerque, Diretor Fiscal, Aulos de A. Cruz, Diretor Médico, Colbert Martins Filho Diretor Jurídico, Oyama Jaqueira. Os clubes fundadores foram: Associação de Karatê de Feira de Santana, do professor Dorival Caribé, Associação de Karatê de Paulo Afonso, do professor Ruy Albuquerque e o Clube Educativo de Karatê, do professor Dalmar Caribé.

O primeiro campeonato estadual foi realizado em Feira de Santana, em 25 de setembro de 1997, no ginásio de esporte do SESI de Feira de Santana, o segundo foi em 25 de outubro de 1998, também realizado em Feira de Santana, no ginásio de esportes do SESI e o terceiro foi em 25 de julho de 1999, no ginásio de esportes do Feira Tênis Clube, novamente em Feira de Santana. Esses campeonatos foram mirim, infantil e infanto-juvenil. O primeiro campeonato juvenil e adulto foi realizado em 19 de setembro de 1999, no SESI de Feira de Santana, desta feita com participação de oito clubes filiados. Os maiores destaques da competição foram os atletas Adriano Araújo, campeão de kata e kumitê individual e por equipe adulto e Mychelle Albuquerque, campeã de kata e kumitê individual e por equipe juvenil feminino.

No II Campeonato Brasileiro realizado no Espírito Santo, nos dias 12 e 13 de outubro de 1996, na cidade de Vila Velha, a FKSBA - Federação de Karatê Shotokan do Estado da Bahia ficou em quinto lugar na classificação geral, porém teve como campeões os atletas Adriano Araújo, Fábio Haruaki e Getúlio Pinho. No III Campeonato Brasileiro realizado no Rio de Janeiro, nos dias 25 e 26 de outubro de 1997, em Cabo Frio, a FKSBA - Federação de Karatê Shotokan do Estado da Bahia conquistou o terceiro lugar na classificação geral e teve como destaque os campeões Adriano Araújo, Fábio Haruaki, Getúlio Pinho, Adriano Mota, Anderson Barbosa, Renato Oliveira, Mychelle Albuquerque e Djalma Caribé. Foi campeã brasileira. No IV Campeonato Brasileiro de Karatê Shotokan, em 1998, nos dias 26 e 27 de setembro, na cidade de Goiânia, em Goiás, a FKSBA - Federação de Karatê Shotokan do Estado da Bahia, foi campeã e os campeões foram, Adriano Araújo, André Araújo, João Neto, Pedro Guerra, Crispim Moraes, Oldac Júnior, Cassio Murilo, Mychelle Albuquerque, Jamerson Duarte, Jorge Santos e Anderson Barbosa.

A FKSBA - Federação de Karatê Shotokan do Estado da Bahia foi bi-campeã brasileira no V Campeonato Brasileiro de Karatê Shotokan realizado no Rio de Janeiro em 1999, nos dias 16 e 17 de outubro, na cidade de Cabo Frio e teve como campeões, Adriano Araújo, André Araújo, João Neto, Acayo Galeão, Nylber Bruno, Thomas Rabelo, Mychelle Albuquerque, Tatiane Feitosa, Daniela Mello, Rafaela Santos, Oldac Júnior, Crispim Moraes, Cassio Murilo, Juliana Santos, Rafaella Albuquerque, Priscila da França, Daniela Gomes, Silvia Maria, Henrique Queiroz, Bruno Tatavito, Fábio Ribeiro, Lorena Moraes, Michelle Santos, Mariana Oliveira, Neylane Santos, Neyara Santos e Anne Karoline.

Na segunda diretoria, o professor Oldac Araújo foi reeleito presidente e como vice-presidente e diretor técnico foi reeleito o professor Ruy Albuquerque.

No troféu Paulo Afonso, realizado pela FKSBA - Federação de Karatê Shotokan do Estado da Bahia na cidade de Paulo Afonso, houve a participação de todas as categorias da federação. Essa competição foi realizada nos dias 06 e 07 de junho de 1998, e passou a fazer parte do calendário oficial da prefeitura de Paulo Afonso.

A FKSBA - Federação de Karatê Shotokan do Estado da Bahia está filiada internacionalmente à International Japan Karatê Association – IJKA, presidida por Tetsuhiko Asai (1999)

Em 2000 os principais atletas da FKSBA - Federação de Karatê Shotokan do Estado da Bahia, Adriano Júlio Tavares Araújo, Getúlio Pinho de Jesus Filho e Fábio Haruaki Watanabe de Souza conquistaram o campeonato mundial de kata por equipe em Luzern, na Suíça, em 27 de julho de 1997. Além deles, foram representando a Bahia na seleção brasileira, a atleta Mychelle Montenegro de Albuquerque, vice-campeã mundial de kumitê individual juvenil, Edson Rivaldo Guerra, terceiro lugar de kumitê por equipe e o árbitro Ruy Correia de Albuquerque. Esse campeonato realizado na Suíça foi o primeiro em que uma equipe do Brasil sagrou-se campeã. Naquela competição, estavam presentes o Japão, Alemanha, Itália, França, Inglaterra, Suíça, África do Sul, Bulgária, dentre outros.

A FKSBA - Federação de Karatê Shotokan do Estado da Bahia é considerada de Utilidade Pública através da Lei n.º 7.412, de 30 de dezembro de 1998, pela Câmara de Deputados Estaduais do Estado da Bahia - Assembléia Legislativa.

## FEDERAÇÃO ESTADUAL DE KARATÊ-DO INTERESTILOS DA BAHIA

Foi fundada em 01 de junho de 1996, com os clubes Shizentai do professor Jamil Júnior, Associação Contacto e Força do professor Marcos Menezes e OTAJON do professor Otávio Gomes. O primeiro presidente foi o professor Jamil Júnior, o vice-presidente Marcos Menezes e Diretor Técnico o professor Otávio Gomes.

A Federação Estadual de Karatê-Do Interestilos da Bahia – FEKIB realizou o I Campeonato Estadual de Karatê-Do Interestilos no ano de 1996, no Ginásio Antônio Balbino. O II Campeonato Estadual de Karatê-Do Interestilos foi realizado em 1997, também no Ginásio Antônio Balbino. O III Campeonato Estadual de Karatê-Do Interestilos aconteceu no ano de 1998, na cidade de Ipiauí e o IV Campeonato Estadual de Karatê-Do Interestilos realizou-se no ano de 1999, no SESC – Aquidabã, em Salvador. Também participou dos Campeonatos Norte/Nordeste em Salvador, no ano de 1997, Belém do Pará, em 1998 e Natal, no Rio Grande do Norte, no ano de 1999. Participou dos Campeonatos Brasileiros, no ano de 1997, em Foz do Iguaçu e em Fortaleza no ano de 1998, e em São Paulo, em 1999.

Participou dos seguintes campeonatos internacionais:

II Copa Brasil de Karatê Interestilos em Foz de Iguaçu, nos dias 28 a 30 de junho de 1996; II Copa Internacional de Karatê Interestilos de 23 a 26 de junho de 1997; I Copa Mercosul de 13 a 15 de junho de 1998; II Copa Mercosul de 23 a 26 de junho de 1999. I Campeonato Sul-americano de Karatê Interestilos, no Paraguai, nos dias 13,14 e 15 de março de 1998; I Campeonato Mundial de Karatê Interestilos, nos dias 23 à 29 de junho de 1998, em São Paulo no Ibirapuera e II Campeonato Sul-americano de Karatê Interestilos, no Chile, nos dias 13,14 e 15 de março DE 1999.

A Federação Estadual de Karatê-Do Interestilos da Bahia – FEKIB possui clubes filiados nas cidades de Salvador,Itagi, Ipiauí, Jequié, Nazaré das Farinhas, Morro do Chapéu, Simões Filho, Valença, Teixeira de Freitas, Itabatan, Jaguaquara, Ubatan e Piritiba.

A Federação Estadual de Karatê-Do Interestilos da Bahia – FEKIB está filiada a CBKI – Confederação Brasileira de Karatê-Do Interestilos e à WKIF – World Karatê-Do Interstyles Federation.

A Federação Estadual de Karatê-Do Interestilos da Bahia – FEKIB, tem como filosofia resgatar o verdadeiro Karatê-Do.

A maior competição de Karatê já realizada no mundo, foi o Campeonato Mundial de Karatê Interestilos, em 1998, onde participaram 2.225 (dois mil duzentos e vinte cinco) atletas e houve 20 (vinte) áreas de competição. A FEDERAÇÃO ESTADUAL DE KARATÊ-DO INTERESTILOS DA BAHIA - FEKIB levou maior quantidade de atletas. Essa competição foi registrada no Guinness Book”.

#### SUPER LIGA DE KARATÊ-DO INTERESTILOS

Foi fundada em 05 de março de 1998. Os atletas da liga participaram do Campeonato Brasileiro, no Ceará, para o qual a Super Liga de Karatê-Do Interestilos levou dezoito atletas e ficou em décimo lugar. A SUPER LIGA DE KARATÊ-DO INTERESTILOS teve uma vida curta. Encerrou suas atividades em outubro de 1999.

#### FEDERAÇÃO DE KARATÊ CONTATO PLENO

Foi fundada no mês de março de 1998, pelo professor Valdir Silva. A primeira diretoria é formada pelo professor Valdir Silva, presidente, Carlos Sampaio, vice-presidente, diretor técnico, Adilson Charles e diretor árbitro William Tcheco. A Federação de karatê Contato Pleno – FKCP já participou de vários campeonatos pela Confederação Brasileira de Karatê Interestilos, da qual é filiada.

No campeonato brasileiro, realizado em São Paulo, no ano de 1998, o atleta Sidney Araújo da Federação de karatê Contato Pleno – FKCP foi campeão. No mês de julho de 2000, o atleta e presidente da Federação de karatê Contato Pleno – FKCP, Valdir Silva, sagrou-se campeão do mundo, no campeonato realizado em São Paulo, pela Confederação Interestilos.

A Federação de karatê Contato Pleno – FKCP tem como filosofia manter a disciplina, a moral, a educação e o respeito.

A Federação de karatê Contato Pleno – FKCP possui clubes filiados nas cidades de Salvador, Paulo Afonso, Terra Nova, Teodoro Sampaio, Santa Brigida, Morro do Chapéu. Além de Rafael Andrade, campeão brasileiro, norte e nordeste e 4º lugar no mundial de 2000, no ano de 2001 despontaram como melhores atletas da Federação de karatê Contato Pleno – FKCP, os atletas Jorge Nery, Sidney Araújo, Reinam Sampaio, Ramom

Sampaio, Roberval Cerqueira, William Tcheco, Marcelo Souza, Raimundo dos Santos, Elisangela Ramos, Jocineide Simões.

Além de manter um bom nível técnico a Federação de karatê Contato Pleno – FKCP faz um trabalho social, na pesaoa do presidente Valdir Silva, que ministra aulas gratuitas para mais de 500 atletas carentes na cidade do Salvador.

#### FEDERAÇÃO DE KARATÊ GOJU-RYU DA BAHIA

Foi fundada em 12 de outubro de 1998 tendo como presidente o professor João Maria de Paula, vice-presidente o professor Antônio Raimundo Andrade Santiago e como diretor técnico Everaldo Gonçalves de Melo. A federação foi fundada pelos clubes Associação de Karatê Banzai, do professor Everaldo Gonçalves de Melo; Associação de Karatê Dharma, do professor João Maria de Paula; Associação Desportiva e Cultural de Camaçari, do professor João Maria de Paula; ASKICAN – Associação de Karatê de Candeias, do professor Antônio Raimundo Andrade Santiago e a Associação de Karatê Myagi, do professor Alex Santana. A Federação de Karatê Goju-Ryu da Bahia possui clubes filiados nas cidades de Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Mata de São João e Madre de Deus. O primeiro campeonato realizado pela Federação de Karatê Goju-Ryu da Bahia aconteceu no dia 21 de novembro de 1999 sendo campeão de kata, na categoria mirim, o atleta David Almeida de Araújo e o campeão adulto, Valmir de Jesus.

#### LIGA BAIANA DE KARATÊ-DO INTERESTILO RENGO-KAI

A LIGA BAIANA DE KARATÊ-DO INTERESTILO RENGO-KAI foi fundada em 12 de dezembro de 1999 com a participação de seis clubes, a saber: Jiiftbo Karatê Clube, da cidade de Cruz das Almas, Gêmeos Karatê Clube da cidade de Ubaitaba, Academia Vigor da cidade de Feira de Santana, Academia Corpo e Mente da cidade de Coração de Maria e Academia do Almeida, da cidade de Conceição do Almeida.

A diretoria tem como presidente o professor Carlos Santana, vice-presidente o professor Edmilson Bastos, diretor técnico Arnaldo Neto, diretor de graduação João Bispo, diretor de eventos Gelson Jeltquei e diretor de árbitro Alípio filho.

A LIGA BAIANA DE KARATÊ-DO INTERESTILO RENGO-KAI participou do campeonato brasileiro na cidade de Fortaleza-Ceará, no ano de 2000, realizado pela LIGA NACIONAL DE KARATÊ SHOTOKAN, da qual é filiada e o atleta Arnaldo Neto foi campeão brasileiro, na categoria 75 kg.

Em 2001 a A LIGA BAIANA DE KARATÊ-DO INTERESTILO RENGO-KAI possuía dezoito clubes filiados.

#### FEDERAÇÃO BAIANA DE KARATÊ-DO ESTILO SHOTOKAN

Fundada em 20 de fevereiro de 2000, tendo como presidente o professor Marcos Menezes e vice-presidente o professor Guilherme Lopes, a FBKES foi fundada com nove clubes e até novembro de 2000 possuía trinta e um clubes filiados. A FBKES realizou no Ginásio Antonio Balbino a seletiva para o campeonato mundial de karatê shotokan. A seletiva contou com dezessete estados, em setembro foi realizado o primeiro campeonato baiano e em outubro o atleta Milton Menezes representou o Brasil no V Campeonato de Ka-

ratê-Do Estilo Shotokan, no Japão, no Ginásio da Budokan, onde se classificou em 4º lugar e foi selecionado para participar do Pan-americano na Venezuela, em Caracas.

O primeiro exame para faixas-pretas da Federação Baiana de Karatê-Do Estilo Shotokan – FBKES, foi realizado com a autorização da Federação Brasileira de karatê Shotokan, que é filiada a World Skotokan Karatê-Do Federation.

A FBKES tem a mesma filosofia empregada pelo seu criador, o mestre Funakoshi, ou seja, respeito acima de tudo, baseado no lema do karatê, dando prosseguimento ao trabalho do grande mestre.

A FBKES possui clubes filiados em Salvador, Alagoinhas, Feira de Santana, Nazaré das Farinhas, Jequié, Guanambi, Valença, Ibotirama e Teixeira de Freitas.

Um dos maiores destaques da FBKES em 2000 foi o atleta Milton Menezes, 4º lugar no mundial em 2000.

### FEDERAÇÃO ESTADUAL DE KARATÊ-DO DA BAHIA

Fundada em 06 de fevereiro de 2000 pelos clubes: Dragão de Ouro Karatê Clube, Associação de Karatê Combate, Associação de Karatê Contato e Força e a Associação de Karatê Dragão Vermelho. É filiada à Confederação Nacional de Karatê-Do e a WKO, tendo como presidente o professor Evaldo Sucupira, IV Dan e vice-presidente, o professor Luciano Santos, I Dan. Realizou a 1ª Copa Litoral Norte de Karatê-Do, na cidade de Lauro de Freitas, no dia 16 de julho. Participaram clubes dos Estados de Pernambuco, Minas Gerais, Paraíba e da Bahia.

### FEDERAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA DE KARATÊ-DO GOJU-RYU

A FEDERAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA DE KARATE-DO GOJU-RYU foi fundada em 22 de julho de 2001, com a participação dos seguintes clubes: Associação de Karate-Do Força e Flexibilidade, Associação de Karate-Do Hankyo, Associação de Karate-Do Força e Flexibilidade Dojô III, Associação de Karate Banzai e teve como diretores da primeira diretoria: presidente, o professor José Monteiro da Costa Filho, vice-presidente, Edimilson Menezes Franco e diretor técnico Valney Lins Gusmão.

A FEDERAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA DE KARATE-DO GOJU-RYU possui clubes filiados nas cidades de Salvador, Candeias e é filiada a Internacional Karate-Do Goju-Ryu do Japão.

A FEDERAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA DE KARATE-DO GOJU-RYU tem como filosofia difundir o estilo Goju-Ryu no Estado da Bahia.

### FEDERAÇÃO DE KARATE BUDOKAN DA BAHIA

Fundada em 26 de novembro de 2001. Tem como Presidente o professor Jotaécio Gomes, 4º dan. Vice-presidente Robson Adorno de Lima 2º dan. Diretor técnico Dilene Gomes 3º dan. Os clubes fundadores foram: Budokan Karate Clube, Clube de Karate São Gonçalo, Inkaba-Instituto de Karate da Bahia e o Prelúdio Karate Clube.

### FEDERAÇÃO BAHIANA UNIFICADA DE KARATE-DO

Fundada em 7 de dezembro de 2001 e teve como primeiro presidente o professor Derivaldo Oliveira dos Santos, 4º dan. O vice-presidente foi o professor Marcos Santos Fer-

reira, 3º dan. O diretor técnico foi o professor Ailton Jesus dos Santos, 2º dan. Os clubes fundadores foram o Nagashi Karate Clube, Associação Derivaldo Oliveira de Karate-Do e a Associação Regui de Karate-Do.

## CAPITULO XIII

### O KARATÊ NA MINHA VIDA

(Escrito por Denílson Caribé no Esporte Jornal. Transcrito do Esporte Jornal no período de 21/02/77 a 04/07/77 para este capítulo na íntegra, com algumas correções gramaticais.)

“Após os 21 anos, exatamente a 15 de abril de 1961, tive o meu primeiro contato, de fato, com o esporte karatê. A realidade correspondeu, à idéia que fazia do que fosse esse esporte. Imaginava que a coreografia de movimentos rápidos, eficientes, produzisse efeitos que pudessem despertar o interesse do praticante, cativando-o a ponto de fazê-lo aprofundar-se, cada vez mais, no conhecimento da coisa. Conhecimento este que é imponderável pois sempre estamos aprendendo algo de novo. O meu primeiro Mestre, de nacionalidade Japonesa, falava português com dificuldade, enquanto que o meu vocabulário de japonês não ia além de 10 palavras. Assim, a prática avançava, enquanto a teoria caminhava a passos muito lentos. Tive uma idéia que me custou “os olhos da cara:” comprei livros em Inglês, Francês e Japonês, paguei caro para que fossem traduzidos e, a partir daí, comecei a ter muito mais certeza do que fazia.

Depois de quatro anos de treinamento com Oishi, ele me revela mais uma faceta do seu bom caráter. Disse que já me ensinara tudo o que sabia e que, de agora em diante, teríamos que aprender mais em centros mais adiantados. Fomos a São Paulo onde disputamos, em 1965, um torneio do estilo “Gojo-Ryu” e nos sagramos Campeões . O que pode parecer surpreendente, seja nossa vitória, confesso, sem modéstia, que o surpreendente seria nossa derrota diante do que vimos lá. Se um centro esportivo mais adiantado nos apresentava o que vimos, um pensamento desalentador passou pelas nossas cabeças. Já sabíamos tudo ou seria o caso de desistir por ver que os outros não se preocupavam em melhorar? Além do título imprevisto, o resultado nos trouxe outra consequência. Esta, maléfica, pois o sucesso nos subiu à cabeça e, em conversa como o Mestre Yoshida, manifestamos nossa opinião acerca da superioridade do karatê da Bahia. Aquele homem simples, o mais destacado Mestre de Judô da Bahia, é, também, e isto vamos tornar público, pela primeira vez, um dos grandes responsáveis pelo crescimento do karatê em nosso Estado. Com um sorriso, Yoshida concordou comigo e me entregou um bilhete em Japonês para Mestre Tanaka, residente no Rio de Janeiro. Com ele, segundo Yoshida, e o que depois confirmamos, na prática, teríamos alguma coisa a mais para aprender. Nova viagem, desta vez para o Rio, em 1966. Chegamos à Academia do Mestre Yasutaka Tanaka, em Botafogo, vestimos os quimonos e depois de 4 horas de aulas chegamos à conclusão de que diante do conhecimento superficial e primitivo de que dispúnhamos, faltava aprender ainda muito. Para ser sincero: quase tudo!

Com o professor Tanaka descobrimos, logo no primeiro treino, que faltava muito ainda para aprender. No segundo treino aconteceu um incidente que, embora lamentável, nos permitiu tirar dele novos ensinamentos.

Numa competição – treino de Jiu-Kumitê (luta) Oishi atingiu, involuntariamente, o prof. Inoki. O golpe provocou uma sensível reação física no nosso novo amigo e uma reação solidária dos professores Lirton Monassa, Tanaka e do próprio Inoki, além dos seus alunos mais graduados, sobre os quais nos referiremos mais adiante. Em Japonês, mas a linguagem universal da mímica e das expressões faciais me fez entender a maior parte,

Oishi fora repreendido severamente por Tanaka, que o censurava por não ter paralisado, a tempo, o golpe que provocou convulsões e atordoamento em Inoki. Compreendendo o sentido da repreensão, Oishi partia, no dia seguinte, para São Paulo, considerando não mais haver clima favorável à sua presença. Eu fiquei sozinho e enfrentei, então, o que poderia chamar, literalmente, de “prova de fogo”. Mas, na realidade, não ficou um único trecho das partes do meu corpo exposta aos treinos que não aprendesse, na prática, a arte de absorver pancada. À noite, consultando o travesseiro, diversas vezes pensei em voltar para a Bahia. Mas pensava em Yoshida, na carta de recomendação que ele fez a Tanaka sobre nós, nos meus amigos, no pessoal que estava esperando o meu regresso para aprimorar-se em karatê e resolvia, imediatamente, que iria ficar até o limite máximo da minha resistência física. E me admirei, quando no 15º dia, ainda estava lá. Minha licença de trabalho se esgotava, mas no íntimo eu já pensava era em encontrar um meio de fazer um novo estágio. Pouco estava me importando as pancadas, pouco estava me importando as atitudes frias (que não eram do clima, apesar de estarmos em maio de 1966) e, até mesmo, algumas humilhações. Eu tinha decidido continuar e nada mais me faria retroceder.

De volta a Salvador, a minha preocupação maior foi consolidar, com a prática, o duro aprendizado que realizara com o Tanaka, Lirton, Inoki e Uriu. Reuni os amigos e adeptos, juntamente com Oishi e, enquanto contava as peripécias dos 15 dias em que mais apanhei durante toda a minha vida, começamos uma nova fase do karatê na Bahia. A medida preliminar foi a definição em favor do estilo “Shotokan” que, segundo o nosso recente conhecimento, era o mais praticado no mundo inteiro, além de apresentar o maior índice de vitórias nas competições internacionais entre estilos diferentes. Acrescente-se que, na nossa opinião pessoal, o “Shotokan” adapta-se ao nosso temperamento de brasileiros e baianos, uma vez que usa os movimentos naturais do corpo sem obrigar os atletas a posturas acima das suas capacidades físicas normais. O ano de 1966 ainda me proporcionaria mais duas viagens de estudos ao Rio de Janeiro, pois tinha de, sobretudo, vender aos professores cariocas a idéia de que nós devíamos aprender tudo o que fosse possível, aliada à disposição pessoal deles em nos ensinar, com vistas ao pleno aproveitamento do potencial humano existente na Bahia. Pois aqui, mesmo com as condições precárias, diversos alunos já se sobressaíam nas competições. O fenômeno pode encontrar explicação no fato de que muitos adeptos do karatê, inclusive eu próprio, eram oriundos da Capoeira Regional, de que Mestre Bimba foi o maior expoente, tem muita semelhança com o karatê e esta nossa afirmação não é feita, gratuitamente, pois temos argumentos suficientes para referendar isto. E deles nos serviremos na próxima semana.

Em 1963, logo depois de iniciar na prática do karatê e na do Jiu-Jitsu, procurei a casa de Mestre Bimba para conhecer a capoeira Regional por intermédio de José Carlos Bittencourt (vermelho), então colega de trabalho, e depois meu padrinho na iniciação desse esporte tão autenticamente brasileiro e baiano. Na Segunda aula, o meu “esquenta-banho” foi jogar com Airton Moura (onça), hoje presidente da Federação de capoeira em São Paulo e na época, um dos mais destacados praticantes. Só não tomei, na oportunidade, um verdadeiro “banho”, que aliás, era a praxe para todos os novatos, porque me vali de alguns recursos do karatê para não passar um vexame. Isto não quer dizer que eu julgue hoje o karatê superior à Capoeira, nem esta àquele. Cada esporte deve ser praticado na sua essência e o fato de que, sendo conhecedor de um, use suas técnicas numa disputa do outro, só me parece justo para não levar uma surra. De outro modo, estaremos nos valendo de golpes incorretos, uma vez que o nosso adversário só deveria, realmente, conhecer, aplicar as regras do esporte que estiver sendo disputado. Depois conheci "Acor-

deom”, “Camisa Roxa” e Onias Camardelli. Com “Acordeon” tive discussões sobre a teoria de capoeira, quando defendi sua posição de aumentar a eficiência de alguns golpes e seu ponto de vista de que deveria fazer um trabalho mais profundo no sentido de uniformizá-los, tornando a maioria dos golpes mais traumáticos do que simulados. Isto, decerto, sem que fossem sacrificadas as esquivas, a ginga, a malícia, que são as características mais fortes da capoeira. Como se pode verificar, há muita semelhança entre o karatê e a capoeira, notadamente nos golpes aplicados com os pés ainda que os resultados obtidos sejam diferentes. Há também, contato na própria origem histórica: o karatê esporte das mãos vazias, como a Capoeira, foi criado, inicialmente, para que os nativos japoneses se defendessem dos colonizadores que os proibiam de usar armas. A Capoeira de Angola, da qual se derivou a Regional, foi criada em outro continente, o africano (com os mesmos objetivos). E no Brasil, para lutar em favor da Liberdade e contra a Escravidão do Negro. Em janeiro de 1964, juntamente com Oishi, fui até São Paulo. Lá, na Academia Mei-bukan, do professor Akira Taniguchi, submetemo-nos a exame de faixa; eu, pela primeira vez, mudando de branca para verde, enquanto Oishi oficializava a faixa preta de que já era portador. Ficamos durante uma semana participando de treinamentos, observando as técnicas usadas e tendo a nossa atenção despertada para a seriedade com que o Mestre Taniguchi, na época já faixa preta, 5º Dan, propagava a parte filosófica do esporte. Do mesmo modo, utilizava-se de um profundo treinamento de “Zen”, que é uma das correntes do budismo na qual a meditação é um dos principais objetivos. Em outras oportunidades, durante o ano de 1964, tivemos mais contactos com Taniguchi, pessoalmente e por cartas, muitas das quais ainda guardo como ensinamentos de grande valor. Conhecedor de poucas coisas, tudo o que vi e aprendi com ele, se me afigurava como novidade. No entanto, o que me entristecia e até me desanimava, embora não me fizesse desistir, era a minha falta de convicção na eficiência daquilo que ele me ensinava, pois que poucas vezes, o vira em combate. E ainda assim, nessas ocasiões sentia haver uma grande distância entre a sua Palavra e a sua Ação. Em dezembro desse mesmo ano, voltei a São Paulo e me submeti a exame para a faixa roxa. Desta feita demorei duas semanas, durante as quais tive oportunidade de treinar em companhia de alunos mais graduados do Pró Taniguchi. Não que nisto vá imodéstia da minha parte ou demérito para os meus eventuais colegas. Tanto eu como outras pessoas, notávamos o flagrante desnível entre eles e outros praticantes de Karatê na Bahia, ainda que portadores de faixas inferiores. Durante a parte teórica ouvia severas advertências sobre os perigos do karatê com palavras duras como “mata”, “aleija” e outras da mesma família. Mas a superioridade dos paulistas foi ao chão quando fizemos o I Torneio Nacional de Karatê. A Bahia venceu e convenceu. Em Junho de 1965, por via rodoviária e, o que é mais importante, cada atleta pagando a sua própria passagem, embarcou a primeira Seleção Baiana de karatê com a seguinte constituição: Técnico, Eisuke Oishi, atletas: Denílson Caribe, Renato de Jesus Pereira, Renato Duarte Filho, Lázaro Gagliano, Carlos Alberto Costa e Ivo Rangel da Silva. Esse torneio foi o primeiro de âmbito nacional feito para atletas de Karatê e sua realização, no Ginásio da polícia de São Paulo, reuniu público de quase seis mil pessoal, superlotando as dependências existentes. Ele nos surpreendeu, agradavelmente, pela sua boa organização e pela receptividade obtida do público esportivo paulistano e, muito mais, quando, no final, a Seleção Baiana foi proclamada Campeã. Não sem antes ter havido a nossa desclassificação, praticamente feita pelo Prof. Taniguchi que funcionou como Árbitro central em todas as lutas agindo com indisfarçada parcialidade. O resultado não teria sido injusto se considerássemos que, nervosos pelas constantes distorções da arbitragem, os atletas baianos acabassem por concluir alguns golpes, contundindo os adversários. Isto,

porém, no nosso entender, apresentou a eficiência que deveria ser fruto dos ensinamentos de Taniguchi e a mesma opinião tiveram outros Mestres presentes. Estes, reunidos, acabaram por mudar grande parte das decisões da arbitragem, concedendo-nos a vitória e, finalmente, o Título, de certo modo surpreendente e inesperado, de Campeões do I Torneio Nacional de Karatê. Isto representou uma passada ampla na decisão do nosso principal objetivo: aliar a Técnica à Eficiência. Depois da disputa, diante da posição dos outros mestres e do apoio integral do público, o Prof. Taniguchi nos decepcionou, durante o jantar de confraternização, demonstrando um comportamento dúbio e uma fragilidade de caráter que, mais tarde, viriam a ocasionar o ostracismo em que atualmente se encontra.

O torneio que vencemos em São Paulo, além da surpresa em que se constituiu a nossa vitória, apresentou outro resultado, aparentemente, contraditório. Com a vitória da seleção Baiana no estilo "GOJU-RYU" resolvemos, em primeiro lugar, mudar de estilo. Não por descrédito ao até então adotado, mas sim por julgarmos, na época como ainda hoje julgamos, que o estilo "SHOTOKAN" apresenta maior eficácia aliada a uma incontestável popularidade. De 1965 até 01 de maio de 1967, permaneci com a faixa roxa e só naquela data, submeti-me a exame perante a Banca Examinadora da Federação Carioca de Pugilismo, composta pelos professores Tanaka, Uriu e Rigashino, quando obtive a faixa marrom dentro do estilo a que me referi linha acima. Ainda corria o ano de 1967, quando uma nova Seleção Baiana compareceu duas vezes a Torneios nacionais realizados no Rio de Janeiro, sob os auspícios da Brasil Karatê Kiokay e supervisionados pela Associação de karatê do Japão. Nas duas vezes os atletas baianos tiveram uma participação abaixo da crítica, depois nenhum de nós conseguiu permanecer em luta por mais de 30 (trinta) segundos. E o que é mais importante, todas as derrotas foram por "YPPON" (um ponto completo), não deixando margem para dúvidas. Vale ressaltar também, que não houve uma única queixa nossa contra arbitragens facciosas, como ocorrera no torneio realizado em São Paulo. Usamos toda a nossa capacidade de autocritica para reconhecer a maior condição técnica dos nossos adversários que lhe doou a indiscutível superioridade. Na primeira vez viajamos de ônibus, e na segunda utilizamos o transporte solidário (hoje tão divulgado nas propagandas de racionalização de combustível) viajando em grupo de 04 e as pessoas por automóvel perante a estada no Rio, dormimos no chão da Academia KOBUKAN, o que consideramos uma grande diferença dos seus diretores, os Prós: Tanaka e Monassa. E cada uma das duas viagens de volta serviu para analisar as causas das derrotas que, ao invés de quebrar nosso ânimo, serviram de grande estímulo para treinarmos com mais afinco no objetivo maior de vir a ganhar em outra oportunidade. E esta não se fez esperar por muito tempo.

Em 1968, voltamos ao Rio de Janeiro para tomar parte em mais um torneio. O resultado ainda não apresentou a positividade que esperávamos, mas as coisas já começavam a clarear, segundo o nosso entendimento. Vale salientar que tanto aqueles torneios de 1968, como os anteriores, eram amistosos, pois não havia nada regularizado no Karatê do Brasil, sendo o Esporte praticado não oficialmente. Mas a prática, em termos nacionais, carecia de oficialização e a Bahia já dava as lições de como as coisas deveriam ser feitas. Em 23 de novembro de 1967, um grupo de amigos e esportistas fundava, juntamente comigo, a Associação de Karatê da Bahia. Nossa primeira sede foi na rua Caramuru, n.º 34, Ladeira dos Galés, com instalações bem simples as quais, entretanto, eram usadas com extrema boa vontade, a fim de que pudéssemos obter o melhor rendimento das aulas ali ministradas. Em 1966, Oishi regressava do Japão, atendendo a um chamado dos seus genitores. Na partida, em termos quase patéticos, ele me pediu que não aban-

donasse o Esporte, nem deixasse morrer um trabalho em que havíamos colocado tanto suor e, até mesmo, algum sangue, em termos literais possíveis. Como sempre convivemos bem durante a sua estada no Brasil e, além disto, era o seu aluno mais graduado, a liderança me coube mediante uma delegação da Nihon Karatê Kiokay, chefiada por Yasutaka Tanaka. Através de um documento oficial, eu, Vilobaldo de Moraes Pedreira e Carlos Alberto Costa, ficamos encarregados do ensino do Karatê em todo o Estado da Bahia, o que de certo, não me agradava, pois a minha intenção era de continuar como atleta, disposição, aliás, que mantive até 1975, quando deixei de competir, em caráter definitivo nos certames oficiais. Enquanto eu ainda permaneço em Salvador e Vilobaldo em Feira de Santana, o Carlos Alberto, por motivo de ordem particular, abandonou, há muitos anos, a prática e o ensino do Karatê. Aos poucos, diante de novo e importante encargo, vi-me completamente envolvido e sentindo a necessidade de dedicar-me durante mais tempo ao Esporte, deixei um excelente emprego na PETROBRÁS atirando-me integralmente, à prática, ao ensino, à administração, organização e divulgação do Karatê na Bahia e no Brasil. A lacuna deixada por Oishi teve de ser preenchida com alguém de maior condição técnica. Procurei o melhor, durante algum tempo, e encontrei o Pró Sadamu Uriu que, depois de muitas marchas e contra-marchas, seguindo orientação do professor Tanaka aceitou transferir-se para a Bahia. Ao trabalho desenvolvido aqui pelo Pró Uriu, dedicaremos o espaço da próxima semana.

A vinda do Prof. Uriu para a Bahia decorreu da necessidade de passarmos a contar com uma técnica mais apurada. Mas, também se deveu a uma série de sugestões dos atletas mais antigos, porque todos achavam que sem um Mestre Japonês o karatê da Bahia não caminharia para a frente. É aquela velha história de que “ninguém é profeta em sua terra”. O pessoal julgava que, por termos começado juntos talvez eu ainda não estivesse no ponto exato para assumir a liderança técnica. Sob aquela pressão amigável, vi-me obrigado a um sacrifício financeiro, de ordem quase pessoal, pois a permanência do Prof. Uriu em Salvador nos obrigaria a uma série de despesas para as quais não estávamos, absolutamente, preparados. O Pró Sadamu Uriu, na época, faixa preta 4º grau, é um dos japoneses responsáveis pela introdução do karatê no Brasil, em termos oficiais, isto é, com o apoio da Associação Japonesa de Karatê. Os outros três são: Yasutaka, Joicy Sagara, Tetsuma Rigashino. A academia de Uriu foi uma das primeiras fundadas no, então, Estado da Guanabara e os seus alunos, nos torneios realizados àquela época, obtinham, invariavelmente, os primeiros lugares em “kata” (formas) pela beleza do seu estilo e pela sua velocidade. Muitos não acreditavam que um Mestre deste porte, bem sucedido no Rio de Janeiro, pudesse deixar sua academia e o sucesso para radicar-se na Bahia, ainda que, temporariamente. O fato concreto, porém, é que veio em 1968 e só voltou para o Rio em 1970 e a experiência da sua permanência não foi totalmente positiva, porque, usando uma expressão popular “ele não se abria”, guardava com avidez o segredo da sua técnica que nós esperávamos conhecer e, dentro das nossas possibilidades, aprender. Das lições negativas, entretanto, sempre se pode, do mesmo modo, aprender-se algo positivo. Os que, na prática, me forçaram a trazer Uriu, com os sacrifícios a que me referi, verificaram que a alta Técnica pode não ser totalmente útil, se não houver paralela à mesma, a boa vontade de transmitir-se o conhecimento aos que precisam e desejam saber algo mais. Ficou-nos uma proveitosa e, talvez, definitiva lição, quando, alegando falta de aclimação dos seus familiares, o Pró Uriu manifestou-nos o desejo de regressar ao Rio de Janeiro. Da sua estada na Bahia, há ainda muitos fatos não conhecidos, mas que, sendo de grande importância, estamos obrigados a menciona-los. E isto faremos oportunamente.

Assim que as federações estaduais receberam instruções da Confederação Brasileira de Pugilismo para tomar a orientação do karatê, em termos administrativos e esportivos, controlando e disciplinando a sua prática, recebi um chamado do Presidente da Federação Bahiana de Pugilismo, Sr. Fauzi Abdala João. Compareci em companhia de Oishi e Yoshida para ouvir as recomendações necessárias à organização e funcionamento legal do karatê como Esporte. Embora víssemos que o presidente da Federação de Pugilismo cumpria instruções superiores, notamos também que ele dispunha de grande boa vontade, permitindo-nos emitir opiniões sobre o regulamento em elaboração, discordando, concordando ou sugerindo alterações, muitas das quais foram acatadas no instrumento definitivo, hoje em vigor. Em muitos casos, testamos as modificações sugeridas, funcionando com as mesmas em caráter provisório, verificando a sua objetividade na prática para, então, transformá-las em teoria, ou seja, em regra geral. Não se pode deixar de destacar o papel mediador do Sr. Fauzi Abdala naquela fase de implantação de regras do karatê, em âmbito nacional. Graças às suas exigências, todas fielmente cumpridas, foi fundada a primeira entidade deste esporte, dentro dos padrões da Confederação Brasileira de Pugilismo: a Associação de Karatê da Bahia. Em 1968, confirmado o pioneirismo baiano, realizamos aqui, o primeiro campeonato Estadual com a participação de três clubes. Convém frisar que só, em 1969, seria realizado o primeiro campeonato brasileiro. Já mencionei algumas vantagens e desvantagens da presença do Prof. Uriu, na Bahia, durante dois anos. Uma desvantagem, sem dúvida, foi a resistência que o mesmo ofereceu às alterações e adaptações feitas por brasileiros e para o karatê praticado no Brasil. Preferia o Mestre Uriu ater-se às regras originais, japonesas, dificultando as experiências que mencionamos, pois não aceitava, sequer, a ingerência da Federação e da Confederação de Pugilismo Brasileiras, pretendendo que o karatê ficasse, exclusivamente, subordinado à Associação Japonesa de Karatê (Nihon Karatê Kiokay).

Data daquela época um acontecimento que me surpreendeu, mas que eu entenderia logo depois, a razão que o motivou: Assim que chegou a Salvador, o Prof. Uriu me julgou em condições de ser promovido à faixa preta. Submeteu-me a um exame que não posso deixar de classificar como rigoroso e me concedeu a aprovação. Quando me dirigi à Federação Bahiana de Pugilismo, o Sr. Fauzi Abdala recusou-se a validar o exame e uma vez mais: tornou-o sem efeito e me disse textualmente que “se de fato eu tinha condições de usar a faixa-preta, teria que me submeter a uma banca examinadora e não ao critério subjetivo de uma única pessoa, por mais qualificada que fosse”. Encaminhou-me à Federação Carioca de Pugilismo, por ser a mais próxima e a única que dispunha de condição técnica para fazer tal julgamento. Perante os Profs. Yasutaka Tanaka, Tetsuma Rigashino e Juici Sagara obtive notas superiores às que o Prof. Sadamu Uriu me atribuíra e, a partir daquele momento, passei a usar definitivamente a faixa preta, pela qual tanto lutara e a que tanto almejava, com o diploma fornecido pela mesma entidade.

Logo depois do retorno de Oishi, passei a estreitar os meus contactos com Tanaka e fiquei sempre alerta para a chegada de qualquer Mestre vindo do Japão, ansioso para aprender o máximo de novas técnicas, mesmo correndo o risco de, sabendo do orgulho nacional desse laborioso povo, ao desagradá-los, fazer com que a minha atitude parecesse um desafio. Narrado pelo próprio, eu sabia de uma ocorrência entre Oishi e Sasaki, em São Paulo, quando o primeiro apanhou bastante do segundo, ao treinar na academia de Sagara. O “Slogan” da entidade dizia que os seus faixas-vermelhas enfrentariam, e venceriam, qualquer outro atleta de faixa três vezes acima de qualquer outra academia do Brasil. Havia ali, inclusive, um nissei portador de faixa marrom que a trocava por uma vermelha, a fim de enfrentar qualquer visitante. Seu nome era Júlio e esta sua “diversão”

era famosa e comentada até no Rio de Janeiro. Numa das minhas idas a São Paulo, encontrei-me com o Júlio no restaurante de Sagara, onde o mesmo trabalhava. Ele me convidou para um treinamento e eu aceitei porque conhecia a sua “brincadeira”. Era então faixa-roxa e ele me afirmou ser faixa-vermelha, sorrindo, após a saudação oriental. Às 19:00 horas, estava eu me aquecendo na academia da Sé (em São Paulo) tinha ares de “praça de guerra” apesar de que o encontro seria amistoso. Não me impressionei, sequer, com a afluência de público, pois estava, do meu lado, preparado para participar de mais uma “brincadeira” do jovem Júlio. Por azar do próprio e para minha sorte, tudo que eu fiz deu certo e tudo deu errado para ele que terminou bastante humilhado. Foi então que os demais professores, entre eles um baiano de apelido o “Mexicano”, me procuraram para saber como estava o nível do karatê na Bahia. O Júlio nunca mais brincou de usar faixa vermelha, deixou de participar de competições oficiais e hoje é faixa preta e respeitado como professor no Estado do Paraná, onde dirige uma bem montada academia. Daí em diante, nos tornamos bons amigos como sempre acontece no karatê que é um esporte para somar e não para dividir.

Outro fato marcante e que, no nosso julgamento, será interessante relatar, foi o meu treinamento no Ginásio Kobukan, quando portava a Faixa Roxa, após a partida de Oishi. Depois de duas horas de treinamento, os Prós. Tanaka, Lirton e Inoki constataram a boa forma em que eu me encontrava e o segundo sugeriu, tendo sido acatado pelos demais, que eu fosse indicado para uma reprimenda física. Convém mencionar que tal atitude era indiferente para mim, sob o ponto de vista pessoal. Entretanto, convém também mencionar os antecedentes para que se saiba que cumpri ordens e fiz uma coisa justa. Um compadre do Pró modificara-se inteiramente, após ter recebido a sua faixa preta. Foi ensinar numa academia de judô e karatê e tantos casos ele criou que acabou sendo expulso da Nihon Karatê Kiokay. Ali, receoso de treinar com qualquer outro professor ou aluno dos Mestres oficiais, não viu, entretanto, dificuldade em enfrentar um desconhecido faixa-roxa da Bahia. Na companhia de um emissário de Tanaka fui procurá-lo na sua academia, tendo referido emissário oficiado de sobreaviso, pois a academia em questão tinha 36 faixas-pretas de judô e nós não sabíamos qual seria o desfecho do encontro. Quando o vi, disse-lhe que lera na revista “Fatos e Fotos” a sua alta condição de professor de karatê e que gostaria de lutar com ele. A sua resposta foi uma pergunta: “De onde você é? “Da Bahia”, respondi. “Quem é seu professor?”.”Lá nós não temos professor” e, diante desta resposta, um sorriso de satisfação apareceu em seus lábios. Ele me abraçou, interrompeu a aula e me convidou para tomar um cafezinho. Dentro do código de ética dos esportes orientais, constitui-se uma grave ofensa o desafio feito por um atleta de faixa menos graduada a um outro de faixa superior. O professor – Osvaldo Duncan – é o seu nome, me mostrou o seu diploma, mencionou o seu parentesco com o Pró Uriu, levou-me para ver as instalações da academia e, durante todo esse tempo, permaneci de “cara amarrada”, pois não fôra ali procurar amizade. O Pró Duncan, percebendo isto, me disse que eu deveria deixar para treinar na aula seguinte, às 19:00 horas, quando estariam presentes os alunos mais graduados. Aceitei e o resultado contaremos na próxima semana.

O Prof. Duncan postou-se na porta da academia, comigo ao seu lado. Todo atleta que ia entrando era apresentado a mim e o que mais me despertou a atenção foi o Paulo Góes, hoje faixa preta, 3º Dan, bi-campeão brasileiro e meu particular amigo. Na época, o “Paulão”, como é mais conhecido, era o sustentáculo do Prof. Duncan, depois de ter sido aluno de Tanaka, cuja academia deixou, por motivos que até hoje desconheço. Daí percebi a sua fraqueza de espírito, pois o Prof. Duncan, alegou que não poderia lutar comigo, pois estava com um joelho machucado em virtude de uma apresentação feita, no dia anterior,

na TV. Eu lhe respondi que também estava com um braço machucado e que, nem por isto, me preocupava, porque ainda contava com outro braço e com as duas pernas. Delicadamente entretanto, ele me levou até o vestiário, aonde troquei o quimono e me dirigi para o “dojô”, quando ele me pediu para dar aula pela qual era o responsável. Notei, no entanto, que num dos lados o “Paulão” e mais dois portadores de faixas graduadas faziam aquecimento e, além disso, que os meus movimentos eram todos filmados, graças à multiplicidade de equipamentos com que a sua academia era e é dotada. Para meu desagrado, alguns dos alunos, estranhando o meu método de dar aula, um pouco diverso do adotado pelo Prof. Duncan, hesitavam em acompanhar o comando. Repreendi-os com severidade e ouvi o quase cochicho entre dois deles: “...e na Bahia já tem isso?...” Concluído o aquecimento, o Prof. Duncan ocupou a posição de árbitro e indicou o “Paulão” para meu adversário. Dono de físico avantajado, o “Paulão” tinha o hábito de lutar encostando-se à parede, o que aumentava ainda mais, a dificuldade para enfrentá-lo. Depois de ter acertado nele vários golpes, o Duncan indicou outro e mais outro. Este terceiro foi derrubado no primeiro golpe e deixou o “dojô” carregado. A quarta luta foi, novamente, com o “Paulão” a quem voltei a atingir, implacavelmente, pois percebi que o objetivo era me vencer pelo cansaço. Ai, não tendo havido outros adversários, encerramos o treinamento e me dirigi ao banheiro, quando fui cercado por diversos alunos, que me vieram cumprimentar. Naquele momento, percebi, no lado, a ponta de uma faixa preta, que só podia ser a de Duncan e disse aos rapazes que tinha ido ali, para lutar com o seu professor e que certamente, não me enfrentara por ter ficado com medo. Silenciosamente, sem fazer alarde de sua presença e sem refutar o que ouvira, Duncan retirou-se e, esse incidente, digo sem receio de erro, serviu para despertar a atenção sobre o meu nome entre os praticantes de karatê em todo o Brasil. Confesso, sem falsa modéstia, que hoje em dia, se tivesse que recomeçar, procuraria evitar episódios semelhantes. Assim como não recomendo a ninguém, neste caso particular, que repita o que eu fiz porque, em verdade, o proveito será sempre de pequena importância. Como existe um adágio popular que afirma ser aqui mesmo que se paga tudo o que aqui se faz, eu e o “Paulão” voltaríamos a ser personagens de um dos mais desastrosos episódios da minha carreira esportiva. E como se fosse para recuperar-se da humilhação que lhe impusera naquela outra oportunidade. Ele levou a melhor; como contarei mais tarde.

Tenho falado, sucessivamente, na parte esportiva propriamente dita. Mas os que vivem por dentro do Esporte sabem, tanto ou mais do que eu, que não há possibilidade de progresso no Esporte Amador sem organização administrativa, sem a burocracia, no bom sentido que esta palavra ainda pode comportar. Lutando e vendo outros abnegados lutarem, empreendi uma das tarefas mais hercúleas que um desportista pode enfrentar. Contando com a colaboração de um grupo de amigos, muitos dos quais ainda hoje tenho a satisfação de ter ao meu lado, redigimos os estatutos, registramos em cartório, cadastramos no Ministério da Fazenda, inscrevemos no INPS, na Delegacia do Trabalho, escolhemos a primeira Diretoria e partimos para a filiação à Federação Bahiana de Pugilismo. O Presidente, na época, como hoje, Sr. Fauzi Abdala João, exigindo-nos tudo o que era possível exigir. Tivemos momentos de quase desespero, chegando a pensar que tal ou qual dificuldade seria intransponível. Mas, em nenhum momento, qualquer de nós pensou em recuar ou desistir. Regularizar a prática do karatê na Bahia era o nosso objetivo principal. Em meio a uma grande descrença íamos caminhando passo a passo. O jornalista Luiz Eugênio Tarquínio, Diretor do Esporte Jornal, escreveu uma crônica que guardei para os meus filhos lerem, onde com palavras sinceras, confessava a sua dúvida no trabalho dos praticantes de karatê inicialmente, mas onde confessava também a sua admiração

pelo trabalho que procuramos empreender, dentro de uma linha reta da qual não nos pretendemos afastar. Como o nosso Diretor, muitas pessoas começaram a observar a seriedade do que fazíamos e passaram a nos dar crédito, divulgar o Karatê como esporte, como filosofia de vida, apoiar-nos e, até, emprestar-nos o seu prestígio. Não quero citar outros nomes para não cometer injustiças com omissões involuntárias.

Afinal, dez anos completa a Associação de Karatê da Bahia, no dia 23 de novembro deste ano e “dez anos não são dez dias”, para usar uma expressão popular, bastante aplicável no nosso caso. Por nós, hoje e sempre, poderão falar os milhares de atletas que aqui estiveram nos dando o calor da sua presença e o seu afã de crescer esportivamente. Por nós poderão falar os incontáveis troféus que honram e enaltecem a nossa galeria! Por nós, enfim, poderão falar os inúmeros amigos com que hoje contamos, pois o Esporte Sadio faz amigo e reforça as amizades existentes. Não queremos dizer que nos realizamos ou cumprimos a nossa missão. Mas, sem falsa modéstia, sentimos que as crianças, que hoje treinam Karatê na ASKABA, podem receber de nós mais do que as aulas que nos comprometemos a lhes ministrar; elas, as centenas de crianças que farão o Mundo Esportivo de amanhã, podem ver em nossa vida de luta uma lição de experiência das proveitosas. E muito mais ainda queremos fazer.

Em 1967, o Prof. Tanaka julgou de utilidade, um estágio feito por mim sob a orientação do Prof. Uriu, a fim de me aprimorar na técnica de “kata” (forma), pois este era considerado como um dos expoentes desta área, uma vez que os seus alunos sempre obtinham boas colocações em todos os campeonatos. O karatê como não é só a luta (Jyu-Kumitê), a partir de formas (kata), deve ser aperfeiçoado com a mesma intensidade.

Na Academia de Uriu, antes do início do curso, me colocou em combate com seus alunos mais graduados e eu tive mais uma vez que procurar me impor usando tudo o que sabia, de maneira que nenhum deles conseguiu levar a melhor. Diante disto, o Prof. Uriu me chamou para lutar com ele próprio e durante o combate, registrou-se mais um acidente quando ele me acertou um golpe nos testículos, obrigando-nos a uma interrupção. Depois que me recompus continuamos o combate e, sem ser por revide, seja por uma mera coincidência, acertei-o na mesma região. Uriu também teve que interromper a luta e recompor-se, tendo eu observado que nesse momento, ele esboçava um sorriso. Percebi que, daí em diante, teria que me redobrar na defesa e foi quando tive a oportunidade de comprovar, na prática, o seu grau de eficiente na luta. Portador de pequena estatura, mas dono de uma incrível agilidade, Uriu aproximou-se e me aplicou um golpe que nem me foi possível ver. Do pontapé que me atingiu em plena testa, só tive reconhecimento quando olhei para o chão e vi o sangue que caíra. Esta luta acabou aí, e depois fui receber as aulas de “kata” a que me destinava, quando o procurei. Alguns anos depois, como é do conhecimento geral, a nosso convite, o Prof. Uriu passou uma temporada na Bahia, onde prestou serviços ao nosso esporte.

Depois que o retorno do Prof. Uriu ocorreu, senti necessidade de uma nova ajuda ao meu trabalho. Pensei e pus em prática a idéia de arranjar um novo Mestre Japonês. Mas não bastava, é lógico, ser apenas japonês. Tinha que possuir as condições pessoais, morais e técnicas à altura dos padrões a que havíamos atingido e aos que pretendíamos chegar. Em 1969, conheci no Rio, aonde fomos com o objetivo de participar (eu) e assistir (ele) o I Campeonato Brasileiro de Karatê, o Prof. Yoshizo Machida. Radicado em Belém, no Pará, desde que chegara ao Brasil, o Prof. Machida acaba de ser considerado um eminente karatêista diante da sua atuação em um treinamento fechado na Academia Kobukan, onde demonstrou estar em excelente forma. O Prof. Sagara acabou de convidá-lo para transferir-se e fixar-se em São Paulo, quando, cumprindo o meu hábito, procurei-o

pois sempre gostei de conhecer o melhor dentro do Esporte a que me dediquei. Já em São Paulo, o Prof. Machida me impressionou pelo seu estilo veloz e de muito impacto nos seus golpes durante as oportunidades que o vi em ação. Até que chegou a minha vez de lutar com ele em três dias consecutivos.

No primeiro, apanhei bastante; no segundo, apanhei mais ou menos e no terceiro, já assimilando alguma coisa, pude, não somente apanhar menos ainda, como também, devolver alguns golpes resultantes do meu aprendizado. Nesse mesmo ano, voltei mais algumas vezes a São Paulo e a minha amizade com o Prof. Machida foi-se estreitando, tornando-se mais fácil para ele conhecer-me, assim como eu pude conhecê-lo e sentir a figura humana de grande porte em que o mesmo se constitui.

No mesmo ano seguinte, em 1970, em Brasília, aconteceu um fato fundamental, quando fomos participar de um Torneio Internacional. Na modalidade “kata” (formas) ele foi Campeão e eu fui Vice-Campeão. Na modalidade “Jyu-Kumitê” (luta) fomos derrotando todos os nossos adversários até nos encontrarmos na final, quando ele me derrotou e voltamos a obter os títulos de Campeão e Vice. A rivalidade na disputa dos títulos não arranhou, nem de leve, a amizade que já nos unia e, para completar, convidei-o a vir conhecer a Bahia, o que se deu algum tempo depois. Chegando em Salvador, Machida gostou e resolveu ficar, até porque já não estava satisfeito com a sua situação em S. Paulo. Propus que viesse ensinar aqui. Ele aceitou sem pestanejar. Veio, está conosco há cinco anos, casou-se com uma baiana e é pai de dois baianos, além de continuar aquele mesmo japonês simples e dedicado ao esporte, que conheci há quase dez anos.

Quando esta coluna estiver sendo publicada, já estaremos de volta de mais um campeonato Brasileiro. Com este somam-se nove e deles todos a Bahia se fez presente. Desta feita, na capital paulista. Esperamos uma festa muito bonita, porque o paulistano prestigia muito o karatê. Lembramo-nos de que, em 1965, num torneio sem muita importância, o Ginásio de polícia do Estado de São Paulo, estava completamente lotado e o karatê não tinha ainda a popularidade de hoje. A Federação Paulistana tudo fez para que nada faltasse naquele importante certame e contaremos com detalhes como se passou o IX Campeonato Brasileiro. Estamos apreensivos com as notícias vindas de lá, onde o que se comenta é que sua equipe ganhará de QUALQUER JEITO! Não gostamos do termo. Já estamos habituados às decepções, sempre fomos desconsiderados e relegados a segundo plano.

Hoje, ainda que tenhamos conseguido grandes vitórias para a nossa Bahia, nenhum dos grandes centros se conforma com esta realidade e tudo fazem para quebrar a nossa hegemonia, talvez para conservar a sobrevivência dos inúmeros Mestres. Disso sabemos e os respeitamos, porque muitos são realmente, valorosos.

Antes do campeonato afirmo: se tudo correr normal, o que é quase impossível, venceremos nós!

Conforme prevíamos na semana passada, mesmo antes de embarcar para São Paulo, a festa em que se transformou o IX Campeonato Brasileiro de Karatê foi realmente muito bonita. Isto no que diz respeito à organização, recepção, hospedagem, alimentação adequada, educação por parte dos anfitriões, que tudo fizeram para que nada faltasse à Delegação mostrando ao Brasil como se deve fazer um campeonato de âmbito nacional. Por outro lado, também como previmos, tudo estava preparado para impedir que qualquer outro estado, fora do eixo-esportivo Rio – São Paulo, obtivesse a primeira e, até mesmo, a segunda classificação. Na qualidade de árbitro do quadro nacional da Confederação Brasileira de Pugilismo, fiquei profundamente envergonhado com a atuação do Prof. Rigashino, de Brasília, numa luta que envolvia atletas da Bahia e do Rio de Janeiro. Para

esclarecimentos aos leitores, a Bahia antes dessa luta a que me referi, já derrotara a equipe de Brasília por 4x0. Dirigi-me ao árbitro, após a luta, indagando qual o motivo da sua atitude e, não obtendo resposta, fui obrigado a perder a elegância e dizer-lhe que é necessário respeito aos atletas e ao público, não agindo com tanta parcialidade, o que aliás, já ocorrera em outras oportunidades. Ele baixou a cabeça e mostrou-se visivelmente envergonhado e não me deu resposta alguma.

Coerentemente, na minha opinião, dirigi-me à Mesa Diretora e solicitei o meu desligamento do Quadro de Árbitros, a partir daquele momento. O meu gesto foi secundado por uma representação, por escrito, do presidente da Federação Bahiana de Karatê, que solicitou a exclusão do Prof. Rigashino do Quadro de Árbitros. No dia seguinte, entretanto, quando ia ter início a competição de "kata", o Assessor de Karatê da Confederação Brasileira de Pugilismo escalou como árbitros para a nossa equipe o mesmo Prof. Rigashino, o que fez com que o Presidente da Federação Bahiana de Karatê determinasse a retirada dos atletas do local. O campeonato ficou paralisado durante meia hora. Os outros árbitros solidarizaram-se com o Prof. Rigashino e a Seleção Baiana afastou-se da disputa, pois a coerência tinha de ser mantida, apesar do alto preço que nos impuseram.

Novamente, agora como técnico da Seleção Bahiana, pois o Prof. Machida passara a arbitrar, dirigi-me ao assessor de karatê da C.B.P e disse-lhe que os maiores responsáveis eram aqueles que escalavam os árbitros, pois aí se originava a desonestidade. A bem da verdade, quero declarar que, nas disputas individuais, durante o segundo dia do Campeonato, apesar de ter sido escalado contra a nossa vontade em todas as lutas que tiveram a participação dos atletas da Bahia, o Prof. Rigashino atuou, corretamente, o que vem provar que ele é capaz para o exercício dessa tarefa, mas que, realmente, agira com má fé no caso mencionado inicialmente. Aí os nossos atletas foram derrotados psicologicamente, antes da luta e não perderam por causa da arbitragem, pois participaram como atentos espectadores das marchas e contra-marchas ocasionadas pelo desagradável episódio.

Durante vinte semanas estivemos utilizando este espaço no JORNAL ESPORTE para contar um pouco da luta de um período da nossa vida. A narrativa não obedeceu a nenhuma cronologia, mas abrangeu alguns dos fatos mais importantes da nossa participação neste esporte até o ano de 1970. De lá até os dias atuais, houve um novo e grande impulso. Alcançamos resultados brilhantes e isto, como não podia deixar de ser, começou a incomodar muita gente. Haja vista a recente ocorrência no Campeonato Brasileiro que se realizou há poucos dias, em São Paulo, na Capital. Vamos deixar passar mais um pouco de tempo para contar tudo, sob o nosso ponto de vista, mas com uma perspectiva mais fria, sem as emoções do momento que todos nós, seres humanos, temos de ter".

## CAPITULO XIV

### ESTÁGIO ATUAL

O karatê baiano está vivendo hoje um nível elevado. Apesar da separação, que gerou várias federações, cada qual com suas regras. Entretanto, ainda achamos que deveria haver uma política de unificação voltada para as competições estaduais e nacionais, como acontece nos EUA. Usando como exemplo, o boxe, que possui várias organizações mundiais, onde um lutador pode unificar seus títulos. Se isso acontecesse no Karatê, os atletas tenderiam a uma evolução técnica e reconhecimento nacional e mundial. Atualmente todas as federações têm obtido bons resultados em competições fora do Estado. A Bahia é pródiga em produzir bons lutadores de karatê. Por isso, quando houvesse um campeonato nacional, as confederações deveriam ter um entendimento para fazer uma seletiva estadual e formar uma equipe com os melhores atletas de cada estado. Isso deveria ser feito para melhorar ainda mais o karatê, para evitar tantos campeões nas mesmas categorias em nível nacional.

Se hoje o karatê da Bahia tem muito respeito em qualquer lugar do mundo, isso se deve ao mestre Caribé, porque ele foi a outros lugares buscar as técnicas e tomou muita pancada para deixar esse legado.

Os professores devem lutar pelo karatê moderno, mas não devem esquecer as origens. Devem lutar por um karatê mais técnico, com mais disciplina e respeito acima de tudo, atendendo ao Bushido (Código de ética dos guerreiros samurais).

Não podem esquecer o que o mestre Caribé ensinou um karatê forte e respeitado em qualquer lugar do mundo, pois a Bahia foi preparada para isso.

Atualmente é necessária uma reunificação do karatê, porque ele está muito dividido e, para voltar a brilhar, mais ainda, precisaria unir-se novamente.

O karatê na Bahia atingiu, como desporto e arte marcial, um invejável estágio dentro do próprio estado, projetou-se no Brasil e alcançou destaque mundial pelo trabalho devotado de vários dos seus praticantes, cada qual proporcionando ao karatê reais condições de ser divulgado e expandido, dentro das características pessoais, alguns no “Kumitê”, outros nos “Kata”, e mais outros ministrando aulas, planejando, coordenando, enfim, uma série de atividades que o fizeram evoluir, tanto que ainda hoje, muitos têm o karatê como profissão, como atividade de sobrevivência.

Além da excelente técnica alguns professores estão se destacando por seus trabalhos de pesquisas, tanto na área didático-pedagógico como na área da saúde, a exemplo do professor Marco Monteiro que escreveu alguns livros sobre a didática e pedagogia no karate, professor Eckener Cardoso que escreveu sobre as lesões típicas no karate. Também existem as monografias do curso de pós-graduação em Educação Física feitas pelos professores Joselia Ambrozi, Enobaldo Ataíde, Márcio Ivaldo, Edson Melo Brito e Eckener Cardoso, além dos livros do professor Ivo Rangel e Ubiratan Bezerra e na parte de história filosófica o professor Sérgio Marinho. Outro mestre que também pesquisou e tem um livro no prelo é o professor Antônio Souto Aderne que esboçou o livro Karate: O Caminho. Livro que fala da história do karate.

Porém, com respeito ao trabalho de todos, muitos que já passaram, outros que estão chegando, além daqueles que vão e voltam, treinam para manter a forma, ou até aqueles que, mesmo tendo sido excelentes atletas, ou professores, que, hoje são bem sucedidos em outras profissões, a exemplo do ex-governador da Bahia, Cesar Borges e do vereador

Emerson José, presidente da Câmara de Vereadores do Município de Salvador (2002). De acordo com nossas pesquisas, dois deles se perpetuam na HISTÓRIA DO KARATÊ NA BAHIA, pelo trabalho mais profundo e em várias facetas especiais perante os demais: Os mestres DENILSON CARIBÉ e IVO RANGEL.

## BIBLIOGRAFIA

Apostila cedida pelo professor Alberto Fonseca  
Apostila cedida pelo professor Catarino Oliveira  
Apostila cedida pelo professor Milton Mucarzel  
Apostila cedida pelo Sr. Dorismar Caribé.  
DÔ – A Revista das Artes Marciais – Diversos números  
Esporte Jornal período de 18/10/76 a 30/10/78 (Editado em Salvador-Ba)  
Estudos de Karatê – Professor Ivo Rangel – 4ª edição  
Jornal A TARDE – Diversos números  
Jornal da BAHIA – Diversos números  
Jornal DIMENSÃO – Itapetinga – Ba – Diversos números  
Jornal Informativo CONEXÃO ORIENTAL – Diversos números  
Jornal Informativo da FKTB – Diversos números  
Karate-Do, Uma Introdução – Ubiratan Bezerra – 1ª edição  
Revista Chutes & Socos (Puro Esporte)– Diversos números  
Revista COMBAT SPORT – Diversos números  
Revista Filosofia Marcial  
Revista KIAI (diversos números)  
Revista New Kiokushin  
Revista Notícias Esportivas (Editada em 1968 em Salvador-Ba)

Entrevistas com os professores, atletas, jornalistas e pessoas ligadas ao karatê, abaixo relacionado em ordem alfabética, a saber:

Adriana Silva Oliveira (professora) - Salvador  
Alberto Fonseca (professor) - Salvador  
Alex Velame (professor) - Salvador  
Almir Aleluia (médico, professor) - Salvador  
Amanda Pires (professora) - Salvador  
Ângelo Decânio (médico) - Salvador  
Antônio Bião Martins Luna (coronel do exército) - Salvador  
Antônio Souto Aderne (arquiteto, economista e professor) – Lauro de Freitas  
Ari Silvio Pina Duarte (professor) – (concedeu entrevista ao professor Marco Monteiro, editor da revista Chutes & Socos, para o livro) - Macéio  
Carlos Santana (professor) – Feira de Santana  
Catarino Oliveira (professor) - Salvador  
D. Maria Rita Bacelar (Ex-secretaria da FBK) - Salvador  
D. Valda Caribé (Mãe de Denilson Caribé) – Salvador  
Dalmar Caribé (professor) - Salvador  
Dilson Machado “Dilson Madeira” (professor e empresário) – Santo Antonio de Jesus  
Dorival Caribé de Castro (empresário, professor) - Salvador  
Eckener de Pereira Cardoso Sobrinho (professor e escritor) - Salvador  
Eisuke Oishi (Salvador – dia 15/12/2000)  
Estácio Moreira Pinto (empresário) - Salvador  
Ezilo Vieira (professor) - Eunapólis  
Fauzi Abdala João (vice-presidente da CBK) - Salvador  
Ivo Rangel (Advogado, professor) – Salvador

Jamil Junior – (professor) - Salvador  
Joan Brito Lemos (professor) - Itapetinga  
João Maria de Paula (professor) - Camaçari  
José Augusto Maciel Torres (psicanalista, professor universitário e escritor) - Salvador  
José Monteiro (professor) - Salvador  
Jurandir Carvalho Viana (professor) – Itapetinga  
Koji Takamatsu (mestre de karatê) - São Paulo  
Manoel Mascote (professor e empresário) – Itabuna  
Marco Antônio de Carvalho Monteiro (jornalista, psicanalista) - Salvador  
Marcos Menezes (professor) – Salvador  
Mário Conceição de Souza (mestre de defesa pessoal) – Salvador  
Masahiro Saito (Mestre de judô) – Salvador  
Milton Mucarzel Leovigildo (professor) - Salvador  
Nelson Daltro (professor) – Lauro de Freitas  
Oldac Araújo (empresário, professor) – Feira de Santana  
Paulo Roberto Abrantes (professor) – Ibicaraí  
Pedro Ivo Bacelar (Jornalista) - Salvador  
Raimundo Veiga (professor) - Salvador  
Reginaldo Couto Cruz (professor) - Salvador  
Renato de Azevedo Neto (economista) - Salvador  
Renato Pereira (professor) – Feira de Santana  
Robert Brito Lemos (veterinário) - Itapetinga  
Sérgio Bastos (professor) - Salvador  
Sohaku R. C. Bastos, PHD (Reitor para o Brasil da The Open International University for  
Complementary Medicines) – Rio de Janeiro  
Valdir Silva (professor) - Salvador  
Valney Lins (professor) - Salvador  
Vilobaldo Moraes Pedreira (professor) – Feira de Santana  
Walter Andrade de Carvalho (empresário) - Salvador